

Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel

Notícias relacionadas aos Livros

Os dez Mandamentos, Cronistas de Florianópolis, 10 Contos escolhidos, Salim Literatura e Coerência, As Várias Faces, Onze de Biguaçu, mais um



Organização e digitalização:

Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai Jordanou, Jonathan Rodrigues
Coordenação. Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Número	Referência
CRONISTAS DE FLORIANÓPOLIS	
001	SARTORIR, Raul. Veto. A Notícia . Florianópolis, 15 de jul. de 1996. Anexo, p. C5
002	PEREIRA, Moacir. Censura. O Estado . Florianópolis, 09 ago. de 1996.
003	CRONISTAS lançam livro. A Notícia . Joinville, 11 de dez. de 1996. Anexo, p. C3
10 CONTOS ESCOLHIDOS	
004	CONTOS escolhidos de Salim Miguel. O Estado . Florianópolis, 26 de maio de 1986. 2º Caderno, p. 15
005	HOHLFELDT, Antônio. Entre a aparência e a realidade, a essência da fragmentação. Porto Alegre, 01 maio de 199. 17 folhas impressas.
OS DEZ MANDAMENTOS	
006	FICÇÃO catarinense passeia pelos "Dez mandamentos". O Estado . Florianópolis, 05 de nov. de 1996. Cultura, p. 10
007	GOMES, Osmar. Transgressões aos mandamentos. A Notícia . Florianópolis, 05 de nov. de 1996. Última página
008	MALLMANN, Régis. Relatos de atos impuros. Diário Catarinense . Florianópolis, 05 de nov. de 1996. Variedades. p. 5
009	GEHLEN, Joel. Dez autores que caíram na tentação. A Notícia . Joinville, 22 de nov. de 1996. Anexo
010	JUNKES, Lauro. Novos mandamentos para o terceiro milênio. Diário Catarinense . Florianópolis, 30 de nov. de 1996. Cultura, p. 5.
SALIM MIGUEL: LITERATURA E COERÊNCIA	
011	LEITE, Pedro. Quarenta anos de literatura. Diário Catarinense . Florianópolis, 26 out. de 1991. Variedades, p. 12
012	DEDICAÇÃO reconhecida. Diário Catarinense . Florianópolis, 11 de nov. de 1991. Variedades. p. 1
013	SANDRONI, Cícero. A lei Rouanet, Dona Cleof e Salim Miguel. Tribuna da Imprensa . Rio de Janeiro, 18 de dez. de 1991. Tribuna Bis. p. 2
014	ATHANÁZIO, Enéas. Tempo de homenagens. Blumenal em Cadernos , Blumenau, n.1, p.13-14, jan.1992
AS VÁRIAS FACES	
015	DAMIÃO, Carlos. Salim está de volta, com novo mergulho na memória. O Estado . Florianópolis, 07 dez. de 1994. Cultura, p.12
016	MENEZES, Carlos. Novas crônicas dos exílios londrinos. O Globo . Rio de Janeiro, [199?], p. 7
017	BOBSIN, Simone. A nova face de Salim Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 12 mar. de 1991. Variedades, p. 2
017	UMA FARSA em três atos. Diário Catarinense , Florianópolis, 12 mar. de 1991. Variedades, p. 2
017	HOHLFELDT, Antônio. Linguagem da reinvenção. Diário Catarinense . Florianópolis, 12 mar. de 1991. Variedades, p. 2.
018	MENEZES, Carlos. Poetas unidos contra a violência. O Globo . Rio de Janeiro, 04 out. de 1994.
019	MELO JÚNIOR, Maurício. Novela em três atos é um falso teatro. Correio Braziliense . Brasília, 28 nov. de 1994, p. 4.
020	AS VÁRIAS faces. O Estado . Florianópolis, 05 dez. de 1994.
021	SALIM Miguel lança novo livro. O Estado . Florianópolis, 05 dez. de 1994. Cultura, p. 7.

022	ESTRUTURA híbrida marca "As Várias Faces". A Notícia . Florianópolis, 06 dez. de 1994. Cultura, p. 37.
023	WEISS, Ula. As várias faces de um autor de talento. Diário Catarinense . Florianópolis, 07 dez. de 1994. Variedades, p. 8.
024	CALADO, Maria Nina. Um lançamento cheio de emoção. Jornal do Comércio . Recife, 09 dez. de 1994, p. 8.
025	JORGE, Miguel. Várias faces. Jornal Opção . Goiânia, 18 à 24 dez. de 1994, p. 7
ONZE DE BIGUAÇU, MAIS UM	
026	SALIM: obra nova. O Estado . Florianópolis, 02 dez. de 1997. Informação Geral. p. 4
027	DAMIÃO, Carlos. Salim Miguel lança nova obra hoje. O Estado . Florianópolis, 03 dez. de 1997, p. 1
028	REZENDE, Dorva. A Biguaçu universal: livro de contos de Salim Miguel descreve, em tom ficcional, passagens de sua infância e adolescência. Diário Catarinense . Florianópolis, 03 dez. de 1997. Variedades, p. 1.
029	DAMIÃO, Carlos. Salim Miguel e a força da memória. O Estado . Florianópolis, 03 dez. de 1997. Cultura, p. 11.
030	BIGUAÇU de Salim. Jornal Universitário . Florianópolis, 05 dez. de 1997. p. 10.
031	GEHLEN, Joel. Biguaçu de Salim: escritor catarinense lança o 15º livro hoje em Florianópolis. A Notícia . Florianópolis, 09 dez. de 1997. Anexo.
032	MACHADO, Ricardinho. 15º. AN Capital . Florianópolis, 09 dez. de 1997. Variedades, p. 5
033	WOSGRAUS, Juliana. Noite de autógrafos. Diário Catarinense . Florianópolis, 09 dez. de 1997. Variedades. p. 7.
034	HOMENAGEM literária: Onze de Biguaçu mais um de Salim Miguel. O Globo . Rio de Janeiro, 20 dez. de 1997. Prosa & Verso. p. 2
035	AMORIM, Norma. Reminiscências. O Estado . Florianópolis, 29 dez. de 1997. Do leitor, p. 2.
036	ONZE de Biguaçu mais um. Correio das Artes . João Pessoa, 05 abr. de 1998, p. 2.
037	HOHLFELDT, Antônio. Reencontro com o contista. Ô Catarina . Florianópolis, n. 29, p.12, maio/jun. de 1998.
038	APPEL, Carlos O menino é o pai do homem: "Onze de Biguaçu mais um", obra mais recente de Salim Miguel, revisita a família e a infância no pequeno universo interiorano da grande Florianópolis. A Notícia . Florianópolis, 31 maio de 1998. Caderno 5.
039	ALVES, Hamilton. A obra-prima de Salim Miguel. A Notícia . Joinville, 07 jan. de 1998. Anexo, p. C-2.
040	LANÇAMENTOS. Gazeta do Povo . Curitiba, 19 jan. de 1998.
041	PATRIOTA, Nelson. Livros/Lançamentos. O Galo. Natal, maio/jun. de 1999. p. 23.

Veto

O escritor Salim Miguel, encarregado de organizar um livro de contos como parte do projeto "A Ilha em Buenos Aires 2", pediu para deixar a missão, embora como presidente da Fundação Franklin Cascaes continue integrado ao evento, que vai ocorrer novamente em novembro na capital argentina. Para integrar a obra, Salim relacionou 14 autores que se encaixassem dentro de vários critérios, como morar em Florianópolis e ter livro publicado, dentre outros. A relação foi enviada a Secom, pouco antes de sua extinção, e voltou com um nome excluído, sem explicação oficial, deixando o apolítico Salim em situação constrangedora. O livro já tinha tradução e editora contratados. Agora procura-se um outro coordenador.

L Censura

Jornalista e escritor Salim Miguel, incumbido de organizar o livro “Contistas da Ilha”, edição bilingüe, que integraria o projeto “A Ilha em Buenos Aires - Ano II”, afastou-se da missão quando foi surpreendido como o veto oficial a um dos nomes selecionados.

Nega que o nome de Péricles Prade tenha sido cogitado para compor a obra, uma vez que um dos critérios era o de não-inclusão dos contistas que participaram de “Ilhíada — Uma Trezena Lírica”, caso do escritor tuçano.

Cronistas lançam livro

Florianópolis — Os 10 autores ganhadores do Prêmio Franklin Cascaes de Literatura, categoria crônica, terão hoje seus textos lançados no livro "Cronistas de Florianópolis", editado pela Fundação Franklin Cascaes, da Prefeitura Municipal. São 12 crônicas que falam sobre a cidade, com lançamento às 17 horas, na sede da entidade.

Integram o livro textos de Denise Ouriques Medeiros, Elton Antonio Licks, Fabiana Sandri, Jorge Esteves da Silva, Lucelênia Inocência da Silva, Marcelo do Lago, Marcos Vinícius Lopes, Raquel



Livro "Cronistas de Florianópolis"

Wandelli e Regina da Silva. "Eles cantaram sua terra com sensibilidade e senso crítico. Querem e estão atentos para que o progresso represente melhor qualidade de vida para toda a população. Artistas e poetas, cujas antenas são vibráveis, alertam: 'cuidado com os que protegem o ovo da serpente', conforme

adverte um dos cronistas", disse a escritora Eglê Malheiros, integrante da comissão julgadora do Prêmio. A Fundação Franklin Cascaes fica à rua Tenente Silveira, 293, 2º andar. Edifício Reflex. Tel. (048) 223-2517/222-4337

Contos escolhidos de Salim Miguel

Um novo livro do escritor Salim Miguel está circulando nas Universidades e nas livrarias do País. Trata-se de "10 contos escolhidos", da Coleção 10, que a Horizonte Editora Limitada lançou. A Coleção 10 é constituída de volumes de contos dos mais importantes escritores brasileiros vivos que se dedicam a essa modalidade literária no País. O livro é apresentado "com grande aparato crítico e informativo sobre o autor e sua obra", informa o editor Geraldo Vasconcelos. No volume "10 contos escolhidos" encontra-se nota biográfica, bibliografia ativa e passiva, estudo introdutório e folheto de trabalho preparado por professores universitários da área de letras. Por isso a editora acredita que está assegurada a adoção, com pleno êxito, dos títulos da coleção em numerosos colégios e faculdades de todo o território nacional.

Salim Miguel, que dirige a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, explica que o livro reúne trabalhos seus de livros anteriores, desde "Velhice e outros contos" até "A morte do tenente e outras mortes". São 5 mil exemplares, sendo 2.500 adquiridos pelo Instituto Nacional do Livro para ser distribuído a todas as bibliotecas do País. Os outros 2.500 ficam para os cursos de Letras em Brasília, Minas, Goiás e especialmente na região do autor.

"Dez contos escolhidos", segundo o escritor Salim Miguel, reúne contos de uma mesma linha de trabalho mostrando primeiro o universo mis-



Fotos: Marcus Quint



Salim: mais livros em breve

tico e real de Biguaçu (cidade onde o escritor passou sua infância, depois de chegar do Líbano, aos três anos

de idade); a preocupação com o tempo e a memória e os problemas da velhice e do inter-relacionamento entre os seres humanos.

A apresentação do livro é feita por Antônio Hohlfeldt, que faz um estudo introdutório dizendo que deve-se chamar a atenção do leitor para o fato de que, em Salim Miguel, toda a coletânea de contos organiza-se como conjunto de peças formadas de uma unidade intrínseca. No caso desta antologia, que se inicia com dois trabalhos retirados de "Velhice e outros contos", recentemente reeditado, e chega até "A morte do tenente e outras mortes", tem não apenas uma cuidada seleção da obra como a possibilidade de se fazer uma leitura organizada de tais trabalhos, em número de 10, abrangendo ainda os livros "Alguma gente" e "O primeiro gosto", com que se completa sua bibliografia ficcional, que contém ainda um romance, "Rede".

Salim está com mais dois livros para sair. "O castelo de Frankenstein (anotações sobre autores e livros)", um deles, reúne crítica literária, resenhas, depoimentos e prefácios de autores brasileiros e hispano-americanos publicados nos 10 últimos anos em órgãos de imprensa do Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Este livro deve sair em junho ou julho.

O segundo livro reúne 10 contos publicados em 85, "As areias do tempo", que deverá ser editado pela Editora Global, de São Paulo, a mesma editora que publicou o último romance do autor, "A voz submersa".

Entre a aparê^çncia e a realidade,
a essência da fragmentação

Antonio Hohlfeldt ⁴

⁴Escritor, crítico de literatura.

1

Entre 1955 e 1991, Salim Miguel ~~el~~ produziu quatro romances (o último dos quais ainda inédito), o que pode levar-nos à conclusão de que teria escrito um romance a cada década. Na verdade, há uma evidente concentração nos últimos anos, eis que, ~~na~~ ~~mesa~~, após a experiência isolada de Rede, só em 1984, com A Voz Submersa, retornaria ao gênero, produzindo, sucessivamente, A Vida breve de Sezefredo das Neves, poeta (1987) e agora As Várias Faces (1991), ainda não publicado. Ou seja, seguindo a tendência verificada na literatura brasileira da década passada ~~em~~ diante, o escritor catarinense troca a narrativa curta pela do romance. Não é minha atenção discutir, aqui, se tal modificação ou preferência atende à demanda do mercado editorial brasileiro, cada vez mais inserido no que se convencionou denominar de indústria cultural ou se, ao contrário, atende a uma ^{realidade} ~~ambição~~ pessoal e literária. Na verdade, não é relevante, da mesma forma que não iríamos muito além de um certo anedotário literário observar que nos títulos de seus três últimos livros as palavras estão sempre iniciando com a letra v (voz - vida - várias). O que vale, efetivamente, é a análise dos textos e a verificação de uma sua eventual unidade. Isso o que pretendo buscar aqui.

Rede é um romance que, embora publicado em 1955, insere-se claramente na vertente do chamado romance de 30, como já tive a oportunidade de registrar, ao comentá-lo anteriormente.

Concentrando sua ação em oito dias, de uma terça-feira a outra terça-feira, a narrativa acompanha a resistência de um grupo de pescadores, relativamente despossuídos, à invasão e competição que sofrem por parte de pesqueiros internacionais muito melhor apetrechados que eles. A narrativa, contudo, não é masoquista, de sorte que relativiza as ações, demonstrando que a mesma competição predatória hoje sofrida por eles, é igualmente por eles exercida contra pescadores de menores posses. Assim, o que Salim Miguel mostra é a complexidade dramática das regras capitalistas onde, muitas vezes, a vítima é também o carrasco, ainda que disso não se dê conta com clareza.

A ação dramática é conduzida centralmente pelas figuras de Leopoldo, Manoel, Lucas, Godofredo e Juquinha. O contraponto nasce das figuras de seu Jango, o barbeiro adesista, Flordardo, a serviço de interesses fora daquela comunidade, os representantes das crendices populares como Ti'Adão - que se tornaria presença constante em todos os textos do escritor - seu

Cardozo e Jacinto Silva, espécies de feiticeiros populares que substituem os inexistentes médicos na comunidade. Por fim, a figura de Leonor, a professora jovem e derrotada, que se limita a reproduzir, na escola, a ~~dominação~~ dominação que o sistema criou e desenvolve, em contraste com Lurdes, sobrinha de seu Jan- go e namorada de Godofredo quem, com o rapaz, simbolizam a possibilidade do novo através de seu relacionamentpo.

O romance é relativamente esquemático e seus resultados escassos. A narrativa evolui no acompanhamento do nascimento da consciência política dos integrantes daquela comunidade. Sob certo aspecto, é uma narrativa eminentemente coletivista, como o é, aliás, quase sempre, a narrativa dos anos trinta. Mas escapa parcialmente desta formalização, na medida em que aprofunda os dramas individuais, na verdade, diferentes facetas particularizadas do que a teoria geral pretende demonstrar.

Este processo de conscientização, antes mencionado, é acompanhado par e passo pelo narrador, numa evolução narrativa contemporânea ao desenvolvimento dos fatos. Foi a primeira e única vez em que tal ocorreu na literatura de Salim Miguel. Neste sentido - pelo estilo adotado e pelo gênero escolhido - Rede

colocava-se então como uma espécie de exceção da obra de Salim Miguel, o que não estava, de todo, errado.

O escritor ficaria silencioso, do ponto de vista de publicações, durante muito tempo. Retornaria apenas duas décadas depois, editando seus dois livros mais maduros de narrativas curtas, O primeiro Gosto (1973) e A Morte do Tenente e outras Mortes (1979). Só então ^{re-encontraria} ~~o romance~~ o romance, publicando A Voz submersa (1984), texto que, se o devolvia ao romance, sobretudo mantinha-o fiel às tendências estilísticas que já então solidificara e o transformara em um escritor plenamente reconhecível pelo leitor, a qualquer momento,.

A Voz submersa, a exemplo dos demais romances que seriam produzidos pelo escritor, parte de uma situação histórica geral, coletiva, para centralizar sua atenção sobre uma vida particular. Mais que isso, a narrativa insere a vida individualizada claramente no contexto coletivo, como que a servir de demonstração do episódio maior, como que a dizer o escritor que tal vida, com suas contradições, existe exatamente na medida em que se insere em determinado contexto, aquele que o escritor focaliza.

A Voz submersa parte do episódio ocorrido no dia 28 de março de 1968, no Rio de Janeiro, em que os estudantes universitários cariocas se manifestaram contra o aumento do preço das refeições de um dos restaurantes da universidade, o Calabouço. Fortemente reprimidos pela polícia, o estudante secundarista Edson Luiz acaba assassinado.

A partir desse episódio-limite, Salim Miguel situa sua personagem. Dulce acha-se casualmente na rua e é envolvida pelos acontecimentos. Aparentemente nada a ligava aos episódios históricos e a vida pregressa ou presente de Dulce, burguesa insatisfeita com sua vida, histérica, que passa horas ao telefone dialogando-monologando com a mãe, queixando-se dos filhos, do marido, comentando as amigas, enfim, falando mal da vida de todo o mundo. Contudo, ao recuperar gradualmente os fatos anteriores da vida de Dulce, a narrativa vai nos revelando o quase invisível, mas nem por isso menos consistente fio que a liga àqueles fatos violentos. Oriunda de Santa Catarina, Dulce viveu infância difícil. Casada com Sílvio, filho de família decadente da área da cana-de-açúcar, assiste o marido a subir repentinamente na vida, enriquecendo através de tramóias que são armadas

nas negociatas apoiadas pelo regime autoritário que se instalara em 1964 no país, com a cobertura dos militares. Insatisfeita, Dulce verbaliza diferentes modos de vida de suas amigas, todas a traduzirem, no fundo, ~~uma busca~~ a artificialidade, a busca bastante desesperada de algo que perderam - sua ^{es}encialidade - e que não reencontram, substituindo-a, então, por práticas artificiais que não as preenchem.

A obra é formalmente estruturada em três partes, a primeira das quais intitulada Tumentendes, neologismo com o qual o escritor simboliza a pergunta-afirmação de Dulce nos seus eternos diálogos-monólogos com a mãe, pelo telefone, evidente símbolo da psicanálise a que a personagem indiretamente se submete, aos olhos do leitor.

A esta parte inicial, que ocupa praticamente mais que a metade do texto, segue-se os diferentes e fragmentados relatos de outras personagens em torno da figura de Dulce. O texto se conclui com uma curta passagem em que o narrador se indaga a respeito da criatura e do próprio fazer literário.

Com A Voz submersa Salim Miguel na verdade lançava o seu modelo de romance, como veremos adiante. Variando os detalhes

}

e os enfoques, aprofundando as perspectivas, Salim Miguel claramente iniciava uma nova etapa em sua literatura. Não abandonaria o conto (viria a publicar Nas Areias do Tempo (1988) e reuniria ensaios literários publicados em jornais ao longo de décadas, com os dois volumes de O Castelo de Frankenstein (1986 e 1990). Retornaria ao romance em 1987, com A Vida breve de Sezefredo das Neves, poeta (1987).

A Voz submersa é um romance da decadência e da ditadura, através do fluxo de consciência de Dulce, cuja voz, embora submersa, conforme indica o título da obra, bem ou mal se faz ouvir, funda, junto aos leitores. Dulce é uma personagem que se nega à ação, e neste sentido, só o encerrar-se numa cabine telefônica, evidente símbolo do útero materno, pode satisfazê-la e equilibrá-la, numa espécie de tentativa desesperada de voltar atrás. Simultaneamente, é um texto de reflexão em torno do fazer literário, constituindo-se as seis páginas finais que compõem a terceira e última parte do romance, em momento antológico do escritor catarinense.

Já A Vida breve ... desenvolve variação sobre o tema. Há um (re)descobrimento da verdadeira face da personagem

central, o mencionado Sezefredo das Neves, encoberto durante sua vida e que agora surge, espécie de *fênix*, aos olhos de seus antigos amigos e companheiros que, no entanto, se negam a admitir alguns dos aspectos contraditórios que cercam a biografia do ex-l-critor e posterior empresário, exatamente porque tais aspectos colocam em xeque a vida e as posições das demais personagens.

Avançando e aprofundando gradualmente prática que caracteriza sua obra, Salim Miguel constrói verdadeiro jogo de en-
cobrimentos e desvelamentos em torno da figura de Sezefredo das Neves. Simultaneamente, explora aspecto nitidamente lúdico da literatura, construindo paráfrases dos textos, discursos e visões de época dos integrantes do chamado Grupo Sul, em Florianópolis, a partir de 1950.

A exemplo do romance anterior, também A Vida breve... é uma narrativa datada, embora com maior complexidade. A personagem central nasce em 1927 (o que a coloca etariamente no citado Grupo Sul, constituído por artistas nascidos a partir de 1920). Até 1943, a personagem vive em Florianópolis e pretende tornar-se escritor, sendo, porém, permanentemente rechaçado por seus companheiros, que não o permitem em seu entorno. No dia 24

de agosto de 1954 (data do suicídio de Getúlio Vargas), Seze-
fredo das Neves desaparece. Saber-se-á depois, que seguiu para
o oeste catarinense, onde permanecerá, reaparecendo apenas no
dia 24 de agosto de 1936, quando a notícia de sua morte e o pro-
cesso de seu (re)descobrimento se inicia, constituindo propria-
mente dita a narrativa.

É evidente que Salim Miguel retom~~a~~^{ma}, com este romance,
o mesmo período do anterior, embora ampliando-o, eis que as a-
ções centrais abrangem três décadas, de 1954 a 1936. A simbolo-
gia da narrativa não é difícil de ser identificada: o oeste ca-
tarinense, que sofreu fortíssimo processo de industrialização
durante a ditadura de 1964, é o ~~es~~^{es}torado dos que querem enri-
quecer a qualquer custo e sem qualquer ética. Aliás, destaque-
se episódio infantil rememorado pela personagem em que o meni-
no, encontrando moeda perdida na rua, vai indagar da mãe se a po-
de juntar. Autorid~~ado~~^{ado}, quando retorna ao local, evidentemente não
mais a encontra, o que faz com que a criança reflexione sobre a
ética da riqueza. Mais tarde, o episódio será referencial para
se entender a psicologia que se sugere fragmentaria~~mente~~^{mente}
relação à personagem: marginalizado, negado, rechaçado, enquanto

sensibilidade humanística e artística, Sezefredo das Neves de certo modo vinga-se dos amigos e companheiros tornando-se um bem sucedido capitão de indústria. A ironia de Salim Miguel é justamente fazer com que a personagem, ao invés do processo mais conhecido de que o indivíduo compensa suas frustrações através da arte, faz com que Sezefredo compense-se através do sucesso nos negócios, o que faz distanciar-se dos antigos companheiros que, por isso mesmo, rechaçando-o antes, continuam a rechaçá-lo agora, apenas que sob motivação diversa, pois que a atual implica em uma contestação de suas próprias pretensões e realizações. O (re)descobrimento de Sezefredo das Neves é, pois, uma espécie de processo de filtragem, um elemento de espelho que o escritor volta sobre as demais personagens e, porque não dizer, à medida em que retoma a reflexão sobre o fazer literário, sobre si mesmo.

A obra mais recente de Salim Miguel, e ainda inédita em letra de fôrma, intitula-se As várias Faces. Provocativamente o escritor subintitula-a novela em três atos. Efetivamente, a forma adotada é, aparentemente, a da peça de teatro. No entanto, se lida sob tal prisma, sua lentidão, os diálogos longos, o e-

naustiva detalhamento do cenário, dos gestos e ações que se desenvolvem, com extensas rubricas, fazem parecer uma peça de teatro frustrada. Aliás, foi essa a primeira impressão que tive após a leitura. Contudo, o leitor acostumado às armadilhas do escritor, a sua experimentação inteligente e sensível, dar-se-pá conta de que, efetivamente, não estamos ante uma peça de teatro, literariamente falando. Estamos, sim, diante do teatro, de uma representação, mas de uma representação da vida. Porque a artificialidade das vidas vividas pelas personagens, a falsidade das situações enfocadas, o distanciamento de um estilo realista é que determinou a escolha de uma forma - a forma aparentemente dramática da peça de teatro - para estruturar sua novela -- porque não tenho dúvidas em afirmar que se trata de uma novela.

As várias Faces divide-se, a exemplo de A Voz sub-

mersa, em três partes ou atos, aqui mais equilibrados em seus desdobramentos, à exceção da última, que se concentra em dois movimentos, o discurso verborrágico do pintor de meia idade e as falas do comissário de polícia. A situação dramática tem pequeno e exasperante desenvolvimento: uma exposição de artes

plásticas de um jovem pintor, está sendo inaugurada (primeiro ato ou parte). Uma verdadeira zoológico de tipos humanos se reúne na pequena galeria de arte, situada em um hotel de categoria média, ao lado de um pequeno bar.

No segundo ato ou parte, verifica-se o desaparecimento de uma das peças em exposição, justamente a peça mais polêmica, uma obra em técnica mista que reúne um gato empalhado sobre tela, com pintura suplementar, e cujos olhos brilhantes davam estranha impressão de vida. Os mesmos tipos acorrem gradativamente à cena, como que numa antecipação da expressão do comissário de polícia no terceiro ato: o criminoso sempre volta à cena do crime. E, no fundo, o que pretende o narrador é demonstrar-nos, indiretamente, que todas aquelas personagens são culpadas de alguma coisa, são criminosas lato sensu, embora não necessariamente responsáveis pelo desaparecimento daquela obra (ou daquele crime).

Ao contrário dos textos anteriores em que a narrativa se centralizava em uma personagem (o herói ou anti herói), neste caso não existem personagens com denominações individuais, à exceção da mulher, Lúcia, que não é, contudo, figura central

da narrativa. Nem mesmo o Expositor, ou o Pintor de Meia Idade ou ainda o Comissário. Na verdade, o elemento central é, nada mais nada menos que o quadro e | exposição e que termina desaparecido. Sob certo aspecto, Salim Miguel repete, literariamente falando, uma prática comum nas artes plásticas chamada empacotamento, de que, dentre outros, o búlgaro naturalizado norte-americano Christo é um referencial obrigatório. Partindo-se dos experimentos iniciais dos ready-made de Ray Man e outros, o empacotamento é uma busca de revelação do encoberto, à semelhança do que a personagem de Anthony Burgess em A Laranja Mecânica sugeria. A arte revela as coisas encobertas, porque a realidade transmuta-se e se torna muito mais emocionante quando recriada na arte, do que ocorre na realidade.

A narrativa de Salim Miguel, se anteriormente homenageara o Grupo Sul, agora volta-se para um artista plástico muito próximo do escritor: Meyer Filho e seus galos, escolhidos como elemento simbólico do texto. É que o pintor fixou um gato, mas o pintor de meia idade, de certa forma seu contestador, preferirá visualizar a imagem do galo. O narrador aproveita a proximidade- diversidade das substantivos e dos conteúdos semã

nanticos para, uma vez mais, refletir a respeito do processo de criação artística. Na verdade, mais do que em todos os textos anteriores em que a criação era um tema paralelo, aqui ele se torna o leit-motiv central e deslacrador de toda a armação dramática, desencadeando reflexões a respeito da realidade e de sua relatividade.

As Várias Faces termina com uma longa peroração do comissário de polícia, enviado à galeria para esclarecer o roubo, numa fala em que transforma os pretensos espectadores da peça teatral-leitores da novela, em espécies de criminosos e testemunhas, proibidos de se afastarem do local do crime (a galeria), quer dizer, do teatro, quer dizer, da leitura. Esta exploração, mais evidendo que em livros anteriores, da ironia, é uma das novidades do novo livro de Salim Miguel.

Examinados cada um dos quatro romances do escritor de Biguaçu, o que se poderia generalizar em torno do romance de Salim Miguel? Há, efetivamente, uma poética romanesca por parte do escritor? Eu acredito que sim. Se não, vejamos.

À exceção de Rede e do último As várias Faces, os dois outros romances estão claramente datados, abrangendo período mui

semelhante, que é o da ditadura (seus antecedentes, sua contemporaneidade, suas conseqüências). Se dois dos textos não incluem essa datação expressa, não se distanciam, porém, da preocupação central do escritor: as quatro obras tocam na questão da identidade, seja a identidade conscientizadamente coletiva de Rede, seja a identificação individualizada e fixada numa classe social e numa função social ^{como} ocorre em A Voz submersa ou A Vida breve..., seja, enfim, a busca de identidade (desaparecida) do Expositor, no romance ainda inédito.

Saímos de Rede, onde temos sobretudo um herói individual como arquétipo de uma coletividade, para os anti-heróis individualizados nos romances seguintes. Quando chegamos ao último texto, porém, nem isso mais ocorre - são tipos, são sombras, são literalmente marionetes, bonecos (para ficarmos na linguagem teatral) que surgem em cena, numa representação falsa, permanente, artificial, que os condena antecipadamente no julgamento do comissário.

À exceção do romance de estréia, Rede, todos os demais desenvolvem reflexões sobre a criação artística, numa consideração permanentemente expandida, de tal forma que tal preo-

cupação acaba se transformando no centro das atenções da última narrativa.

Ligada a essa, está a questão da aparência e da essência, ou seja, as aparências enganam, mesmo na realidade. O que dizer, então, na arte? Pode-se expressar a questão sob outro prisma: a realidade, que aparenta ser ^pessencial, é falsa. Só na arte, que é uma falsificação (porque recriação, porque transformação do real) é que encontraremos o essencial.

Por fim, o tema central de toda a obra literária de Salim Miguel, verificável tanto em seus contos quanto em seus romances, à exceção, como já afirmei, do Rede: o tempo. Sobretudo nesse último texto, as expressões do sentimento da passagem do tempo sobre nós (e não de nós sobre o tempo, o que indicaria a atividade histórica) é permanente. Assim, surge a perspectiva negativa da pusilanimidade, da passividade, da artificialidade, que se fortifica sob diferentes aspectos. As personagens não são capazes de viver a vida, pura e simplesmente. Então, necessitam recriá-la, reiventá-la pela memória. Mas a memória acrescenta, retém, filtra, transforma, é, sob certo aspecto, traidora, ainda que, sob outro, iluminadora.

Se nos contos alguns textos ainda se encontram presos a um espaço ficcional mais próximo da área rural, nos romances, ao contrário, ainda uma vez à exceção do livro de estréia, o espaço principal é urbano. Existem eventuais memórias de um tempo antigo e de um espaço transicional, semi-urbano ou semi-rural. Mas as ações se passam eminentemente no centro urbano.

A consequência dessa urbanização encontra-se na própria forma da narrativa que é crescentemente fragmentada. Tirante Rede em que existe um narrador onisciente e, portanto, com perspectiva inteiramente integralizadora e unificadora, já em A Voz submersa sentimos a fragmentação, não apenas pelas diferentes facetas e emoções da personagem (fragmentação interna) quanto externa, na apreensão da aparência a terceiros que a personagem e a realidade nos apresenta.

O processo fragmentário cresce em A Vida breve de Sezefredo das Neves, Poeta, na medida em que já não se consegue mais qualquer integração, é a fragmentação, o retrato incompleto, ambíguo e contraditório o que se afirma ao leitor. Mas em As Várias Faces, e já a partir de seu título, a fragmentação é absoluta. Não se tenta, sequer, qualquer integração. É a par-

tir dos diálogos (falsos), dos monólogos e da verborragia dos diferentes discursos que se tenta reconstituir a realidade. Mas reconhece-se que esta realidade é essencialmente aparência: o quadro não é o que parece ser. E ainda por cima desaparece (que é quando mais se afirma, aliás). Sobretudo, nem o Expositor é capaz de verbalizar o que realiza. Assim, esfacela-se, definitivamente, o discurso unificador, subjazendo, apenas, a possibilidade relativizadora da fragmentação. É em tal degrau que hoje se encontra a literatura de Salim Miguel. Sua fragmentação é, sem dúvida, a sua principal ^{marca} ~~característica~~ de modernidade e contemporaneidade. Mas para um escritor que não é afeito aos modismos nem às etiquetas momentâneas, é lógico que existe mais do que isso. Existe, sim, a preocupação em documentar as contradições de uma época e de uma civilização, o que faz de maneira perturbadoramente fiel, e numa coerência de evolução literária bastante rara entre nós.

P. Alegre, 1º de maio de 1991

Antonio Hohlfeldt

"Pensar e ser é o mesmo"

Parmênides de Eléia

"Em nós, manifesta-se sempre uma e a mesma coisa: vida e morte, vigília e sono, juventude e velhice. Pois a mudança de um dá o outro e reciprocamente."

Heráclito de Éfeso

Ficção catarinense passeia pelos "Dez Mandamentos"

Dez escritores lançam "Os Dez Mandamentos", hoje à noite, no Palácio Cruz e Souza

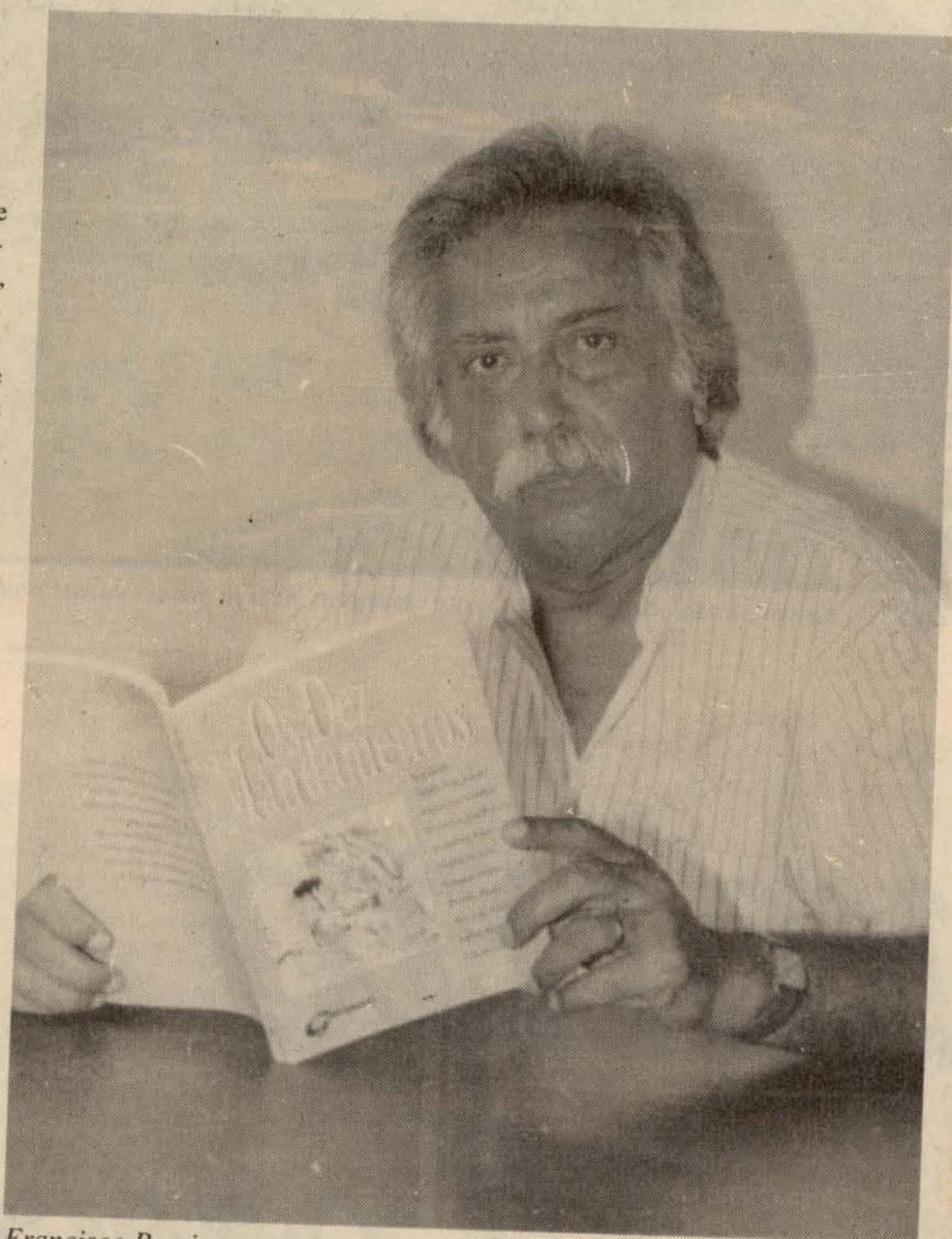
Os Dez Mandamentos, livro que reúne contos de dez escritores catarinenses será lançado hoje, às 20 horas, no Palácio Cruz e Souza. A editora Garapuvu reuniu dez dos mais expressivos escritores catarinenses sugerindo que escrevessem contos tendo por base os Dez Mandamentos que o Criador revelou para Moisés.

Adolfo Boos Júnior, Flávio José Cardoso, Francisco José Pereira, Hamilton Alves, Hoyêdo G. Lins, Iaponan Soares, Péricles Prade, Mário G. Costa, Salim Miguel e Silveira de Souza, foram os escolhidos para participar do projeto. Antes de cada conto a editora tratou de identificar a qual mandamento ele está relacionado e uma pequena biografia do autor.

Ao justificar a escolha destes escritores o coordenador e organizador de *Os Dez Mandamentos*, Francisco José Pereira, diz que gostaria de incluir na obra outros talentos catarinenses porém o número de mandamentos restringiu a quantidade de contos. No entanto, ele esclarece que selecionou autores que moram em Florianópolis a fim de facilitar os encontros do grupo para discutirem os textos usando um método pouco usual mas que serviu para desvendar valiosas lições.

Adolfo Boos Júnior escreveu "O Sonho e a Competência" (1º Mandamento); Flávio José Cardoso "Por Nossas Vidas Pequenas" (2º Mandamento); Francisco José Pereira "Os Sagrados Sinos de Domingo" (3º Mandamento); Hamilton Alves "O Bastardo" (4º Mandamento); Hoyêdo G. Lins "Suspeita" (5º Mandamento); Iaponan Soares "Aquele Encontro" (6º Mandamento); Péricles Prade "Pão Furtado" (7º Mandamento); Mário G. Costa "A Rota da Morte" (8º Mandamento); Salim Miguel "A Cigana" (9º Mandamento) e Silveira de Souza com "O Álbum de Ceninhas" (10º Mandamento).

Os Dez Mandamentos é uma ficção literária onde cada autor expressa através dos contos os mais diferentes contextos vividos pelo homem. E cada um usa e abusa de seu estilo próprio fazendo do livro uma leitura obrigatória e um exercício agradável. Os autores estarão hoje, a partir das 20 horas, autografando o livro no Palácio Cruz e Souza, na Praça XV de Novembro (entrada pela rua Tenente Silveira).



Francisco Pereira, autor e organizador da antologia da Garapuvu

Os autores

Adolfo Boos Júnior, estreou com *Teodora e Cia* (contos), Edições Sul, Florianópolis, 1957; autor, entre outras obras, de *Quadrilátero* (romance) e *A Companhia Noturna* (contos), respectivamente 3º e 2º lugares na 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1986.

Flávio José Cardoso publicou, entre outros, *Singradura* (contos), Ed. Globo, Porto Alegre, 1970; *Zélica e outros* (contos), Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1978; *Longínquas Baleias* (contos), ed. Lunardelli, Florianópolis, 1989.

Francisco José Pereira é autor, entre outros livros, de *Apartheid - o Horror Branco na África do Sul* (ensaio), Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985; *Desterro de meus Amores* (contos), Ed. Lunardelli, Florianópolis, 1993; *O Vôo da Morte* (novela), Ed. Garapuvu, Florianópolis, 1995.

Hamilton Alves publicou, entre outros, *O Velho da Aldeia* (crônica-novela), Ed. Hoje, Curitiba, 1973; *Barco da Noite* (crônica), Ed. Bernúncia, Fpólis, 1988; *Só os cachorros o amam* (novela), Ed. Bernúncia, Fpólis, 1993.

Hoyêdo G. Lins é autor de *A Lenda de Cajurê* (contos), Ed. Lunardelli, Florianópolis, 1991; *Janela do Tempo* (crônicas), Ed. Lunardelli, Fpólis, 1993; *Histórias que a Bíblia não Contou* (ficção histórica), Ed. Lunardelli,

Fpólis, 1995.

Iaponan Soares publicou *Panorama do Conto Catarinense* (ensaio), Ed. Movimento, Porto Alegre, 1971; *Ao Redor de Cruz e Souza - estudo e antologia* (ensaio), Ed. UFSC, Fpólis; *Sob a pele do sono* (contos), Ed. Contemporânea, Fpólis, 1993.

Péricles Prade é autor de *Os Milagres do Cão Jerônimo* (contos), Ed. do Escritor, São Paulo, 1976; *Alçapão para Gigantes* (contos), Ed. Alfa-Omega, São Paulo, 1980; *Sob a faca giratória* (poesia), Ed. Letras Contemporâneas.

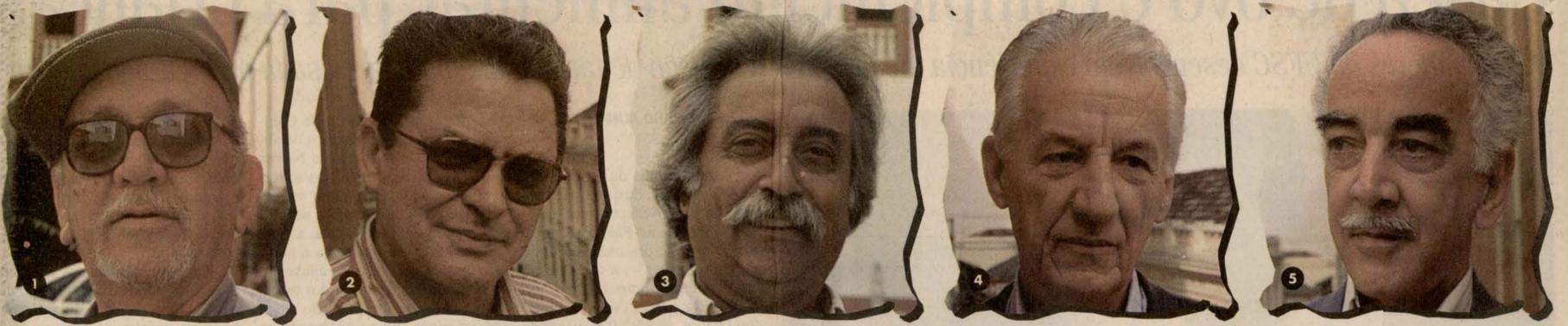
Mário G. Costa escreveu *A Testemunha* (contos), Prêmio Virgílio Várzea, Edições FCC, 1991; *Marcas do Tempo* (contos médicos), Ed. Papa-Livros, 1994; *a Cara e a Coragem de Genuíno Tavares* (romance), a publicar.

Salim Miguel é autor, entre outras obras, de *A Morte do Tenente e Outras Mortes* (contos), Ed. Antares, RJ, 1979; *A Voz Submersa* (romance), Global Editora, 1984; *Primeiro de Abril* (narrativas da cadeia), Ed. José Olympio, RJ, 1994.

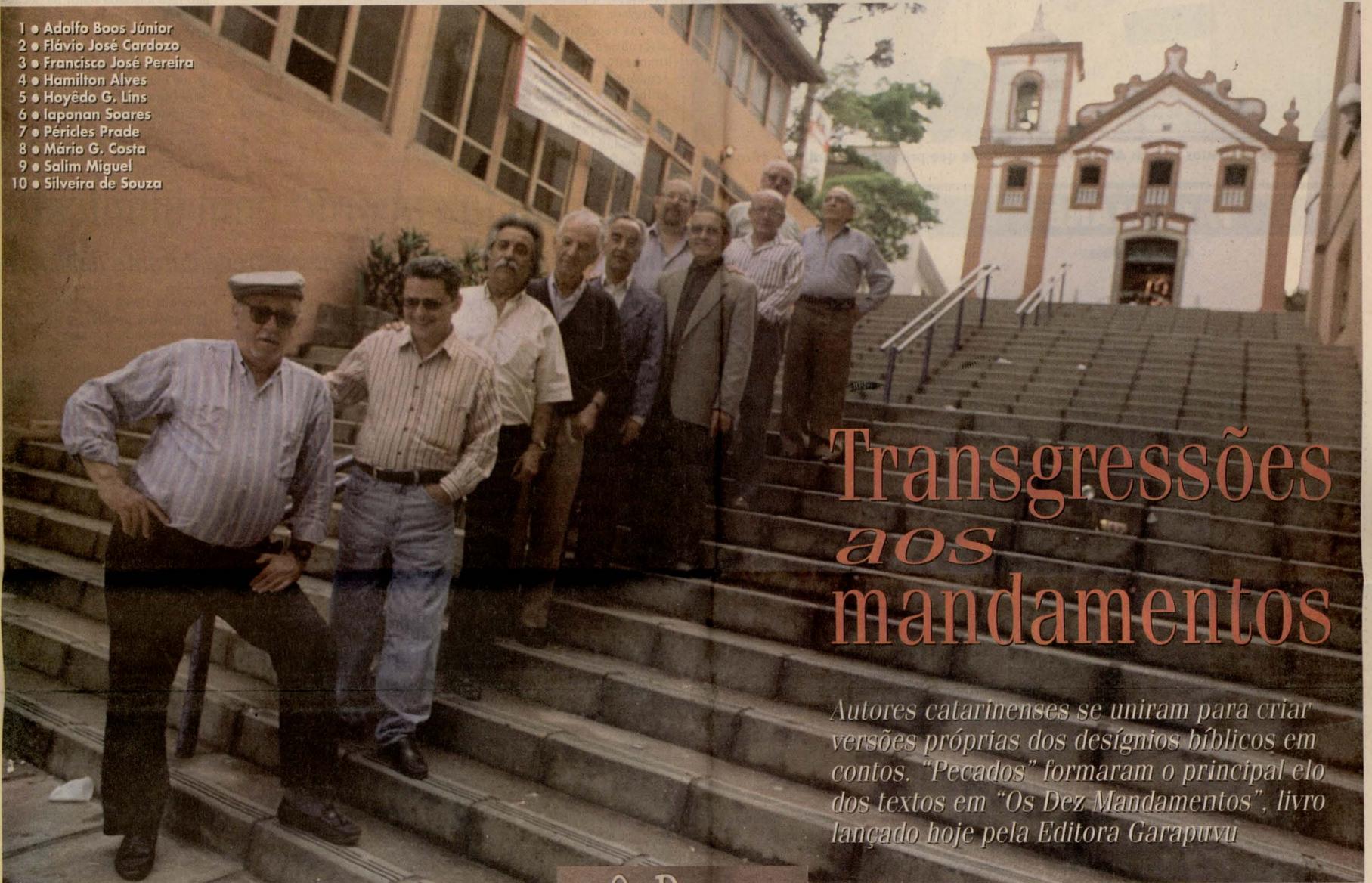
Silveira de Souza escreveu, entre outros, *O Cavalo em Chamas* (contos), Ed. Ática/Edições FCC, São Paulo/Florianópolis, 1981; *Canários de Assobio* (crônica), Ed. Lunardelli, Fpólis, 1985; *Sete Riscos na Pedra* (poesia), Ed. Sanfona, Fpólis, 1985.



FOTOS OSVALDO NOCETTI



- 1 • Adolfo Boos Júnior
- 2 • Flávio José Cardozo
- 3 • Francisco José Pereira
- 4 • Hamilton Alves
- 5 • Hoyêdo G. Lins
- 6 • Iaponan Soares
- 7 • Péricles Prade
- 8 • Mário G. Costa
- 9 • Salim Miguel
- 10 • Silveira de Souza



Transgressões aos mandamentos

Autores catarinenses se uniram para criar versões próprias dos desígnios bíblicos em contos. "Pecados" formaram o principal elo dos textos em "Os Dez Mandamentos", livro lançado hoje pela Editora Garapuvu

OSMAR GOMES
REPORTER

Cada um dos 10 mandamentos bíblicos serviu de mote para a livre interpretação e criação de um escritor catarinense. Foram reunidos na obra "Os Dez Mandamentos", da recém-fundada Editora Garapuvu, Adolfo Boos Júnior, Flávio José Cardozo, Francisco José Pereira, Hamilton Alves, Hoyêdo G. Lins, Iaponan Soares, Péricles Prade, Mário G. Costa, Salim Miguel e Silveira de Souza. Nos contos, cada um viu ao seu modo os desígnios de Deus, porém uma linha em comum nas versões ficcionais inevitável foi a transgressão, do pecado, conforme o organizador e proprietário da Garapuvu, Francisco José Pereira. Além de ser lançado oficialmente hoje em Florianópolis, às 20 horas, no Palácio Cruz e Sousa, a coletânea será apresentada na 42ª Feira do Livro de Porto Alegre no dia 10 deste mês.

A ideia de editar o livro partiu mais de um bom pretexto, de acordo com Pereira, que no ano passado publicou "O Vão da Morte". "Surgiu em momento de confraternização, de bate-papo sobre assunto que geralmente une e atrai os escritores." Em cinco rodas etílicas em mesas de restaurantes, quase todos do grupo dos 10 — nem sempre foi possível reunir todos, no entanto, segundo Pereira — discutiram todos os detalhes da organização do livro. Além do organizador, nenhum mais leu todos os contos antes da impressão. Mes-

mo assim, a responsabilidade pelo texto final foi individual.

Porém, o processo anterior foi totalmente democrático. Houve sorteio até para saber quem discorreria sobre este ou aquele mandamento e qual seria a ordem de apresentação dos contos. "Foi um convívio extremamente agradável e uma experiência maravilhosa no resultado do livro", comenta Pereira, que também atua como secretário de Administração do município.

Na versão própria dos autores a cada mandamento, quem escreveu sobre "não cobiçar a mulher do próximo" acabou criando uma composição de personagens que cobiçaram; o autor para "não matarás" fez surgir um protagonista que comete assassinato. Embora não haja elementos totalmente autobiográficos, Pereira lembra que todos os escritores têm proposições de valor literário a partir das histórias individuais.

O fato de escrever "pecados", na opinião de Pereira, não causa nenhum impacto de caráter religioso ou moral. "Todos os detalhes foram discutidos", observa. Outro ponto destacado é a impossibilidade de ter convidado mais de 10 autores, "porque não existem mais do que 10 mandamentos", ironiza. Intenção do conselho editorial da Garapuvu, a partir deste primeiro lançamento, é reunir escritores para abordar outro tema mítico: os sete pecados capitais. A edição, entretanto, vai ser analisada em outras "rodadas etílicas", segundo ele. Nesta abordagem, a princípio, os autores



Com a Garapuvu, segundo Pereira, o grande objetivo é consolidar um contexto editorial de valor literário fictício ou científico em Florianópolis, "livros com boa qualidade gráfica e conteúdo valioso", antecipa. "Não vamos abrir mão dessa perspectiva, ainda mais com o aval desta primeira edição." Pereira elogia a criatividade do filho, Rodrigo, responsável pela ilustração abstrata da capa.

Os autores também citam, na apresentação da obra, "a indelével saudade de Holde-mar Menezes", escritor morto recentemente.

OS ESCRITORES

A maioria dos escritores de "Os Dez Mandamentos" participou do importante movimento literário Grupo Sul, que trouxe ao Estado importantes discussões sobre aspectos da literatura modernista chegada no País com a Semana de 22.

Boos Junior estreou com "Teodora & Cia", contos, em 1957. É autor também de "Quadrilátero" (romance) e "A Companhia Noturna" (contos), respectivamente terceiro e segundo lugares na 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira.

Flávio José Cardozo publicou em 1970 "Singradura" (contos); em 1978, "Zélica e Outros" (contos); em 1989 "Longínquas Baleias" (contos).

Francisco José Pereira escreveu "Apartheid — o Horror Branco na África do Sul" (ensaio) em 1985; "Desterro de Meus Amores" (contos), em 1993; e "O

Vão da Morte" (novela), em 1995.

Hamilton Alves já lançou "O Velho da Aldeia" (crônica-novela) em 1973, "Barco da Noite" (crônicas) em 1988; "Só os Cachorros Amam" (novela) em 1993.

Hoyêdo G. Lins destacou-se por "A Lenda do Cajurê" (contos), de 1991; "Janela do Tempo" (crônicas), de 1993; e "Histórias que a Bíblia não contou" (ficção-histórica), de 1995.

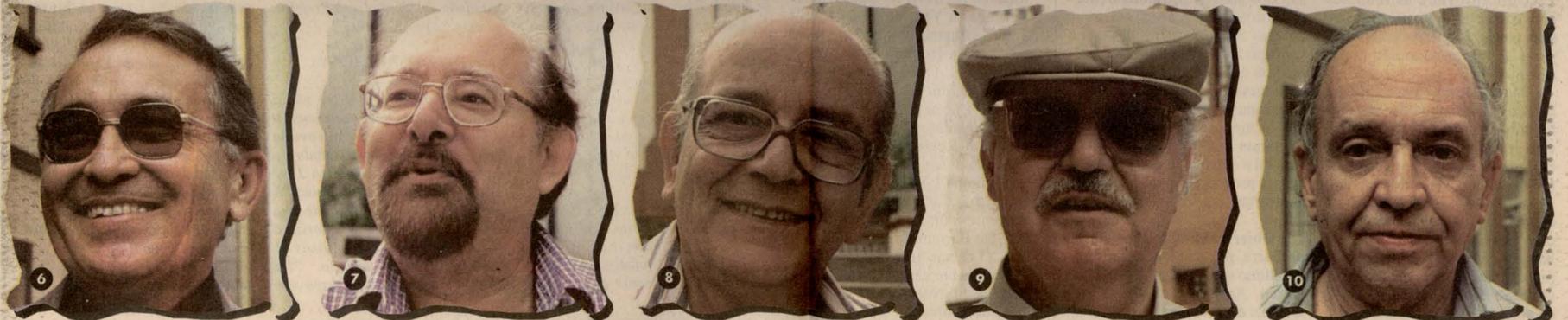
Iaponan Soares é conhecido do público pelas obras "Pamorama do Conto Catarinense" (ensaio), de 1976; "Alcapão para Gigantes" (contos), de 1980; "Sob a Faca Giratória" (poesias), de 1995.

Péricles Prade, entre outros livros, escreveu "Os Milagres do Cão Jerônimo" (contos), de 1976; "Alcapão para Gigantes" (contos), de 1980; "Sob a Faca Giratória" (poesias), de 1995.

Mário G. Costa é autor de "A Testemunha" (contos), Prêmio Virgílio Várzea, de 1991; "Marcas do Tempo" (contos inéditos), de 1994; e "A Cara e a Coragem de Genuíno Tavares" (romance), ainda inédito.

Salim Miguel foi reconhecido pelos livros "A Morte do Tenente e Outras Mortes" (contos), de 1979; "A Voz Submersa" (romance), de 1984; e "Primeiro de Abril — Narrativa da Cadeia", de 1994.

Silveira de Souza surgiu com o livro de contos "Cavalo de Chamas", em 1981; depois publicou em 1985 "Canário de Assobio" (crônicas) e "Sete Riscos na Pedra" (poesias).



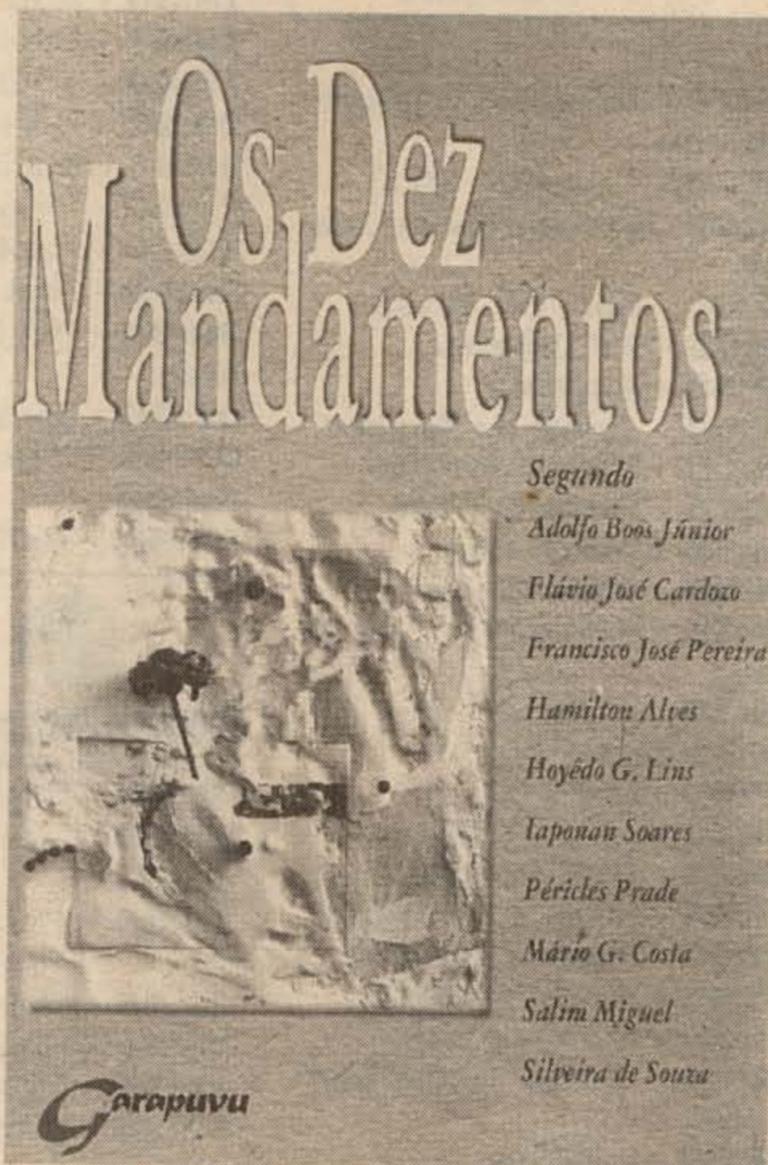
Relatos de atos impuros

Regis Mallmann
FLORIANÓPOLIS

Estórias curtas, deliciosas e bem humoradas. Esse é o recheio do livro *Os Dez Mandamentos*, volume editado pela catarinense Garapuvu e que se propõe a fazer uma leitura diferente daquilo que o próprio editor chama de "Tábuas da Lei", normas que qualquer católico que se preze deve - ou pelo menos deveria - seguir à risca. Dez representantes de destaque da literatura de Santa Catarina foram convidados a escrever contos, cada um criando situações de acordo com o mandamento a ele destinado. O critério para a escolha de quem iria escrever no livro foi o de domicílio, ou seja, foram convidadas escritoras que vivam em Florianópolis, ou Desterro, como prefere o organizador Francisco José Pereira. O livro tem lançamento previsto para hoje à noite, às 20h, no Museu Cruz e Sousa.

Em *Os Dez Mandamentos segundo* Adolfo Boss Júnior; Flávio José Cardozo; Francisco José Pereira; Hamilton Alves; Hoyêdo Lins; Iaponan Soares; Péricles Prade; Mário Costa; Salim Miguel e Silveira de Souza, a subversão da ordem determinada pelos mandamentos aparece nos acontecimentos narrados. São contos de qualidade, nos quais a veia literária de cada contista pulsa forte, imprimindo ao trabalho um resultado que agrada todo tipo de leitor. De leitura fácil, o livro da Garapuvu tem como grande mérito reunir esses 10 talentos, premiando o leitor com o que de melhor se produz na literatura catarinense da atualidade.

O molho de *Os Dez Mandamentos* tem por base o pecado, o contrário do que estabelece a "lei" entregue pelo Criador a Moisés. Por isso, os contos



aparecem recheados de passagens nas quais o texto soa com uma confissão de culpa. Os relatos mostram a alma humana na mais pura essência, frágil e vulnerável às tentações, justamente aquilo que os ditos mandamentos tentam conter no bojo de suas definições. São contos nos quais não há preocupação com tamanho. Uns podem ocupar 10 páginas, outros apenas duas. O que vale é contar a estória.

Tudo é descrito com apurada técnica e irreverência, de forma a deixar o leitor envolto na atmosfera de cada passagem e personagem. São ações que estes cometem sem que dominem os impulsos impuros. A culpa pode aparecer como pode ficar longe, espreitando, sem no entanto se manifestar.

OSVALDO NOCETTI

Dez autores que caíram em tentação



GRUPO DOS DEZ
Escritores aceitaram
desafio de contar
histórias mundanas
inspiradas pelo
código religioso

Livro de contos baseados nos dez mandamentos será lançado hoje na Galeria Lascaux, durante vernissage de Edemilson Langhammer

O livro "Os Dez Mandamentos", coletânea de textos inspirados nas tábuas da lei de Moisés, que será lançado hoje na Galeria Lascaux, em Joinville, reúne 10 autores catarinenses que construíram diferentes narrativas em torno de um tema proposto. A obra já foi lançada em Florianópolis e na Feira do Livro de Porto Alegre.

A idéia do livro foi gestada em várias rodadas etílicas em Florianópolis com o grupo dos 10. "Surgiu em momentos de confraternização e de bate-papo sobre este conteúdo tão atraente", observou Francisco Pereira, organizador da coletânea.

Nenhum leu os originais dos colegas antes da publicação. A responsabilidade pelo texto final, foi individual. A distribuição dos temas e a ordem de apresentação no livro foi feita por sorteio. "Foi uma convivência extremamente agradável e uma experiência maravilhosa", destaca Pereira.

Sem censura, os autores deixaram-se cair em tentação, transgredindo as proibições divinas. Se era para não cobiçar a mulher do próximo, os personagens cobiçaram, se era para não matar, matavam, e assim por diante. A maioria dos escritores reunidos em "Os 10 Mandamentos" participou do movimento literário catarinense denominado Grupo Sul, capitaneado por Salim Miguel na década de 50. Participam hoje do lançamento os escritores Salim Miguel, Silveira de Souza, Hamilton Alves e Francisco José Pereira. (Osmar Gomes)

Obra diversa, histórias desiguais

JOEL GEHLEN
EDITOR DO ANEXO

Joinville — Há uma disparidade grande entre estas dez histórias escritas inspiradas nas dez leis de Deus. Não são apenas estilos diferentes de escrita, mas de gêneros. Passa-se do conto para a mininovela, e desta para outras narrativas sempre conduzidas pelo fio temático. De modo geral, o livro mostra a pena afiada que se pratica em Florianópolis, com alguns momentos de generosa beleza e profano prazer de ler. E isto é o que conta. Um traço comum: todos os personagens incorrem contra a lei divina em questão.

O primeiro mandamento (amarás a Deus sobre todas as coisas) produziu "O Sonho e a Competência", de Adolfo Boos Júnior, talvez o mais genuíno conto desta reunião de escritos. Recepção o leitor com um sobressalto. Ao final do primeiro parágrafo já estará relendo, repensando, indo conferir o nome do autor. Adolfo constrói duas estranhas e incomodadas personagens que se encontram no meio da noite. No dispor da semântica de cada palavra, uma idéia hirta de significados. Na esquina, sob a luz do poste impõem-se a perspectiva: "À frente, na metade do caminho para a madrugada, a noite e, para trás, o que devia ser esquecido, sem saudade". Os cortes abruptos, a pontuação quebrada, que é apenas efeito estilístico. Soam em harmonia com a narrativa. A velha, com o ranço da solidão e da idade, acordada no meio da noite em que se podia adivinhar o incansável trabalho dos cupins no velho piano.

Em "Por Nossas Vidas Pequenas" — de Flávio José Cardoso para o segundo mandamento (não tomarás seu santo nome em vão) — toda a lembrança de uma tragédia é revivida no instante em que um nome inintencionalmente é atirado sobre o balcão do bar. A lembrança pinta um homem caladão, amargo, triste. De estrutura menos concisa, o texto conta um caso

de seu Amantino e dona Noemi. Ela, beata resignada com o nome de Deus constante na boca. Ele, ímpio, a deitar desacetos. Os destinos se entrelaçam num amálgama soturno, amargo, varado pelo dedo da consciência e culpa.

Francisco José Pereira escreve o triste fim de um economista concursado em "Os sagrados sinos de Domingo". Numa narrativa que foge à predominância do conto — de ter um único cerne dramático — se desenrola por diferentes tempos e ritmos. O personagem em questão é vítima de um macabro ardil. Talvez lhe enfraqueça o pé na realidade que insiste em trazer. É abrupta a ponte que leva ao tema do terceiro mandamento (guardarás os dias santificados) que lhe serviu de mote. Envolvendo, prostituição, assassinato e tráfico, traz a espantosa gratuidade de quem assume uma atitude demasiadamente extremada apenas porque um desafio foi proposto.

Hamilton Alves escreve embebido no tema do quarto mandamento (honrarás pai e mãe). Seu texto, "O Bastardo", tem uma estrutura que extrapola a linha enxuta do conto. Numa narrativa entremeadada de diálogos, contém os episódios todos de uma vida inteira. Uma vida de infortúnios, desditas, contada com todas as palavras, sem aliviar ou explicar.

VIRAÇÃO

Hoýedo G. Lins é outro que navega, mesmo, as águas do conto. Tem uma escrita afiada, econômica, incisiva, com uma indispensável dose de cruzeta, que imprime dramaticidade ao seu "Suspeita" (oitavo mandamento, não matarás). Seu personagem, um pescador envenenado de dúvidas, sobrevivente de uma viração feia no mar, resolve ir à forra com quem desgraçou-lhe a filha. A faca, na ânsia cega, fura a barriga errada. Então, é o peso do crime acrescido daquele trágico engano.

O sexto mandamento (não pecarás contra a castidade), talvez o menos observado de todos, é tema com que

Iaponan Soares constrói uma casta primeira vez não-consumada em "Aquele encontro". As vontades furtivas, insaciadas, elas mesmas, cárceres no fumo da memória, libertas enfim para a planura do papel sem culpa nenhuma.

Estranho e incômodo é o conto de Péricles Prade, "Pão Furtado" para o sétimo mandamento (não furtarás). Com a concisão que lhe é peculiar, Péricles conta como foi seduzido — diferente do conto anterior, de uma sedução consumada — por um pão. O cerne do texto não está no furto, mas na inusitada relação que se estabelece entre os dois.

"A Rota da Morte", de Mário G. Costa, baseado no oitavo testamento (não levantarás falso testemunho), inicia espetacularmente bem. A cena do crime que ele descreve chega a ter os odores de um página de Rubem Braga. Minucioso, move o leitor como num close que vai buscar o baile das partículas de pó na réstia de sol sobre o cadáver estendido. Sua escrita é, inicialmente, essencial. Depois, perde a mão e conduz-se por muitas voltas perdulárias que explicam o que está acontecendo.

Salim Miguel escreve "A Cigana" sobre o nono mandamento (não desejarás a mulher do próximo). É o típico caso em que não dá para deixar de cair em tentação, pois a carne, como sabemos, é fraca. A mulher no caso é uma luxuriosa cigana de carnes lúbricas e túrgidos seios provocantes. O episódio narrado, um devaneio, uma memória de carne e osso a que o próprio autor se incluí com precoces elucubrações ficcionais.

No mesmo diapasão entra a última narrativa do livro "O Álbum de Cenhinhas", de Silveira de Souza (escrito sobre o décimo testamento, não cobiçarás as coisas alheias). E, como não poderia deixar de ser, trata-se exatamente da confissão de uma enorme cobiça e seu intento levado a cabo. O personagem bebe a torrente surda de sentimentos contraditórios da consciência. Mas, que é a consciência diante do delito flagrado?

OS AUTORES

ADOLFO BOOS JUNIOR

estudou com "Teodora & Cia", contos, em 1957. É também autor de "Quadrilátero" (romance) e "A companheira noturna" (contos), respectivamente terceiro e segundo lugares na 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira.

FLAVIO JOSÉ CARDOZO

publicou contos em "Singradura" (1970), "Zélica e Outros" (1978) e em "Longínquas Baleias" (1989).

FRANCISCO JOSÉ PEREIRA

escreveu "Apartheid - o Horror Branco na África do Sul" (ensaio) em 1985; "Desterra de Meus Amores" (contos), em 1993; e "O Vão da Morte" (novela), em 1995.

HAMILTON ALVES

já lançou "O Velho da Aldeia" (crônica-novela) em 1973, "Barco da Noite" (crônicas) em 1988 e "Só os Cachorros Amam" (novela) em 1993.

HOYEDO LINS

publicou as seguintes obras: "A Lenda do Cajurê" (contos - 1991), "Janela do Tempo" (crônicas - 1993) e "Histórias que a Bíblia não contou" (ficção histórica - 1995).

IAPONAN SOARES

é conhecido do público pelos trabalhos "Panorama do Conto Catarinense" (ensaio - 1971), "Ao Redor de Cruz e Sousa - Estudo e Antologia" (ensaio - 1988) e "Sob a Pele do Sono" (contos - 1993).

PÉRICLES PRADE

entre outros livros, escreveu "Os Milagres do Cão Jerônimo" (contos - 1976), "Alcapão para Gigantes" (contos - 1980) e "Sob a Faca Giratória" (poesias - 1995).

MÁRIO G. COSTA

é autor de "A Testemunha" (contos), Prêmio Virgílio Várzea, em 1991, além de manter inéditos contos em "Marcas do Tempo" e o romance "A Cara e a Coragem de Genuino Tavares".

SALIM MIGUEL

foi reconhecido pelos livros "A Morte do Tenente e Outras Mortes" (contos - 1979), "A Voz Submersa" (romance - 1984) e "Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia" (novela - 1994)

SILVEIRA DE SOUZA

surgiu com o livro de contos "Cavalo de Chamas" em 1981; depois publicou em 1985 "Canário de Assobio" (crônicas) e poesias em "Sete Riscos na Pedra".



AN ARTE

Novos mandamentos para o Terceiro Milênio

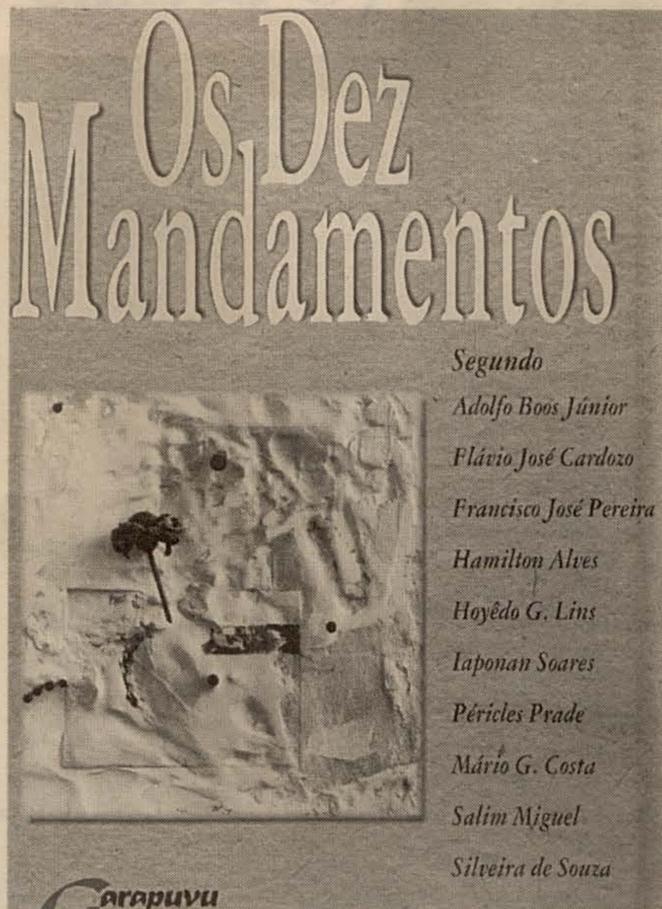
Lauro Junkes
CRÍTICO LITERÁRIO E PROFESSOR DA UFSC

Nascidos e vividos em terra de fundamental tradição cristã, descoberta e povoada, aliás, quando os colonizadores viviam sob o drástico impacto inquisitorial, pressionados entre o altar ou a fogueira, não surpreende que nós, no Brasil, estejamos entre os povos mais católicos do mundo, pelo menos de batismo. Adicione-se a este um outro fato de conseqüências indelévelis: até as décadas de 60-70, vivíamos em período pré-conciliar, numa religião tradicionalista, mágica e repressora. Todos os nascidos nas décadas de 40-50, trazemos na nossa formação de catecismo as noções drasticamente impressas de proibido, pecado, ameaça, inferno, aplicando-se magicamente a atos, conscientes ou não, contra os "mandamentos" da Lei de Deus que, certamente todos vimos, no filme de Cecil B. de Mille, impressos por trovões e raios de fogo, nas duas tábuas de pedra que Moisés recebeu diretamente de Deus no alto do Monte Sinai.

Já em plena década de 90, aproximando-nos do terceiro milênio, que deverá passar pelo ano 2000, objeto de inusitados agouros, um grupo de escritores/contistas catarinenses/florianopolitanos resolveu reescrever *Os Dez Mandamentos*, sob a coordenação organizadora de Francisco José Pereira. Observe-se, outrossim, que o livro está testando (e com a melhor performance) a novel editora Garapuvu: capa, papel, fonte gráfica e diagramação apresentam a mais agradável visualidade, num convite irresistível para a leitura.

Depois de vigorarem por cerca de três milênios, como serão os novos "mandamentos" propostos para os catarinenses do ano 2000? Vivemos já numa era desmitificada, com os ritos mágicos felizmente superados em grande parte, embora, segundo alguns autores deixem mesmo entrever, a formação de todos eles ocorreu em tempos de religião do cagaço, em que a ameaça de castigo tudo dominava. Aliás, dentro de outra perspectiva, sabe-se que, até recentemente pelo menos, o pecado fundamental era constituído por transgressões sexuais. E como o proibido sempre atrai mais, pois concentra a atenção, e com ela o desejo, os autores dos novos mandamentos, quase todos, acabam por incluir situações desse gênero. Observe-se, contudo, que, na perspectiva dos "mandamentos", o proibido impera vastamente, sendo apenas três mandamentos positivos e sete proibitivos.

Tendo cada autor liberdade para organizar seu relato em torno do mandamento que lhe coube, resultam muito diversificadas as narrativas. Coube a Adolfo Boos Jr. o primeiro mandamento e "O Sonho e a Competência" se desenvolve num relato recheado de instigantes indeterminações, em que a ambigüidade aparenta ingenuidade para cair na ironia constante, ao "amar a mim sobre todas as coisas", num dialético paradoxo



Segundo

Adolfo Boos Júnior

Flávio José Cardozo

Francisco José Pereira

Hamilton Alves

Hoyêdo G. Lins

Iaponan Soares

Péricles Prade

Mário G. Costa

Salim Miguel

Silveira de Souza

TÁBUAS DA LEI:

Cada autor faz um relato atual sobre o mandamento que lhe coube

REPRODUÇÃO DC

com o mandamento divino. Entre a realidade e o sonho, o presente e a memória, o consciente e o inconsciente, o que mais fortemente predomina? O encontro das duas mulheres, seu desdobramento em outras, a imagem de homem evocada, a exigência do primeiro mandamento - será tudo ilusório? A perspicácia no arranjo estrutural carrega-se de criativa dubiedade, cabendo a maior "competência" ao autor.

No segundo mandamento, Flávio José Cardozo, finalmente, retorna à sua terra natal para enfrentar a temática das minas de carvão e não decepciona. Como marca já registrada de muitos contos seus, o início de "Por Nossas Vidas Pequenas" é constituído por armadura alheia ao fundamental, que se insinua subrepticamente para impor-se de todo. Sem ironia mas com dramática tragicidade - ou então seria cômico, não fosse trágico - aqui o confronto ocorre dentro do casal esperando o primeiro filho: o mineiro Amantino herdou do pai a sina do palavrão blasfemador "demônio", para horror da mulher Noemi, a quem ele associa a lembrança "Era Deus toda hora". Teria sido castigo o trágico desfecho? Na arquitetura da narrativa, um narrador em primeira pessoa é responsável pela armadura inicial, retomada na conclusão, enquanto o miolo essencial impõe, como que num clareamento cinematográfico, a tragédia de Amantino.

Francisco José Pereira, numa estrutura que mais se desdobra em direcionamentos de novela policial, aborda a respeitosa observância de "Os Sagrados Sinos de Domingo". O protagonista Mário Casapanta, entediado no emprego público de economista, vê-se enredado em dúbios compromissos quan-

do, por uma parte, suas veleidades literárias o envolvem com a prostituta Rosarita e, por outra, o reencontro com o amigo de quartel, Fredy Vargas, lhe impõe o caminho do crime. A sintaxe narrativa se desenvolve em montagem alternativa e a linguagem assume decidido realismo na crua exposição caracterizadora dessa fauna marginal de personagens. Como que em drásticas antíteses, resgata-se uma vaga magia dos "dias santificados", quase que uma nostalgia melancólica dos "sinos de domingo", da parte da prostituta.

Em relação ao quarto mandamento, "O Bastardo", de Hamilton Alves, pouco aproveita, lingüística e estruturalmente, os ingredientes psicológicos inerentes no relato sumário da vida do bastardo Deo Gonzaga Pereira, que se perdeu na marginalidade por não conhecer o pai.

No quinto mandamento, o preceito de "não matar" permanece encobertamente ambíguo nas "Suspeitas" que Hoyêdo G. Lins levanta num texto bem arquitetado. Na circularidade do relato, incluindo analépticos esclarecimentos do passado, ora mais próximo, ora distanciando-se, impõe-se a figura do introvertido pescador, de cuja mente distila todo o relato. A sorradeira saída do barco, no início, inclui a lembrança da luta indômita com a tempestade do dia anterior, lembrando Virgílio Várzea, e depois se justifica devido às martirizantes "suspeitas" em relação à filha Chiquinha, "tansamente" oferecida para auxiliar o compadre! No desfecho ambigüamente suspenso, esclarecem-se de outro modo as "suspeitas", mas, o que de fato aconteceu?

Iaponan Soares, em narrativa breve e enxuta, como é do seu estilo, faz a memória do narrador resgatar "Aquele Encontro" no tempo de menino estu-

dante, no fascínio exercido pelas estrelas do circo, quando se impõe a nebulosa e inquietante figura de uma mulher (teria vindo com o circo?) que descobriu a todos os meninos, no ardor do curioso desejo viril, sua "geografia secreta". A nostálgica lembrança remete à reflexão sobre as conseqüências desses encontros, com todos os destinos mudados: "Não pecarás contra a castidade!"

"O Pão Furtado", narrativa de Péricles Prade para o sétimo mandamento, retoma bem mais desbragadamente a transgressão da castidade. O pão furtado, juntamente com outro comprado, aliando-se a incitamentos da TV, conduz a "orgasmos múltiplos", numa surrealista cena de quase que explícita orgia individual.

Mário G. Costa arma outra narrativa de caráter policial, em "A Rota da Morte", mais longa mas centrada num único núcleo dramático, em que o "falso testemunho" permanece bem mais implícito. Numa estrutura temporal bem ordenada, o início do relato expõe o final de Ernesto Della Rocca, depois recua em analepse para o passado mais próximo, do seu retorno à ilha, recua mais um pouco, para a viagem de avião que, no sobrevôo por Canasvieiras restitui a imagem da amante/prostituta Betina e, com ela, todo o passado que deflagrou os conflitos. Nesses enlances temporais, o narrador heterodiegético acompanha adequadamente a Netinho, com passageiro deslize para Compostela, em sua casa e no aeroporto.

Também a "mulher do próximo" levanta ambigüidades quanto a esse "próximo" no conto de Salim Miguel sobre "A Cigana". Na mítica Biguaçu, retornando aos getulistas anos 30, instala-se um grupo de ciganos e, através de linguajar tipicamente oralizado, contrapõem-se os costumes ciganos e a curiosidade popular. Tudo se concentra na figurinha da cigana Sofia, habilidosa nos seus atrativos negaceantes. Entre todos que a desejavam, internamente um novo e um velho e, externamente, toda a rapaziada de Biguaçu, projeta-se a paixão, o pesadelo e as dúvidas do filho do seu Zê-Gringo. A ambigüidade aponta para esse "próximo": de quem seria mesmo essa fogsidade tentadora, para ser disputada ao próximo?

No conto final de Silveira de Souza, "O Álbum de Ceninhas", reconstitui-se a Florianópolis de 40-50 anos passados, com a gurizada presa às sessões de cinema, arte-espetáculo que marcou época. Numa linguagem oralizantemente dialogada, retorna à época dominada por religião de sistemática proibição, criando conflitos e complexos, o que transparece na culpa pela cobiça desse álbum de fotografias escolhidos para rudes sessões particulares.

Enfim, *Os Dez Mandamentos* marcam feliz iniciativa para abordar, com saborosa variedade, os divinos mandamentos, em suas transgressões pelos humanos viventes. A bela apresentação gráfica, da Editora Garapuvu, constitui agradável aperitivo para convidar à leitura.

Quarenta anos de literatura

Salim Miguel - Literatura e Coerência, de Iaponan Soares, será lançado hoje na 37ª Feira do Livro de Porto Alegre

PEDRO LEITE

Florianópolis

O escritor catarinense Iaponan Soares lança hoje, na 37ª Feira do Livro de Porto Alegre, um livro comemorativo aos 40 anos de estréia literária de Salim Miguel. Editado em colaboração com diversos especialistas no setor, *Salim Miguel - Literatura e Coerência* analisa a obra do autor e animador cultural que, até o primeiro semestre deste ano, respondia pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

Salim Miguel nasceu no Líbano. Aos três anos veio para o Brasil, radicando-se em Biguaçu, cidade que acabou se transformando num dos temas recorrentes de sua obra. Responsável por uma das maiores contribuições literárias que se tem notícia no Estado, Salim rompeu fronteiras e editou a revista *Ficção*, no Rio de Janeiro. Com a revista *Sul*, criada em 1948, apresentou aos catarinenses as idéias do movimento modernista de 1922.

O trabalho de Iaponan Soares foi reunir estudos de especialistas como Antônio Hohlfeldt, Edda Arzua Ferreira, Janete Gaspar, Tânia

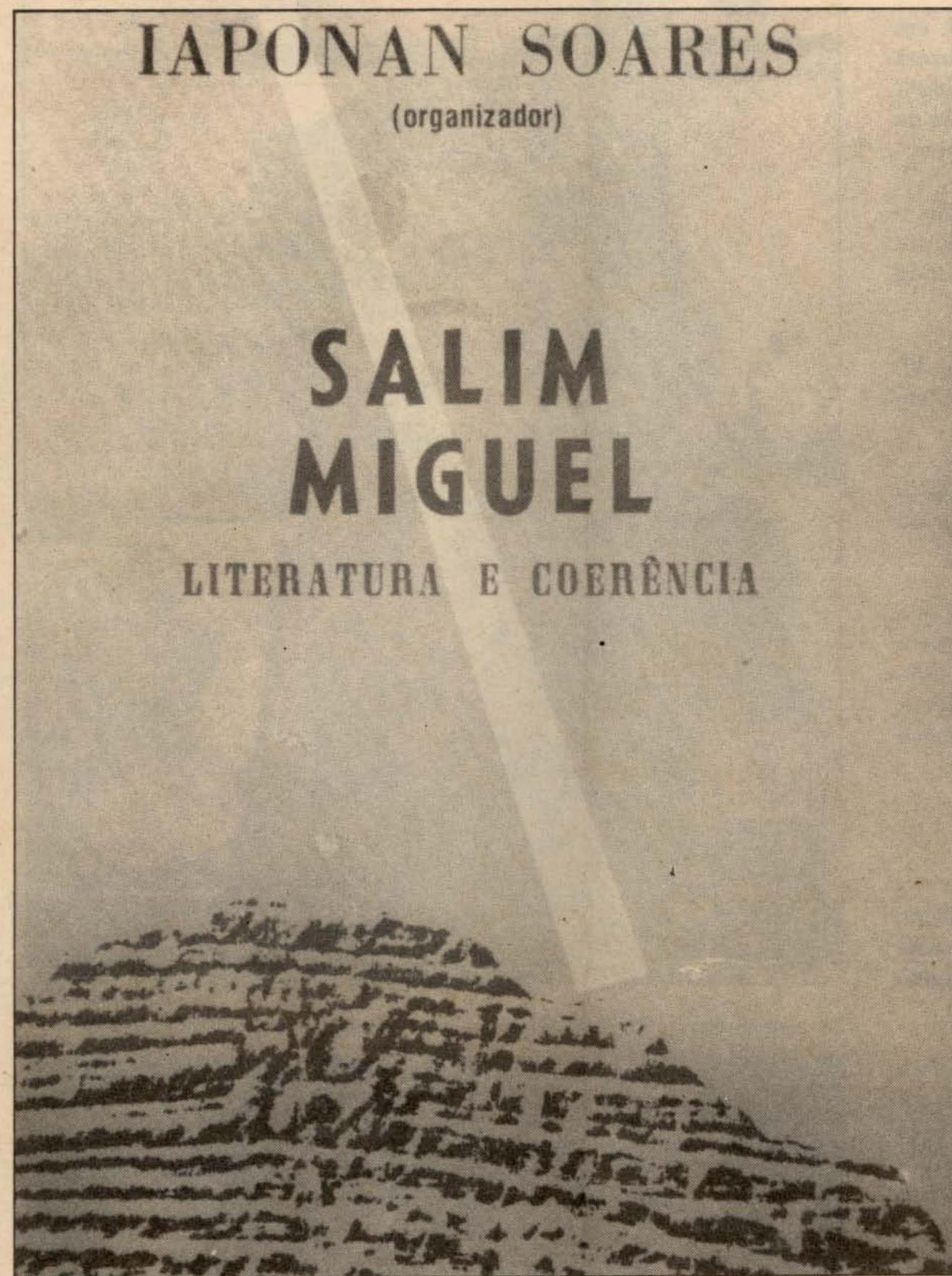
Regina Oliveira Ramos, Tânia Macedo, Raul Antelo e Alcides Buss, formando um painel que sintetizasse, com a maior precisão possível, a importância de Salim para a cultura estadual. Resultado: 150 páginas, divididas em três partes: a primeira é dedicada ao estudo da obra; a segunda, à participação como animador cultural; e a terceira, à iconografia, com reprodução de capas de livros e fotografias.

RESISTÊNCIA

Além enfrentar o desafio de reunir tantos colaboradores, Iaponan teve que romper com a resistência inicial de Salim. "Logo de início, ele ficou constrangido e não gostou da idéia. Mas eu disse que ele era um homem público e que o livro seria editado de qualquer forma, quer concordasse ou não. Ele acabou concordando e chegou até a acompanhar o processo de elaboração, além, é claro, de dar sugestões".

Na primeira quinzena de novembro, a Livraria Lunardelli lança oficialmente a primeira edição de mil exemplares em Santa Catarina. A data e o local ainda não estão definidos.

Contribuição reconhecida



REPRODUÇÃO/DC

A obra tem capa de Jairo Schmidt e estará à venda na Lunardelli

▼ LANÇAMENTO

Dedicação reconhecida

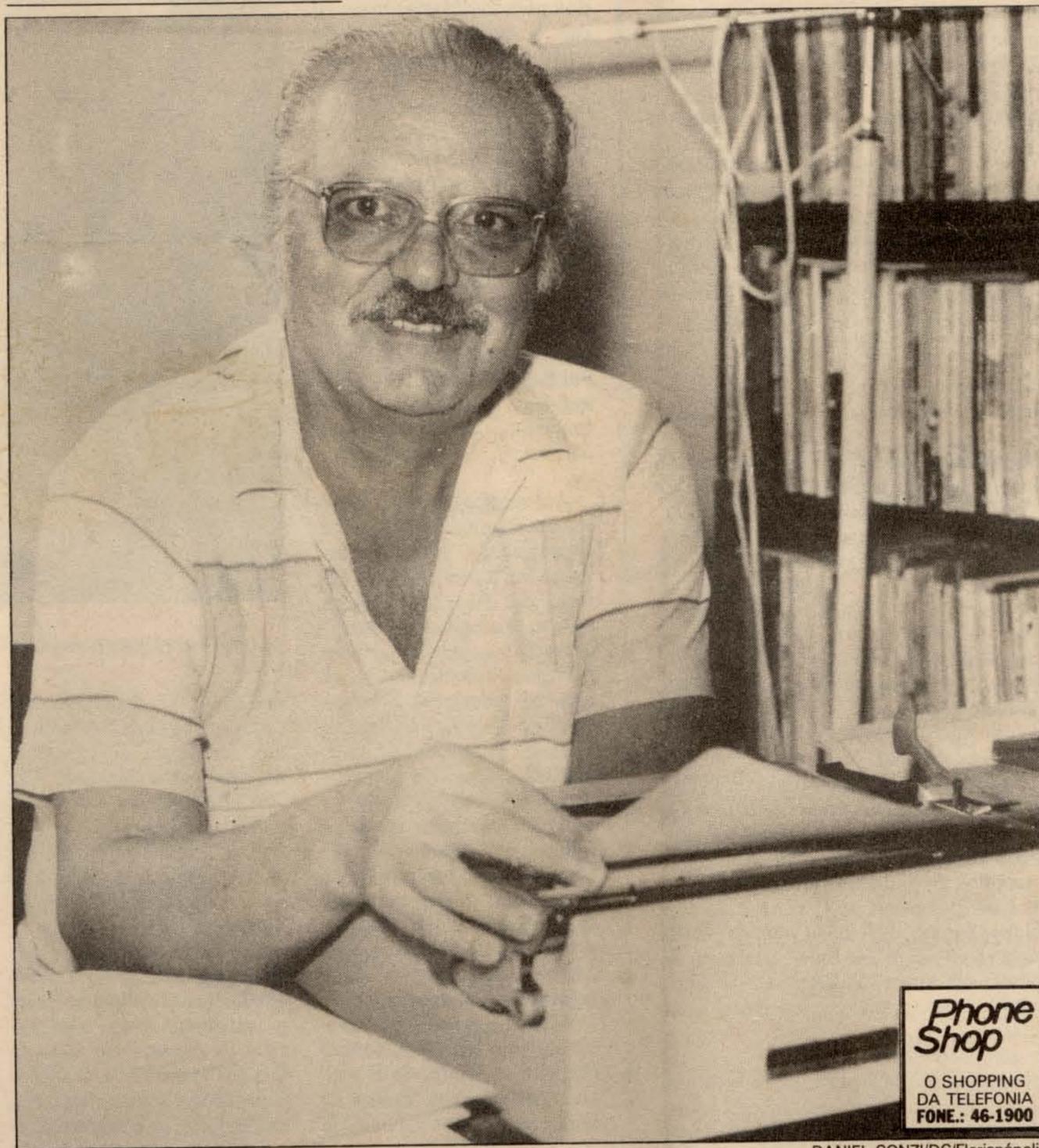
Salim Miguel autografa amanhã, às 20h30min no Reçaka, o livro em sua homenagem, organizado por Iaponan Soares

Florianópolis - Dois nomes dos mais representativos da literatura catarinense estarão juntos no Reçaka, amanhã, para uma sessão de autógrafos. Iaponan Soares, que organizou o livro *Salim Miguel - Literatura e Coerência*, resolveu compilar depoimentos de outros intelectuais sobre um dos idealizadores do Círculo de Arte Moderna, movimento inspirado na Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, que apenas em 1947 deu o ar da graça em Florianópolis. "Salim Miguel faz parte desse grupo de renovação do conto brasileiro, quase todo ele formado por escritores nascidos na província", disse o autor de *Ao Redor de Cruz e Sousa*:

Iaponan Soares presta uma homenagem ao trabalho de Salim Miguel, hoje com 67 anos de idade, através da análise de Antônio Hohlfeldt, Edda Arzúa Ferreira, Tânia Regina Oliveira Ramos, Janete Gaspar Machado, Sílvia de Souza, Mariléia B. de Souza, Raul Antelo, Tânia Macedo, Guido Wilmar Sassi, Alcides Buss, Mário Pontes, Cícero Sandroni e por ele próprio, Salim Miguel. O atual diretor de arte da Fundação Catarinense de Cultura, Iaponan Soares, justifica que a obra de Salim Miguel para Santa Catarina tem especial significado: "Pois é da realidade catarinense que o escritor fala em seus livros".

Atualmente, Salim Miguel tem muitos projetos em

Coerência literária



Phone Shop
O SHOPPING DA TELEFONIA
FONE.: 46-1900

DANIEL CONZI/DC/Florianópolis

O escritor Salim Miguel, 67 anos, é considerado um dos renovadores do conto brasileiro

vista. Dois de seus últimos romances estão em São Paulo aguardando data para publicação. Enquanto isso, ele já pensa nos projetos que têm pela frente. O primeiro é a terceira edição de suas críticas literárias, e o segundo uma reunião de contos. Existe um terceiro, que só

deverá ser conhecido do público em 1995. Salim Miguel adiantou que se trata da imigração libanesa para o Sul do Brasil, com passagens em Santa Catarina, lógico, e Rio Grande do Sul. "Este projeto está na fase das anotações", fez questão de frisar o escritor.

■ FICHA TÉCNICA

Título: *Salim Miguel - Literatura e Coerência* (154 páginas)

Por: Iaponan Soares

Editora: Lunardelli

Apoio Cultural: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

A Lei Rouanet, Dona Cleofe e Salim Miguel

O presidente Collor certamente sancionará a Lei Rouanet para a cultura antes do fim do ano e o país voltará a ter assim, um instrumento de estímulo à produção de artistas e intelectuais que ainda tentam sobreviver no país. Este estímulo oficial à assim chamada cultura será indispensável à sobrevivência do artista? A pergunta é boa para um suplemento cultural, com variadas opiniões a discutir um tema que é permanente. Reservemo-me o direito de escrever mais longamente sobre a lei, mas lembro que antes da Lei Sarney e muito antes da Lei Rouanet um grupo de escritores editou durante quatro anos, a revista *Ficção*, que reuniu contistas de todos os estados. Em 48 edições mensais sucessivas a revista fez um verdadeiro mapeamento da contística nacional. Sem qualquer auxílio - e muitas vezes contra - os governos da época, ainda nas mãos dos militares. Qualquer apoio à cultura, seja através de mecanismos fiscais criados pelo governo ou o mecenato, é sempre bem vindo - mas é bom discutir bem o tema antes de sair por aí, soltando fogos de artifício.

Um marco na história musical do país: na semana passada a Associação de Canto Coral comemorou seus cinquenta anos de existência. Em qual-

quer país medianamente civilizado a data seria lembrada com grandes festas e o reconhecimento público, do governo e dos meios de comunicação. No Brasil, a imprensa registrou vagamente a data e os governos - federal, estadual e municipal - não deram o ar de sua graça. E no entanto, a Associação de Canto Coral, a mais importante instituição do gênero na América Latina vem realizando no meio século que passou um fecundo e brilhante trabalho da apresentação e divulgação da música coral em concertos e pesquisas de seus integrantes, professores de música e musicólogos. Com muito talento e a força de suas cordas vocais, sem qualquer apoio oficial sem Lei Sarney ou Lei Rouanet a Associação de Canto Coral, sob a direção e inspiração de Cleofe Person de Mattos representa no Brasil de hoje uma pedra de toque definitiva. Um símbolo de que através do trabalho, do esforço voltado para objetivo cultural, os brasileiros conseguem realizar, sem o apoio, trabalho musical que vem sendo elogiado pelos melhores maestros do mundo. Está na hora de reconhecer a realização de Dona Cleofe e sua excelente Associação de Canto Coral, de apoiá-la efetivamente para que seu trabalho fecundo e fundador prossiga, com mais força.

O apoio que o Estado deveria dar à cultura, a artistas e escritores nem sempre aparece na hora certa. E muitas vezes, em vez de apoio, o Estado dá cadeia. Não é necessário citar aqui o grande número de artistas perseguidos, presos e assassinados pelo Estado repressor. No caso brasileiro, entre tantos exemplos, o mais marcante é o de Graciliano Ramos, preso no governo Vargas, que nos oferece um relato de sua prisão no livro *Memórias do Cárcere*. Toda esta recordação para registrar o recebimento de um livro de Iaponon Soares, de Santa Catarina, sobre um escritor que também sofreu perseguições e foi preso, em 1964: Salim Miguel.

Título do livro: *Salim Miguel, Literatura e Coerência*, coletânea de ensaios sobre o autor no ano que se comemora quarenta anos de publicação de seu primeiro livro - *Velhice e Outros Contos*, da Editora Sul, em Florianópolis.

Um dos fundadores da *Revista Sul* e do movimento de artistas, intelectuais e cineastas que movimentou Santa Catarina nos anos cinquenta, Salim Miguel não escapou da sanha policial dos que deram o golpe de 1964: foi recolhido a um quartel para averiguações. Quarenta dias depois, graças à intervenção de Adonias Filho, seu

grande amigo e à época diretor da Agência Nacional, foi solto e transferiu-se para o Rio, onde passou quinze anos, trabalhando como jornalista. Voltou para Santa Catarina e dirigiu com entusiasmo, talento e capacidade à Editora da Universidade de Santa Catarina, transformando-a numa das mais bem sucedidas editoras universitárias do país.

A múltipla atividade de animador cultural, editor e jornalista não impediu que prosseguisse na realização de sua obra literária, que hoje consta de mais de dez volumes, de ficção, ensaio e história. Sobre Salim escreveu o conceituado crítico Antonio Hohlfeldt: "Na literatura de Salim Miguel a fragmentação é, sem dúvida, a sua principal marca de modernidade e contemporaneidade. Mas para um escritor que não é afeto aos modismos nem às etiquetas momentâneas, é lógico que existe mais do que isso. Existe sim, a preocupação em documentar as contradições de uma época e de uma civilização, o que faz de maneira perturbadoramente fiel, e numa coerência de evolução literária bastante rara entre nós".

Literatura e coerência - título sugestivo de livro que revela Salim Miguel, o homem e o escritor, por inteiro, na sua dimensão de artista criador e vigoroso ativista dos movimentos de cultura. Nos quarenta anos de vida literária, um tributo a quem, sempre coerente, soube fazer literatura de primeira água.



A lei de Rouanet será sancionada. Mas funcionará de verdade?

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

TEMPO DE HOMENAGENS

Iaponan Soares, incansável pesquisador, acaba de dar a público importante livro a respeito de uma figura de realce em nossas letras. Refiro-me ao volume «Salim Miguel — Literatura e Coerência» (Lunardelli/UFSC — Florianópolis — 1991), onde ele reuniu algumas das mais expressivas manifestações críticas a respeito da vida e da obra do conhecido escritor por ocasião do 40º aniversário de sua estréia literária, com o livro «Velhice e outros Contos», em 1951. Selecionando com muito critério dentro do vasto material existente, aproveitou o Organizador textos de Antônio Hohlfeldt, Edda Arzúa Ferreira, Tânia Regina Oliveira Ramos, Janete Gaspar Machado, Raul Antelo, Tânia Macedo, Guido Wilmar Sassi, Alcides Buss, Mário Pontes, Cícero Sandroni, além de entrevista e depoimento do próprio escritor, minuciosa cronologia, bibliografia ativa e passiva e uma iconografia muito rica.

Muito mais que dar uma visão do pensamento e dos rumos da obra de Salim Miguel, mostra o livro como se iniciou e evoluiu «a realização de um projeto literário que, decorridos quarenta anos, continua em progressivo andamento. Essa obra em curso tem o saldo de cinco livros de contos, três romances e dois volumes de crítica literária», para usar expressões do próprio Organizador. Integrando o grupo que se batia pela renovação do conto brasileiro, Salim Miguel conquistou posição destacada em nossas letras pelo empenho com que se dedicou a essa tarefa e pelos resultados alcançados. «Para Santa Catarina — afirma Iaponan — a obra literária de Salim Miguel tem especial significado, pois é da realidade catarinense que o escritor fala em seus livros, captando-a com suas particularidades intrínsecas e dando-lhe a devida universalidade. A ele também se deve a renovação das atividades culturais catarinenses, quando em 1948, por intermédio do Grupo Sul, com outros intelectuais portadores da mesma inquietação, instaurou aqui o movimento de modernidade pregado pela Semana de 1922.»

A importância do Grupo Sul está muito bem retratada no conhecido livro de Lina Leal Sabino, de que me ocupei num capítulo de «O Perto e o Longe». Testemunhei pessoalmente algumas atividades do Grupo, em sua fase final, quando cheguei em Florianópolis para cursar a Faculdade de Direito. Não apenas a estrela do filme, Lilian Bassanesi, e o escritor Silveira de Souza eram meus colegas de turma, e Walmor Cardoso da Silva, poeta, meu contemporâneo, como muito frequentei a «Livraria do Salim», quartel-general do «bando de malucos» que se filiava ao Grupo. As incompreensões e críticas que sofreu em sua fase heróica são lembradas no livro organizado por Iaponan numa deliciosa crônica de Guido Wilmar Sassi onde, entre outras coisas, diz o seguinte: «Salim Miguel plantou árvores? Ignoro; sei que ele andou espalhando por aí, no Brasil inteiro, mancheias de sementes culturais. «Sul» inspirou a criação de grupos e

revistas literárias: «Litoral» e «Rumos», em Florianópolis e Lages, respectivamente. Também o clube de cinema perfilhou; outros surgiram em Santa Catarina.»

Para concluir, permito-me citar mais uma vez Iaponan Soares: «Muitas são as formas de homenagear um escritor que atingiu determinado estágio em sua obra. Uma delas é fazer a releitura de momentos singulares de seus livros e dimensionar a contribuição que tem dado ao meio em que atua. Este é o nosso propósito ao estudar Salim Miguel nos múltiplos aspectos de sua personalidade.»

Antônio Possidonio Sampaio, advogado na área do Direito Social e escritor com oito livros publicados, escreveu também o prefácio de um de meus livros de contos. No dia 20 de outubro completou 60 anos de uma vida dedicada às letras jurídicas e literárias. Como homenagem, seus amigos publicaram o livro «Retrato e um homem livre», reunindo textos de diversos autores sobre a vida e a obra dessa personalidade marcante que tanto tem dado à nossa cultura.

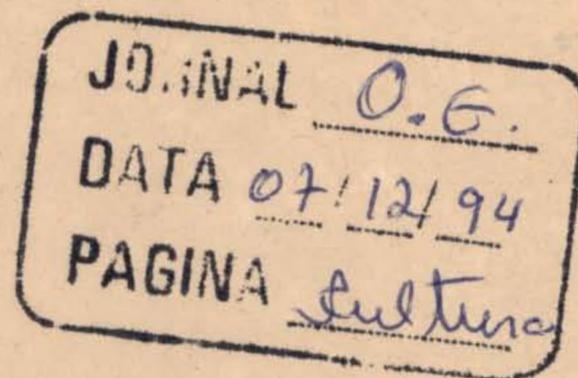
São homenagens semelhantes, uma perto e outra de longe, mas ambas justas e merecidas. Como são fatos que não costumam acontecer com muita frequência, seus realizadores merecem efusivos parabéns.

UM LIVRO DE MEMÓRIAS

Publicado pela Fundação «Casa Dr. Blumenau», acaba de aparecer o curioso livro «Memórias de um blumenauense nascido em Goiás», de autoria de Victoriano Cândido da Silva, mais conhecido como Tesoura Júnior. Inquieto e empreendedor, o memorialista se revelou desde cedo amigo das aventuras e das andanças. Numa linguagem simples, sem afetação, ele vai narrando suas experiências desde a saída da terra natal até a definitiva fixação em nosso Estado com a naturalidade de quem relata acontecimentos de viva voz. Radialista e com grande vivência na Sociedade de Blumenau, ele recorda sua longa atuação no jornalismo esportivo da cidade, envolvendo incontáveis personalidades locais, de ontem e de hoje. O relato é povoado de figuras curiosas e de fatos interessantes, tornando o livro uma experiência agradável, em especial para quem se relaciona com Blumenau. É também um depoimento sobre aspectos variados da vida local e estadual no último meio século.

VARIADAS

Está circulando mais um número (nº. 9, 3ª fase) da «Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina», contendo estudos sobre temas históricos e geográficos, notas e informações sobre a vida da Instituição. Destaco o trabalho. «O lugar da sogra na família moderna», de Joana Maria Pedro, um bom exemplo de que abordagens do gênero podem ser vivas e interessantes sem abdicar da fundamentação. A Academia Catarinense de Letras empossou, em sessão solene, a nova ocupante da Cadeira nº. 7, Leatrice Moell.



Salim está de volta, com novo mergulho na memória

Salim Miguel está de volta, para alegria de seus leitores.

“As Várias Faces”, uma novela em linguagem teatral, é sua segunda obra lançada este ano. Como a anterior — “Primeiro de Abril, Narrativas da Cadeia” —, Salim mexe mais uma vez com a memória. Uma característica que marca profundamente toda a sua obra, desde os primeiros contos publicados nos anos 50.

Editada pela Movimento, em co-edição com a FCC, a novela trata novamente do golpe militar de 1964. Não propriamente do fato histórico, mas de tudo o que ele representa para a vida dos personagens.

A trama desenvolve-se a partir do roubo de um quadro numa exposição de pintura. Só que o quadro não é o que parece — e

as pessoas talvez também não sejam o que são.

O forte do livro reside na construção dos diálogos, propositalmente montados com a forma teatral (o que sem dúvida já é um desafio para algum diretor/ produtor que tenha interesse em adaptar a obra para o palco).

Mas há ainda a “força local”, aquela característica que também marca a literatura de Salim, de remexer com personagens que existiram (muitos deles reais, como o falecido compositor e cantor da Bossa Nova, Luiz Henrique).

Em síntese, obra para reafirmar Salim na nossa galeria de melhores autores. Em lançamento hoje à noite, no Museu Cruz e Sousa. (Carlos Damião)

Novas crônicas dos exílios londrinos

CARLOS MENEZES

Há uns três anos — 1992 para ser exato — julgando o Concurso Stanislaw Ponte Preta, João Antônio, Flávio Moreira da Costa e este colunista constatamos que entre as centenas



de textos concorrente no gênero conto, três de um mesmo autor se destacavam soberanamente dentre os demais, pelo estilo, pela linguagem e pelos temas. Um verdadeiro escritor. Demos-lhes os prêmios dos três primeiros lugares. Abertos os envelopes contendo a identidade do autor, verificamos tratar-se de um, até então, desconhecido: Jason Tércio.

Agora aquele premiado contista transforma-se no romancista de "A pátria que o pariu", recente lançamento da Civilização Brasileira, que reafirma suas excelentes qualidades de contista e sobre o qual diz Ênio Silveira tratar-se de um romance possuído por estranha magia. Tem Londres como cenário, onde Jason Tércio viveu por cerca de quatro anos e onde testemunhou os altos e baixos da vida de brasileiros ali residentes, experimentando uma expatriação mais psicológica do que propriamente geográfica.

Em parte, assim, autobiográfico, "A pátria que o pariu" conjuga experiência, sonhos e frustrações de jovens burgueses e hedonistas sem planos para o futuro, com a riqueza humana de personagens em contato com o álcool, as drogas, o sexo, prontos para o que der e vier. Um romance que na opinião do seu editor se recomenda pela linguagem espontânea e criativa, pela riqueza humana dos personagens e pelas situações insólitas que põe diante do leitor.

■ **BIOGRAFIA** — Com o selo da Siciliano, "A morte não é a vida", de Diane Woodlebook, uma biografia de Anne Sexton, tida como "a única poeta confessional". Fruto de dez anos de trabalhos, o livro desenterra as múltiplas verdades da existência perturbada da poetisa e mostra como sua vida e sua obra se entrelaçavam. Em 1967, Anne Sexton conquistou o Prêmio Pulitzer com a coletânea "Live or die" (Viver ou morrer).

■ **FREUD** — A Imago está lançando "Freud — Raça e sexo", de Sander Gilman, da Universidade de Cornell, EUA. Analisa temas como a construção do judeu de sexo masculino; loucura judaica e sexos; doenças sistêmicas: câncer e anti-semitismo. O estudo inclui um exame da reação de Freud quando se tornou paciente, com um tumor do maxilar.

■ **LIVROS** — De Arnaldo Campos, a Mercado Aberto está lançando, na série "Revisão 40", "Breve história do livro". Oferece uma visão panorâmica da palavra impressa, desde a Antiguidade, com as lajotas de barro na Mesopotâmia, até hoje, passando pela Idade Média e Guttemberg.

■ **THRILLER** — Saindo dos prelos da Record: "O olho da tempestade", de Jack Higgins, mestre da espionagem, autor, entre outros, de "A águia pousou". A trama parte de um episódio ocorrido em 7 de fevereiro de 1992, quando morteiros explodiram o gabinete do Primeiro-Ministro John Major, da Inglaterra, no famoso endereço do nº 10 de Downing Street. Também com o selo da Record, "Ramage na Ilha do Diabo", com mais uma aventura do herói naval inglês Nicholas Ramage, criado por Dudley Pope, que os leitores conhecem de "Ramage" e de "Ramage e os rebeldes". A missão de Ramage, desta vez, é liberar um grupo de estrangeiros e monarquistas franceses desterrados por Napoleão para a

Guiana Francesa.

■ **ROMANCE BRASILEIRO** — Poeta, ficcionista, crítico literário e professor universitário, Domicio Proença Filho está de volta com "Estórias da mitologia — o cotidiano dos deuses", uma extravagância ficcional num irresistível estilo borgiano. Certo manuscrito encontrado no Trem da Morte é o ponto de partida que levará o leitor a conhecer depoimentos dos deuses do Olimpo a Terésias, em que expõem suas próprias vidas e as dos homens.

■ **NOVELAS** — Depois de "Possessão", a inglesa A.B. Byatt volta, com o selo da Companhia das Letras, com as novelas "Morpho Eugenia" e "Anjo conubial", reunidas num volume intitulado "Anjos e insetos". Interligados, os dois textos ficcionais recriam, com sensibilidade e bom-humor, a atmosfera e os impasses da Inglaterra vitoriana.

■ **NOVELAS II** — Com o selo da editora Movimento, o catarinense Salim Miguel encerra seu ano literário com a novela "As várias faces". Jornalista, fundador de "Ficções", a mais importante revista dedicada ao conto que o Brasil já teve, ao lado de Cícero Sandroni, Eglê Malheiros e Fausto Cunha, Salim Miguel registra em sua bibliografia títulos como "A morte do tenente e outras mortes", "A voz submersa", "Primeiro de abril" e "O castelo de Frankenstein", de crônicas.

■ **EÇA E A GASTRONOMIA** — Depois de "Era Lisboa e chovia", Dario Moreira de Castro Alves, diplomata e escritor, viúvo da grande Dinah Silveira de Queiroz, lança, com o selo da Nórdica, "Era Tormes e amanhecia". Profundo conhecedor de toda a obra de Eça de Queiroz, o que comprovou em seu primeiro livro, Dario descreve a gastronomia portuguesa mencionada na ficção eceana, com o registro de mais de quatro mil citações.

A nova face de Salim Miguel

Foto de Daniel Conzi/Florianópolis/DC

Escritor completa 40 anos de atividade literária escrevendo um livro inovador no tema e na linguagem

Simone Bobsin

Florianópolis

No momento em que o escritor, jornalista e diretor da editora da UFSC, Salim Miguel, acaba de escrever sua 12ª obra, completam-se 40 anos do lançamento de seu primeiro livro, *Velhice e outros Contos*, pelas edições Sul. São quatro décadas dedicadas à literatura e, acima de tudo, a preocupação constante com a linguagem literária. Ele acredita na permanente

renovação do escritor, assim como na inquietude que a obra deve causar ao leitor.

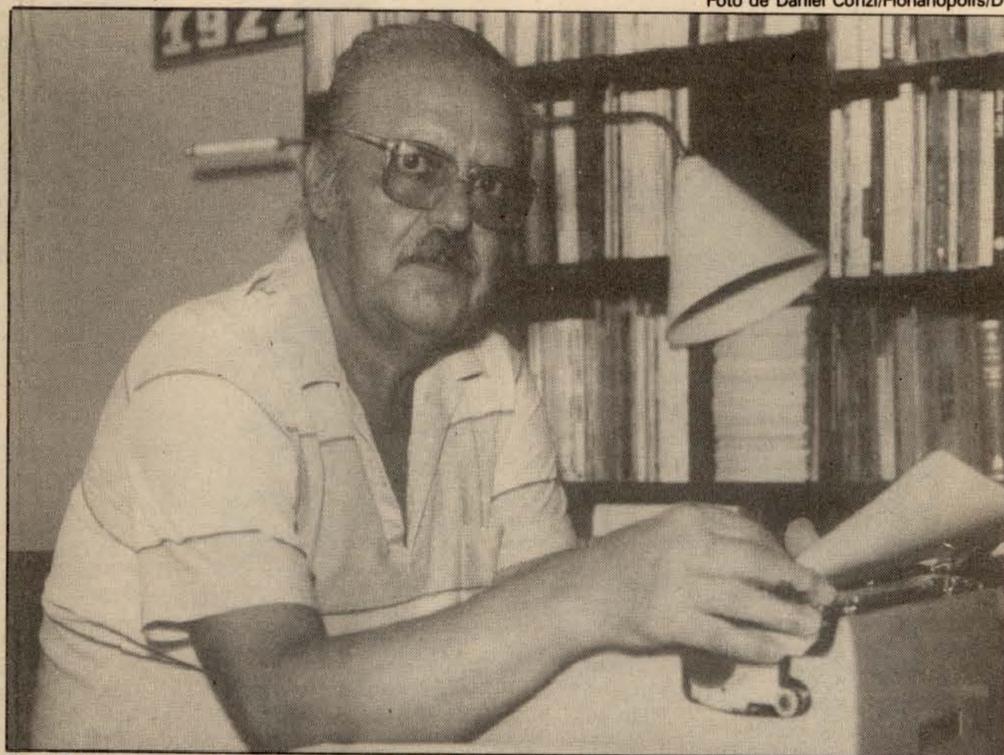
Dessa maneira, em *As Várias Faces*, Miguel faz experimentalismos apresentando um livro que foge a tudo que até hoje produziu. Quase uma peça de teatro, a obra inova em sua estrutura e linguagem. Em 45 dias, incluindo sábados, domingos e feriados, em sua casa de praia em Cachoeira do Bom Jesus, Salim Miguel colocou um ponto final nas 146 páginas datilografadas. "Ou eu termino este livro ou jogo no lixo", disse para si mesmo. "Não precisei jogar no lixo", conclui.

Um projeto antigo, que foi abandonado e retomado diversas vezes. Um capítulo acabou sendo transformado no conto *Galo, Gato, Atog* e publicado no livro *A Morte do Tenente e outras Mortes*, em

1979 pelas edições Antares. A história foi baseada nos galos fantásticos do artista Meyer Filho.

As idas e vindas desta novela em três atos originou a atual quinta versão de *As Várias Faces*, justificada pelo autor: "Escrever é saber cortar". Em cada vez que retomou o original, ele emagreceu, "já que eu não consigo", fala bem-humorado. O destino do livro ainda é incerto. Sem data para publicação, Miguel adianta que oferecerá a três editoras. À José Olympio, no Rio de Janeiro, à Global, em São Paulo, e, talvez, à Mercado Aberto, de Porto Alegre.

Na entrevista, o escritor conta a história "meio absurda" do livro, além de manifestar sua opinião sobre o ato de escrever, sua influência sobre o leitor e a desvalorização da leitura.



Em 45 dias, autor chegou ao ponto final da sua 12ª obra

"Uma farsa em três atos"

Diário Catarinense - Em *As Várias Faces*, você escreve uma peça dentro de outra peça. Como é isso?

Salim Miguel - A proposta inicial era fazer uma peça de teatro, uma farsa em três atos. Mas não trabalhei no sentido de limpar mais o texto, tinha personagens demais, um monólogo de 12 laudas datilografadas. Se eu tivesse repensado isto tudo, aí seria uma peça. Entretanto, fugiria da proposta de apresentar uma visão de mundo através de uma cidade pequena durante uma exposição de pintura. Então, decidi utilizar a estrutura de uma peça de teatro, com muitos diálogos, ambientação. São mais de 20 personagens que podem ser interpretados pelos mesmos atores. Na verdade é isso mesmo, uma peça dentro de outra. São os mesmos personagens vivendo uma outra vida. Jogo com os contrastes para mostrar aquilo que chamo de microcosmos dentro do macrocosmos.

DC - Como flui a história com esta estrutura?

SM - A história se passa num salão de hotel mediano onde é organizada uma exposição. No primeiro ato um dos quadros desaparece, um gato empalhado. A movimentação

em torno do roubo acontece no segundo ato, e, no terceiro, o comissário tenta descobrir o autor do roubo. O livro termina quando o comissário diz 'ninguém vai poder sair daqui'. Existe somente uma personagem mulher para a qual eu dei um nome enquanto todos os outros não possuem. A Lúcia sintetiza o universo feminino, é uma moça culta e sensual que na peça passa a ser uma dona-de-casa desiludida que faz tricô. O novo rico assume o papel de marido desempregado e tem dois irmãos gêmeos que são os autores da peça. Subverto as posições sem modificar as características físicas e psicológicas do personagem. O resultado é instigante. É, também, um pouco absurdo. Quero que o leitor pense no que pretende o autor com este trabalho.

DC - O livro apresenta uma linha policial e dá um enfoque social através da mudança de personagens na peça dentro da peça...

SM - Ele apresenta uma linha policial mas não me interessa fazer uma peça policial nem descobrir quem roubou. Quero desvendar as várias faces da humanidade, dos personagens que compõem os seres humanos.

DC - E o leitor não corre o risco de se confundir?

SM - Dei os originais para a Iglê; meu filho e minha nora leram e eles não se confundiram. Agora pretendo distribuir a três pessoas de fora. Uma ligada a área de teatro para ver se é possível encená-la, outra que lê como passado e o meu amigo, crítico e a pessoa que talvez melhor conheça a minha obra, Antônio Hohlfeldt.

DC - Sua intenção é atingir o leitor, de qualquer maneira. Então, qual o compromisso que o escritor tem com o leitor?

SM - A literatura não é feita para agradar, é para agredir no sentido de inquietar. É preciso sair da pasmeira. O pior que pode acontecer é o leitor ler a obra e não pensar mais nela. A intenção de *As Várias Faces* é inquietar, e, é claro, de ter uma boa vendagem. Mas não para se pagar, não é um problema financeiro.

DC - Este é o seu 12º livro e nele você foge completamente da estrutura das outras obras. Isto pressupõe uma renovação. E, assim como acredita no compromisso do escritor com o leitor, qual seria o compromisso do escritor com ele próprio?

SM - O criador literário nunca

deve se satisfazer com aquilo que deu certo. O meu romance *A Voz Submersa* teve uma boa crítica e eu poderia continuar escrevendo daquela forma. Em *A Vida Breve de Sezefredo das Nezes* escrevi uma biografia imaginária de um poeta que era uma súplica de poetas frustrados. Ele sofre, come, trepa e defeca poesia. Meu primeiro romance, *Rede*, tem uma linha bem realista, se passa numa colônia de pescadores. Na verdade, é uma grande reportagem misturada com ficção. Foi um desafio escrever *As Várias Faces*, uma peça que fugiu a tudo que tinha feito anteriormente.

DC - Existe muita atenção em torno dos escritores, das publicações, da divulgação. Mas o principal, que é a leitura do livro, fica deixado de lado, parece pouco valorizada.

SM - Teve uma época que era moda falar de *Ulisses* e de Joyce. O livro teve uma venda espetacular, mas qual seria a porcentagem de quem realmente leu o livro? Não é um livro digestivo. Já reli diversas vezes. Em cada uma tenho uma nova descoberta. Mas, no Brasil tem de levar em conta que primeiro o povo não lê. Segundo, o poder aquisitivo é baixo, e, por último, o mercado é determinado pelo modismo.

Linguagem da reinvenção

Antônio Hohlfeldt

Especial DC

A matéria-prima da literatura de Salim Miguel é a memória. Conseqüentemente, é o tempo. As personagens de Salim Miguel não se limitam a viver uma única vez de suas vidas. Elas depois as recriam, reinterpretam, revivem. Isso ocorre desde os seus primeiros textos, o que evidencia não ser uma posição de quem, na metade da jornada biológica, começa a se preocupar com essas coisas, não. Salim Miguel - ainda jovem, ainda escritor estreado - escolheu esse tema que, para mim, tem muito a ver com sua própria condição de imigrante.

Efetivamente, da mesma forma que na biografia do cidadão individualmente identificado, houve um episódio de precisar abandonar a pátria, emigrando para uma terra desconhecida onde tudo precisou ser refeito, a literatura de Salim Miguel traduz um sentimento de passagem, de perda, de redimensionamento em face da vida. Viver não é viver se não pudermos refletir, falar, pensar, recriar o vivido. Parece que o processo vital só se completa sob tal perspectiva, nesse sentido, as personagens de Salim Miguel estão sempre a reviver suas realizações anteriores, reescrevendo-as e revalorizando-as.

Há, contudo, um enorme contraste entre tal tendência e uma outra, talvez ainda mais fascinante: o descobrimento de pequenos gestos cotidianos, a busca de quase perdidas sensações, a definição de sentido para mínimas circunstâncias. Tudo o que parece passageiro, eventual, quase imaterializado, é redimensionado, é pura e simplesmente revalorizado, pela narrativa do escritor. Nesse sentido, definitivo o conto sobre as impressões guardadas pelo menino quando os ágeis e descobridores dedos da tia lhe tateiam o sexo, num texto que é antológico em nossa literatura.

Das duas tendências - a revivência e o redimensionamento do pequeno episódio - cria Salim Miguel a essência de sua literatura: o clima. Clima diáfano, etéreo, íntimo, marcado por véus (e seu desvelamento). Sobretudo quando se refere a personagens socialmente marginalizados, sobre as quais raramente o relato da história ou a página diária do jornal deita seu olhar. Por isso a literatura de Salim Miguel é uma constante luta contra a reificação do indivíduo: porque valoriza, na personagem anônimo, perdido na massa, suas sensações, seus sentimentos, seu ser, transformando-o, assim, em alguém. Humano.

Poetas unidos contra a violência

CARLOS MENEZES

Baixaria eleitoral, violência na cidade e no campo, trânsito tumultuado, violento e criminoso, denúncias de corrupção nos mais variados setores da vida pública, seqüestros, guerra de bandidos nas favelas, arrastões nas praias, balas perdidas. Com tudo isso, num uníssono infernal, como se pensar em poesia e como, apesar de tudo isso, ainda fazê-la?



Pois seis poetas — Valéria Martins, Sandra Teixeira, Henrique Miranda, Ricardo Almeida, André Giusti e Henrique Koifman — surdos às agressões auditivas e físicas do mundo exterior, e guiados apenas pelas melodias que brotam de seus interiores, estão provando que, apesar de tudo, “poetar é preciso”. Por isso, estão chegando às livrarias com uma coletânea, lançada pela Sette Letras, e, cômicos do “momento histórico” que vivemos, indagam no título: “Poesia numa hora dessas?”.

A coletânea chega sob as bênçãos de Denise Emmer, Ney Reis, Antônio Torres, Aldir Blanc, Alceu Valença e Lêdo Ivo, que diz no prefácio: “Nesta coletânea, organizada sob o signo da partilha e da solidariedade, seis poetas se situam na fronteira em que suas vozes, nascentes, aspiram a converter-se, uma vez tornadas inconfundíveis, nessas vozes coletivas aparelhadas para atrair a audiência dos próximos e dos outros”.

Enquanto isso, Tereza Tenório chega do Nordeste, pelos prelos da Tempo Brasileiro, com “Corpo da terra”, cheio de poemas calcados na temática universal do amor, da morte e do seu Pernambuco natal. No prefácio, diz Fábio Lucas: “Regulando a expressão poética entre o canto claro da situação dramática e a versificação do lado turvo da alma, revela (a poetisa) competência literária e inteira afinidade com a melhor tradição lírica da língua portuguesa”.

Já Massao Ohno, editor que só publica a boa poesia, seja do consagrado ou do estreante, está lançando “Helênica”, de Sílvia Jacintho, Prêmio Jorge de Lima de 1992, da UBE. Stella Leonardos destaca a força e a beleza dos poemas e aponta no livro dois tipos de poética: “Uma cósmica, genesiaca, mesmo. Outra que narra, descreve e se justifica, porque no estilo de tantos e tantos fragmentos da arcaica poesia grega”.

■ **FICÇÃO E PROSA** — Da poetisa e escritora mineira Adélia Prado, depois de sete anos de gestação, está saindo, com o selo da Siciliano, o romance “O homem da mão seca”. A criadora de “Dona doida”, imortalizada no teatro por Fernanda Monte-

negro, emprega neste romance as palavras como instrumento de revelação. De Aureo Mello, sai pela Record a coletânea de contos “O muito sozinho”. Remissão de raízes pitorescas, onde a fusão e a confusão da existência e das idéias adquirem vida. De Marcelo Rubens Paiva, também com o selo da Siciliano, “As fêmeas”, coletânea de crônicas publicadas na imprensa paulista.

■ **NOVO DE SALIM MIGUEL** — Depois de “1º de abril — Narrativas da cadeia”, editado no início do ano pela José Olympio, o escritor Salim Miguel lançará este mês “As várias faces — Novela em três atos”, com o selo da editora Movimento, de Porto Alegre. “1º de abril” está com a edição praticamente esgotada.

■ **VÁRIAS** — Pela primeira vez desde que foi instituída a Feira do Livro de Frankfurt, a José Olympio estará presente representada por Maria Amélia Melo. ● Eric Nepomuceno, tradutor de Julio Cortázar, inaugura amanhã, na Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre, uma exposição sobre a vida e a obra do escritor argentino. Na ocasião, pronunciará palestra sobre Cortázar e lançará a tradução de sua coletânea de contos “As armas secretas”, inédita no Brasil. ● Maria Lúcia Amaral está partindo para Frankfurt para lançar na Feira do Livro dois trabalhos seus, selecionados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil: “Cadeira de piolho” e “Zé Ventania”. ● Chaim Samuel Katz lançará amanhã, a partir das 20h30m, na Timbre da Gávea, “Freud e as psicoses — Primeiros estudos”, edição da Xenon.

■ **PLÍNIO MARCOS** — Depois da coletânea poética “Antiuniverso”, de Fernando Py, a nova editora Firmo, de Petrópolis, está lançando “Plínio Marcos — A flor e o mal”, ensaio de Paulo Vieira, diretor de teatro e dramaturgo. Traz ampla, abrangente e minuciosa análise da obra de Plínio, que na opinião da crítica é o maior dramaturgo vivo do Brasil, autor de “Navalha na carne”, “Dois perdidos numa noite suja”, “Barrela” e “Quando as máquinas param”, entre outros.

■ **CLÁSSICO DE GUERRA** — A Record está lançando, em dois volumes, “A um passo da eternidade”, de James Jones, que o cinema ajudou a popularizar através do filme homônimo de Fred Zinnemann, estrelado por Burt Lancaster, Debora Kerr, Montgomery Clift, Ernest Borgnine, Donna Reed e Frank Sinatra, ganhador de oito Oscars.

■ **SIDNEY SHELDON** — Novo livro de Sidney Sheldon, com o selo da editora de Sérgio Machado: “Nada dura para sempre”, um thriller que narra a história de três médicas que vivem e trabalham juntas e se envolvem em situações inesperadas.

Novela em três atos é um falso teatro

As Várias Faces — De Salim Miguel. Porto Alegre, Movimento, 150 páginas. Editora Movimento (Rua Banco Inglês, 252, Porto Alegre-RS, CEP 90840-600. Fone (051) 223-7645).

Se todo poeta é um fingidor, toda literatura é uma farsa — tão maior quanto mais se pretende autêntica. A ficção moderna costuma rir de si própria, exibir suas incoerências, até suas inverdades. Ora pede distanciamento do leitor, ora o obriga a decidir o rumo das personagens. Muitas vezes insiste que não passa disso — farsa. Mas ainda assim cativa, emociona. Engana duas vezes.

O escritor Salim Miguel é mestre nesses artificios. Sua obra é percorrida por personagens que se assumem enquanto tal, por narradores confusos, que vez ou outra perdem o fio da meada, por escritores angustiados com o destino de sua criação. Seu livro mais recente, *As Várias Faces*, é uma “novela em três atos”, falso teatro no qual falsos atores fingem que encenam uma falsa tragicomédia.

Desfile — No primeiro ato, um desfile de vaidades. Está sendo inaugurada a exposição de um artista moderníssimo — e incompreensível, é claro. Entre manifestações invejosas de desprezo e as mais óbvias palavras de incentivo, vai se montando a farsa.

Uma atriz chamada Lúcia (única personagem que possui nome), um Advogado, um Comprador, um Ator, um Pintor de Meia Idade, os Gêmeos, o Cronista Social e uma série de outras caricaturas, arremedos de personagens, compõem o cenário.

No momento adequado, ou nem tanto, pronunciam sua fala, mal ensaiada, quase sempre despropositada, eventualmente estúpida. Divagam sobre o sentido da arte e a razão das coisas, se embebedam em seus próprios discursos, se afundam no buraco de sua vacuidade.

Mas eles persistem, como bons canastrões que são. Chegam mesmo ao segundo ato, onde se descobre que um quadro foi roubado — brincadeira ou forjada auto-promoção?

A partir daí, os mecanismos da farsa se tornam duplamente ousados, passam a ser exibidos como um elemento a mais dentro da narrativa, possibilidade que o autor explora até os limites do absurdo.

De repente, uma outra peça vai sendo encenada dentro da peça, invertendo papéis, desestruturando e fragmentando o texto, fazendo-o ainda mais irreal.

Mas é no terceiro ato que o livro chega à beira do surrealismo, com passagens que remetem ao *Anjo Exterminador*, de Bunel, ao mesmo



A figura do galo é recorrente na obra de Salim Miguel, que em *As Várias Faces* seu Pintor da Meia Idade é fascinado por galos, especializado em pintá-los

tempo em que a realidade política do Brasil de 1964 entra em cena, sufocante, por mais que as personagens queiram ignorá-la.

Galos — É neste último ato que o tal Pintor de Meia Idade toma a palavra e faz dela imagem, cor e luz. Muito próximo à insanidade, perigosamente encantatório, ele despeja sobre seus espectadores (os “atores” da peça, subitamente transformados em platéia) um longo monólogo, feito de angústia, medo, culpa e raiva.

É o louco lúcido, dono de uma outra razão, que talvez não seja pior do que a daqueles que o escutam, mas que também não é necessariamente melhor.

Quem conhece a obra de Salim Miguel com certeza vai se lembrar desse sujeito — verborrágico, alucinado, pintor especializado em galos, absolutamente fascinado por galos, tomado por eles.

O belo monólogo do Pintor de Meia Idade, com algumas alterações, já foi o conto *Galo, gato, atog*, publicado em *A Morte do Tenente e Outras Mortes* (1979).

A obra de Salim Miguel é cheia de personagens reaproveitadas. Ler seus livros é como espreitar existências. Neles, podemos encontrar um mesmo homem em suas mais

diferentes possibilidades.

O velho distraído e frustrado de um romance pode aparecer mais tarde num conto como um jovem forte e decidido. O pescador que se afoga talvez reapareça um dia como protagonista de uma história de amor.

Ao investir tão decisivamente na farsa, em *As Várias Faces*, Salim Miguel meio que abandona seu principal veículo de narração — a memória. Ela é quem costuma conduzir sua obra, extremamente rica na construção imagética do tempo, às vezes fluido, lento, às vezes frenético, alucinado, sempre fascinante pelo que carrega de mais terrível.

Província — O meio cultural e artístico de uma pequena cidade provinciana é tema muitas vezes presente na obra de Salim Miguel. Faz parte de sua experiência de vida, já que,

nos anos 40, ele foi um dos líderes do grupo de jovens intelectuais que fez chegar a Florianópolis, com mais de duas décadas de atraso, a Semana de Arte Moderna.

O retrato que o escritor faz desse meio é crítico e duro, e certamente pode ser estendido para muito além do seu território inicial.

Em outras obras, o tema — a vida intelectual da província — surge com forte sabor de reminiscências. É o caso, por exemplo, do romance *A vida Breve de Sezefredo das Neves*, Poeta (1987).

Já em *As Várias Faces*, com suas personagens fortemente estereotipadas, ao ponto de serem nomeadas por seus traços definidores, ele se torna mais propriamente um objeto de discussão.

Não que a memória e a experiência de vida estejam de fora. Sem ser um *roman à clef*, *As Várias Faces*

permite que se aproxime, ao menos parcialmente, suas personagens de figuras reais da vida cultural de Florianópolis. E a personagem mais irreal é justamente aquela que possui um modelo mais identificável: o Pintor de Meia Idade.

Seu inspirador foi Ernesto Meyer Filho, falecido há poucos anos e a cuja memória o livro é dedicado. Um dos maiores artistas plásticos de Santa Catarina, Meyer Filho construiu uma obra feita quase que exclusivamente de galos e de fantásticos animais cósmicos, que pintava em cores vibrantes ou simplesmente rabiscava em guardanapos de papel ou no verso de documentos bancários — pois, além de pintor, foi funcionário do Banco do Brasil.

Obra de arte — A farsa montada e exposta por Salim Miguel vai até onde toda obra de arte, seja ela moderna ou não, quer chegar — na vida. Por vias menos ou mais próximas do realismo, todo artista procura dizer algo sobre (e para) o mundo em que vive.

Livro que está longe de ser fácil, mas que consegue prender seus leitores, *As Várias Faces* se mantém integralmente fiel a este compromisso, por mais que lance mão do absurdo, da caricatura e do surreal. (Regina Dalcastagné).



020 - AS VÁRIAS faces. **O Estado**. Florianópolis, 05 dez. de 1994.

*20h30min, no Museu Histórico
de Santa Catarina, o lança-
mento do livro "As Várias Fa-
ces", uma "novela em três
atos" do escritor Salim Miguel.*

* * *

Salim Miguel lança novo livro

“As Várias Faces”, de Salim Miguel, novela em três atos, é o lançamento marcado para a próxima quarta, às 20h30min, no Museu Histórico Cruz e Sousa. O livro foi publicado pela Editora Movimento e FCC Edições. O apoio é da Agência de Comunicação da UFSC, Imprensa Universitária e Box 32.

Miguel é jornalista profissional, escritor, argumentista e roteirista de cinema. Sua biografia mostra 12 livros publicados e algumas antologias. De 47 a 58, participou de um movimento que

se propôs a renovar o ambiente cultural, conhecido como Grupo Sul, que abarcou a revista, editora, teatro, artes plásticas, música, e cinema.

Em 64, chefiou o escritório da A.N. e trabalhou na assessoria de imprensa do governo do estado. Preso quando os militares chegam ao poder, parte para Rio de Janeiro em 1965. Na volta, dirigiu por oito anos a Editora da UFSC. Em 93, assumiu a Superintendência da Fundação Franklin Cascaes, órgão de cultura da Prefeitura Municipal de Florianópolis.



Salim Miguel

AS VÁRIAS FACES

novela

FCC

58

Estrutura híbrida marca "As Várias Faces"

□ Livro de Salim Miguel reunindo narrativa de novela e linguagem de teatro, será lançado amanhã, no Cruz e Sousa

OSVALDO NOCETTI 18/10/89

Florianópolis - A forma é o grande trunfo de "As Várias Faces", 13º livro do escritor Salim Miguel. A caracterização dos personagens joga o tempo todo com os contrastes onde, valendo-se de uma narração híbrida, fundem-se as estruturas de novela e teatro. "As Várias Faces" (Editora Movimento/FCC Edições) será lançado amanhã, às 20h30, no Palácio Cruz e Sousa.

Os contrastes de tipos surgem da forma não-linear de narrativa. O primeiro ato da novela/peça inicia com uma exposição de artes plásticas. Um empresário que participa do vernissage e olha os quadros com intenção de comprá-los mais tarde, em uma peça dentro da novela, é transformado em operário falido. Um ator, nesse mesmo trecho do livro, vira empresário. Uma atriz não gosta de gatos no vernissage, mas na peça passa a acariciar o tempo todo, em seu colo, um gato imaginário.

O leitmotiv da novela/peça, entretanto, surge de um roubo ocorrido na exposição de arte contemporânea. Entre os vários trabalhos da mostra há um quadro feito com um gato empanhado. "O gato parece vivo. Essa impressão se dá através dos olhos do gato, que acompanham as pessoas o tempo todo", observa o escritor. Após o roubo inicia uma total confusão. Antes, havia, segundo Salim, apenas uma "explosão de vaidades". Na confusão, todos querem saber o que está acontecendo. Justamente aí entra um

pintor de meia-idade defendendo a tese de que foi roubado um galo e não um gato. Explica que o galo é viril, enquanto o gato, nojento.

O terceiro ato de "As Várias Faces" apresenta como pano de fundo uma referência ao golpe militar de 1964. Salim Miguel, que também é jornalista, foi vítima do autoritarismo nessa época e chegou a ser preso. Os dias em que ficou na prisão foram transformados no livro "Primeiro de Abril", lançado no primeiro semestre deste ano. Para novamente se referir ao golpe, o escritor colocou o personagem comissário em "As Várias Faces". Esse tipo interroga todos que estão na exposição e conclui que o caso lhe escapou das mãos. De súbito, dessa forma, o delegado diz que ninguém sairá dali enquanto não for descoberto o autor do roubo. "Refiro-me à impossibilidade de deixar o Brasil na época da ditadura", comenta.

Quanto à contemporaneidade da forma de narrar, Salim observa que sua proposta, a princípio, era fazer realmente uma peça de teatro. "Mas a minha vocação, em teatro, é assistir. Iniciado o processo, não voltei e nem mesmo resolvi a trama como peça. Houve muitas interferências que transformaram o texto em novela. Acho que a estrutura ficou híbrida", analisa.

O que Salim Miguel, superintendente da Fundação Franklin Cascaes, espera agora é muita discussão. Esse

propósito começou a ser atingido antes mesmo do lançamento. Antônio Hohlfeldt, crítico de literatura gaúcho, vê em "As Várias Faces" uma novela. O escritor português Alexandre Cabral, em carta, comenta para Salim que gostaria de ver a peça encenada. "A minha intenção de deixar uma forma híbrida parece que foi alcançada", adianta.

SERVIÇO

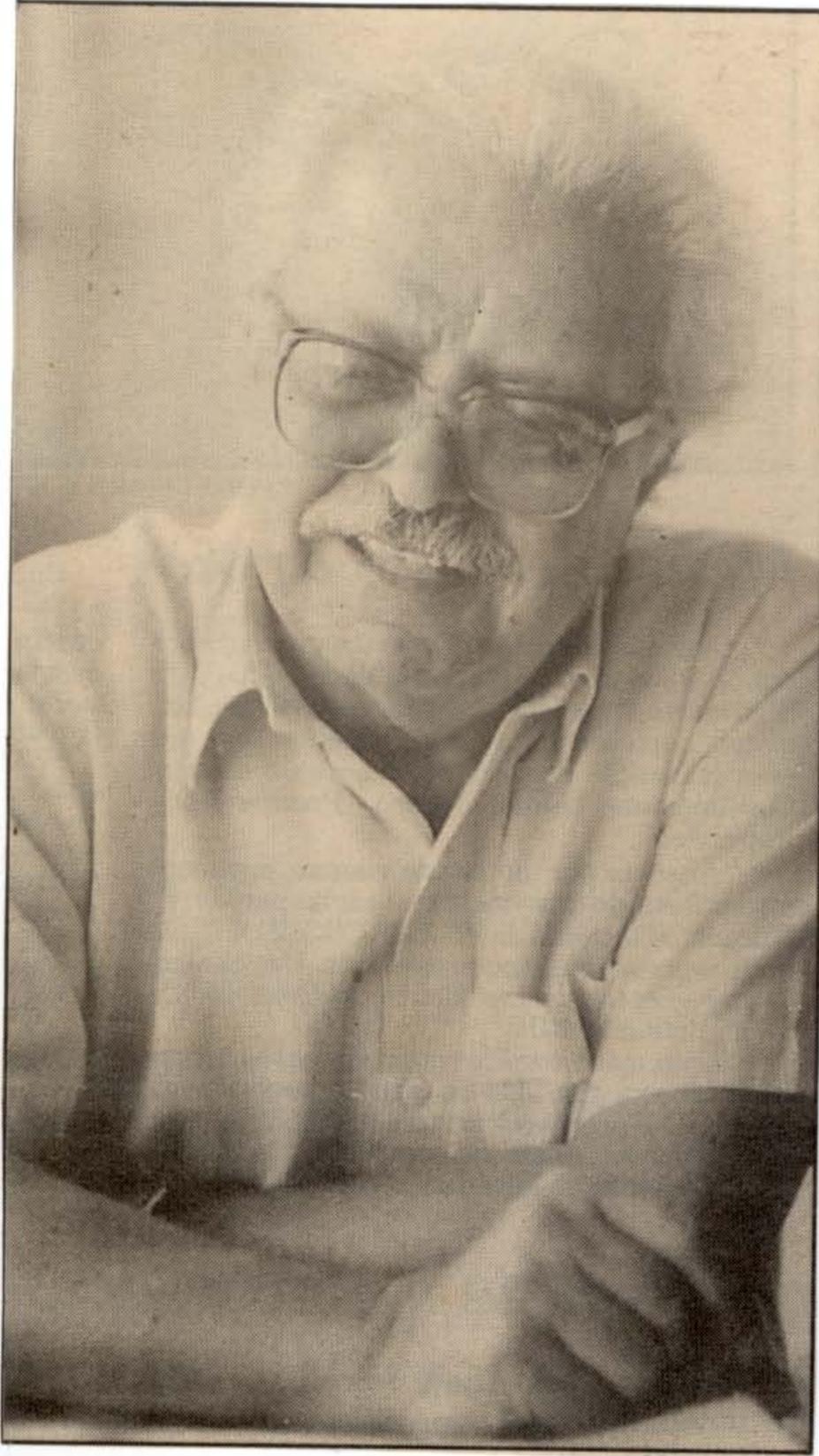
Livro: "As Várias Faces".
Autor: Salim Miguel. **Lançamento:** amanhã às 20h30, no Palácio Cruz e Sousa (praça XV de Novembro, centro). **Editora:** Movimento/FCC

PERFIL

Salim Miguel: jornalista, escritor, argumentista e roteirista de cinema. Publicou 12 livros, além de antologias. De 1947 a 1958 participou do movimento Grupo Sul, que se propôs a renovar o ambiente cultural em Santa Catarina, nos mesmos moldes da Semana de Arte Moderna da década de 20. Atualmente é superintendente da Fundação Franklin Cascaes.



"As Várias Faces" (no detalhe), é o 13º livro do catarinense Salim Miguel: "Minha intenção foi alcançada"



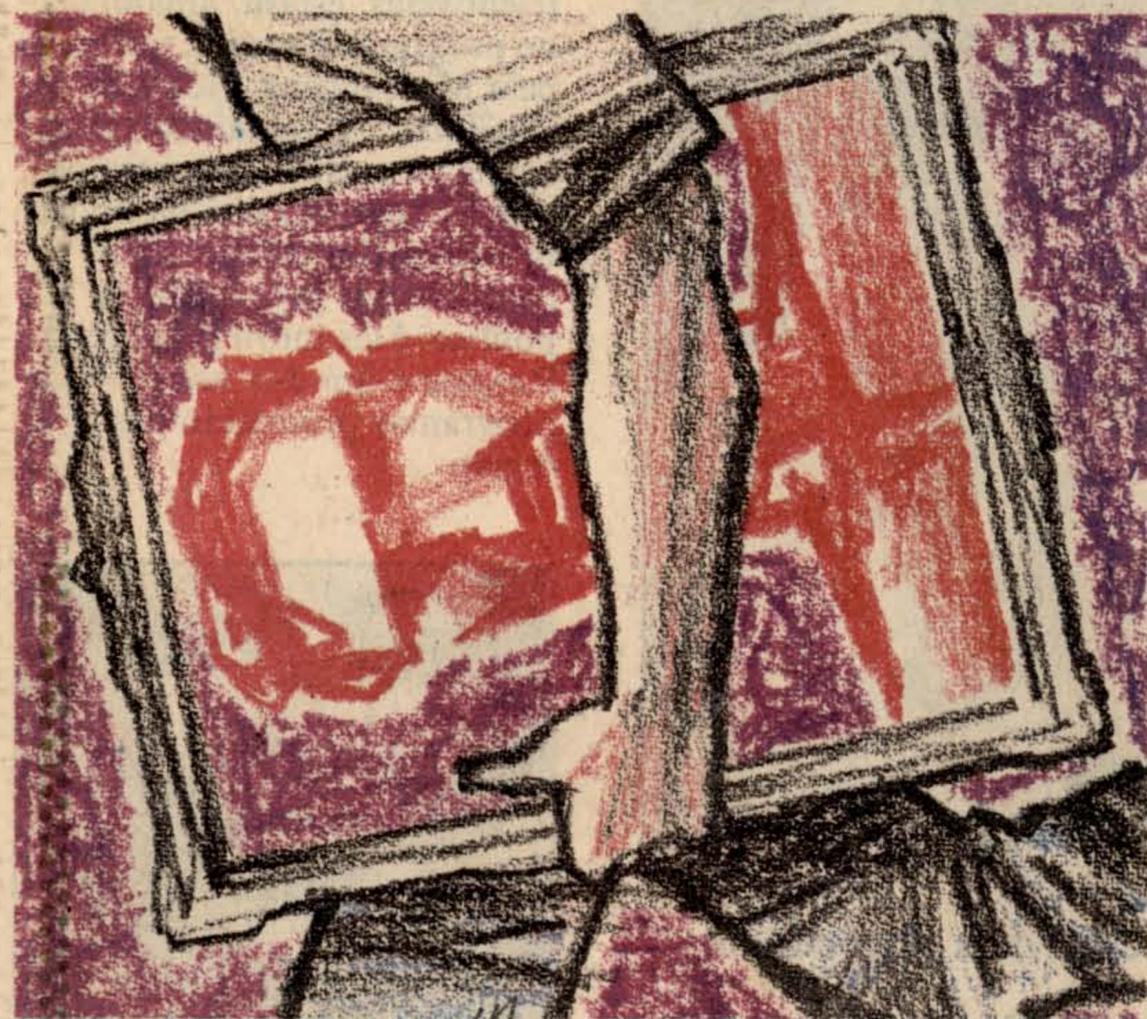
★ *Lançamento de As Várias Faces, de Salim Miguel*

- Local:** Palácio Cruz e Sousa - Praça XV de Novembro - Centro, Florianópolis.
- Data:** hoje, às 20h30min.

As várias faces de um autor de talento

Salim Miguel lança hoje sua novela *As Várias Faces* (Editora Movimento/FCC Edições), às 20h30min, no Palácio Cruz e Sousa. Esta sua nova obra é uma novela em três atos que inicia com um roubo numa exposição de pintura. Mais uma vez o escritor ambienta sua ficção no ano de 1964, uma tumultuada época onde a realidade e fantasia misturam-se. O objetivo do autor não é descobrir o culpado do roubo de uma peça de arte, mas acompanhar o confronto das várias camadas da elite de formadores de opinião. *As Várias Faces* tem 149 páginas e pode ser adquirido a R\$ 12,00.

De acordo com o crítico literário Antônio Hohlfeldt, a fragmentação é a principal marca da modernidade e da contemporaneidade do autor. Salim Miguel é jornalista, escritor, argumentista e roteirista de cinema. Possui 12 publicações e antologias e, de 1947 a 1958, participou do movimento Grupo Sul. Atualmente é superintendente da Fundação Franklin Cascaes, da Prefeitura Municipal de Florianópolis.



Um lançamento cheio de emoção

No livro *As Várias Faces*, tudo é colocado com profunda emoção e sentimento

Maria Nina Glado

As Várias Faces, de Salim Miguel (o novo lançamento da Editora Movimento, com 149 páginas) consiste na união dos estilhaços do poder e da sedução. Eles revelam relacionamentos que se iniciam, se chocam e que têm como pano de fundo uma exposição de pintura, na qual

acontece um roubo.

Tudo é colocado com profunda emoção e sentimento; as marcas do pessimismo e da melancolia misturam-se com o desejo esfuziante de experimentar todo o poder que a vida oferece, seja ele político, econômico ou afetivo.

Penetrando no íntimo da natureza humana, Salim Miguel faz aflorar, através de seus personagens, sentimentos que mantemos escondidos no âmago do ser: o amor impossível, a

erda inevitável, memórias e lembranças que fazem do passado parte do presente.

Enfatizando muito mais o aspecto psicológico dos personagens do que o enredo propriamente dito, o autor documenta "as contradições de uma época e de uma civilização". Com uma trama bem-delineada, Miguel procura captar a sensibilidade que envolve a todos.

Uma característica singular de *As Várias Faces* é que o original nos é apresentado

como sendo do gênero novela. Ao abrirmos o livro encontramos divisões em atos, indicações de cenário, aquilo que poderíamos chamar de rubricas e diálogos marcados como numa peça de teatro.

Mas, o fato é que tudo isso não passa de fragmentações que indicam coerência com a "modernidade e contemporaneidade". E também atesta uma legítima evolução literária. Não é um livro fácil de ler, mas constitui-se numa sedutora leitura.

Várias faces

O ficcionista Salim Miguel chega com novo livro, *As Várias Faces*, novela que acaba de ser lançada pela Editora Movimento. Para o crítico Antônio Hohleldt, a fragmentação é a principal marca da modernidade e

da contemporaneidade da escritura de Salim Miguel. Mas o crítico ressalva: "Para um escritor que não é afeito aos modismos nem às etiquetas momentâneas, é lógico que existe mais do que isto".

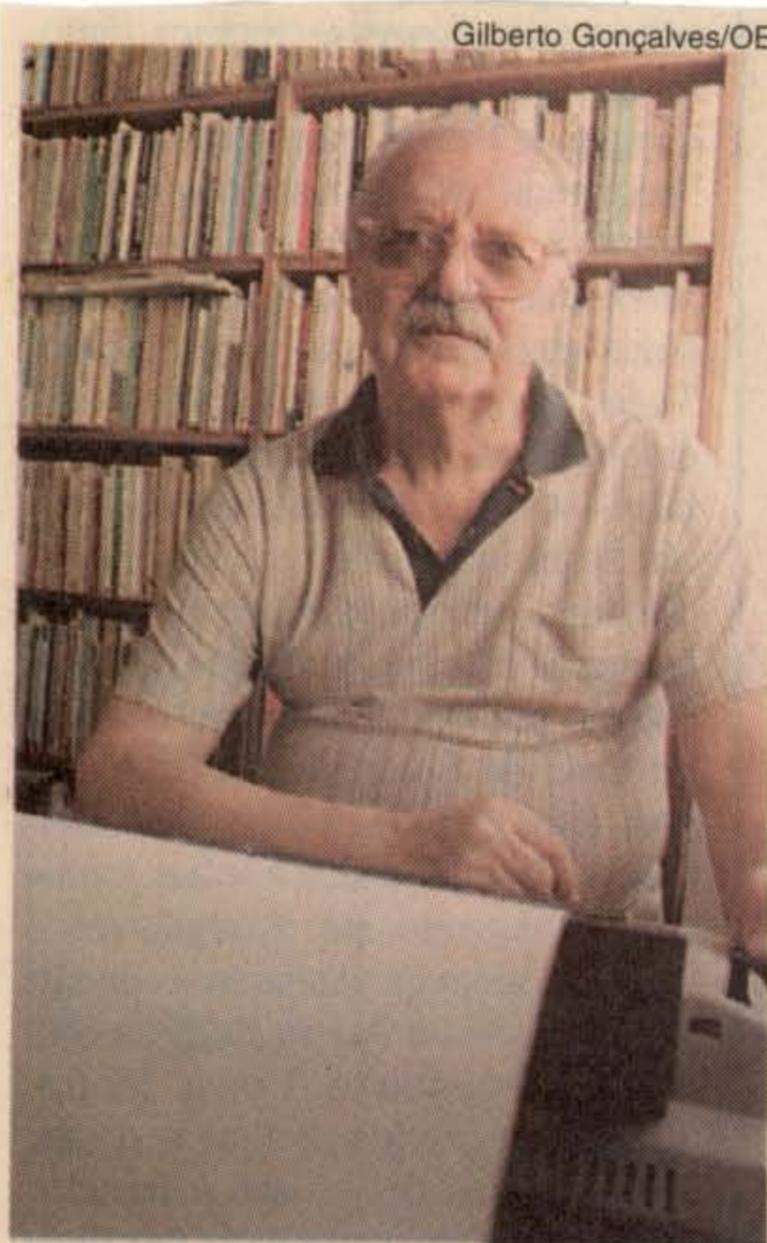
026 - SALIM: obra nova. **O Estado**. Florianópolis, 02 dez. de 1997. Informação Geral. p. 4

Salim: obra nova

Escritor Salim Miguel, cujo nome dispensa apresentações, lança amanhã, em Biguaçu – às 20 horas, na Câmara Municipal –, seu livro mais recente: “Onze de Biguaçu Mais Um”, editado pela Insular.

São ficções criadas por um dos grandes mestres da literatura catari-nense de todos os tempos, guru de toda uma geração de escritores. O título e o local do lançamento têm tudo a ver com as raízes de Salim – um libanês que se criou em Biguaçu.

Haverá lançamento em Florianópolis (Embratel) dia 9.



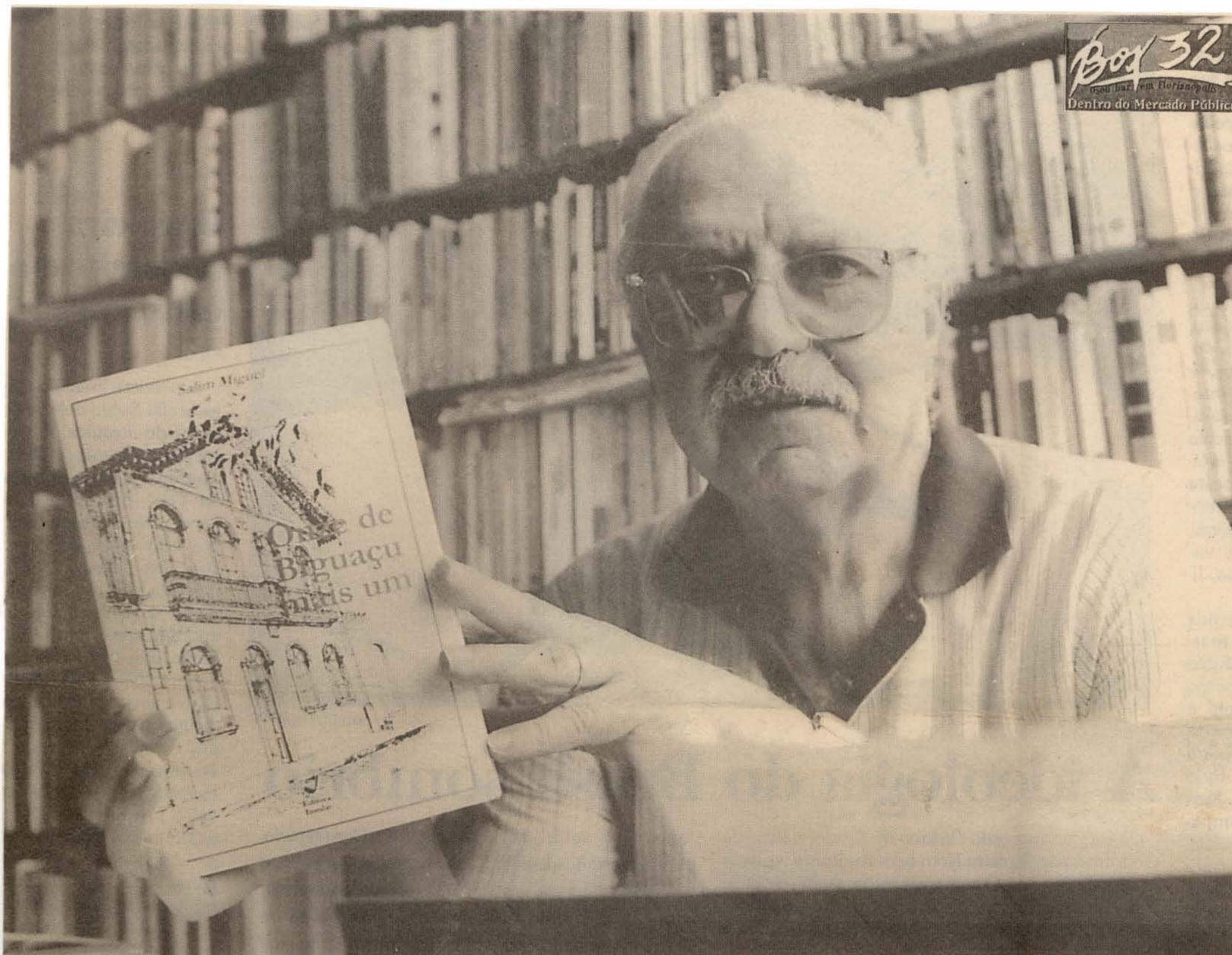
Autor valoriza a memorialística

Salim Miguel lança nova obra hoje

Escritor Salim Miguel lança hoje à noite, na Câmara Municipal de Biguaçu, seu livro "Onze de Biguaçu Mais Um", editado pela Insular.



O FENÍCIO: O escritor no seu ambiente, ao lado de alguns dos livros que lia quando menino para o cego João Mendes



ROBERTO SCOLA/DC/Florianópolis

SERVIÇO

★ Lançamento do livro **Onze de Biguaçu mais um**, do escritor **Salim Miguel**

Cidade

Biguaçu

Dia

Hoje

Hora

20h

Local

Câmara de Vereadores

Cidade

Florianópolis

Dia

9 de dezembro

Hora

20h

Local

Auditório da Embratel

A Biguaçu universal

Livro de contos de Salim Miguel descreve, em tom ficcional, passagens de sua infância e adolescência

Dorva Rezende
FLORIANÓPOLIS

O escritor Salim Miguel está colocando em dia a produção de quatro anos, tempo em que esteve à frente da Fundação Franklin Cascaes, e que não teve como se dedicar como era necessário à sua literatura. Hoje, às 20h, na Câmara de Vereadores de Biguaçu, ele lança o livro *Onze de Biguaçu mais um*, reunião de 12 contos que ele classifica como "ficção-autobiográfica", publicado pela Editora Insular. Na próxima terça-feira, fará o lançamento em Florianópolis, no auditório da Embratel.

Salim Miguel está com outros dois livros no prelo: *Variações sobre o livro*, ensaios, que sairá pela Editora da Universidade de São Carlos, e *As confissões prematuras*,

novela, a ser publicada pela editora Letras Contemporâneas. "Como até março, o mercado editorial brasileiro para completamente, acredito que devo lançá-los juntos, em abril do ano que vem", diz Miguel. Também está pronto o romance *Sementes, um ciclo de vida*, que segue a linha autobiográfica, e que está sendo disputado por três editoras.

Em *Onze de Biguaçu mais um*, o escritor realizou o desejo de colocar o nome da cidade em que se criou na capa de um livro seu. "Tem aquela frase do Tolstói: Trata bem a tua aldeia... Quando o



escritor fala de seu povo, de sua gente, está dando um recado para todo o mundo. E os personagens que aparecem são recorrentes em meus livros", afirma. O livreiro cego João Mendes, o prefeito Fedoca, o delegado-alfaiate João Dedinho, o preto velho Ti Adão, o pai Yussef-Zé Gringo, sem nenhuma vocação para o comércio, são citados nas passagens e artimanhas do único personagem sem nome, o filho do imigrante libanês (futuro jornalista e escritor).

Onze de Biguaçu mais um são os 11 contos com narrativas da infância e ado-

lescência do autor e outro sem uma ligação aparente, mas também podem ser um time de futebol e o reserva que fica injustiçado no banco (no conto *O gol*). O mais um, no caso do livro, é o conto *Ponto de balsa*, história que surgiu durante uma reportagem para a revista *Manchete*, na década de 70 (quando Salim Miguel teve que deixar Santa Catarina em função do golpe militar de 1º de abril). "Estávamos em Chapecó, e uma noite eu e o fotógrafo saímos para tomar uma cerveja, quando surgiu o balseiro e contou a sua história. Pensei em publicar uma matéria, mas a revista não quis e eu a guardei até que surgiu essa oportunidade de publicá-la. E apesar de se passar no Oeste, na fronteira, tem uma relação com Biguaçu, porque tanto o jornalista quanto a prostituta são do Prado", explica o escritor.

Salim Miguel e a força da memória

Gilberto Gonçalves/OE

*Escritor catarinense
lança hoje à noite seu
livro mais recente, Onze
de Biguaçu Mais Um*

Carlos Damião

É sempre bom saber que o velho combatente Salim Miguel continua firme nas suas lides com a palavra, principalmente depois que deixou a atividade pública e pode, agora, dedicar-se de corpo e alma ao que sempre mais gostou – justamente a literatura. Volta a lançar um volume de ficções, "Onze de Biguaçu Mais Um", editado pela Insular, hoje às 20 horas, na Câmara Municipal de Biguaçu.

As novas gerações deveriam conhecer melhor Salim Miguel. Melhor, talvez não seja a palavra. Há um desconhecimento generalizado em relação à literatura catarinense, Salim incluído, por conta de deficiências de educação e mesmo de difusão cultural. Alguns de nossos autores são mais conhecidos – e admirados – fora de Santa Catarina. Mas merecem ser mais apreciados por seus conterrâneos, especialmente os jovens, que talvez não tenham se contaminado pelos best-sellers fáceis e ridículos, pelos Paulo Coelho da vida, pelas "obras" de auto-ajuda, de misticismo, de

A cigana (trecho do livro)

(...) "Só no fim da semana o filho do seu Zé-Gringo fica sabendo da Sofia. Estudante em Florianópolis, morando com uns patrícios, havia ocasiões em que nem vinha, começara a formar novos amigos, a se soltar, descobrira a noite e o cinema, a figueira da Praça XV e o 'footing', o Miramar e a cerveja, o Mercado Público e o bar na Ponte Hercílio Luz. Chega, se depara com um terreno invadido. Estranha, em hora tão matutina, a chusma de amigos, conhecidos, desconhecidos. Até o dorminhoco do

Salomão, sempre derradeiro a aparecer. Mal desce do ônibus o pai chama-o, antes que fosse abraçar e beijar a mãe, queria saber se lhe trouxera os jornais, preocupado com as notícias captadas no rádio Philips, ficava grudado ao dial, pulando de uma emissora para outra, mais atento à Nacional, em busca de maiores informações sobre o 'putsch' integralista, a resistência do Getúlio Vargas no palácio presidencial das Laranjeiras, o sumiço do Plínio Salgado, que uns tempos antes passara por Biguaçu. O filho entrega o pacote

com **O Estado**, **A Gazeta** – e nem precisa perguntar a razão do movimento. Um dos irmãos dá a notícia, cochicha, vais ver ela mano, um estouro, está deixando a turma alucinada. Levou-o para os fundos da casa, apontou. Lá fora um vulto perto do fogão se entremostra. Nenhuma impressão. Isto pouco dura. Talvez influenciado pelos demais, nem precisou muito, cai num deslumbramento diante daquela revelação. Era um dia de verão, sol esplendente – e ele continuava correndo de um lado para o outro (...)"

anjomania.

Não há nada em Salim Miguel que não possa ser considerado contemporâneo e, mais que isso, moderno. O escritor conhece seu tempo, acompanha-o, transforma-o. Foi assim desde 1947, quando o corajoso jovem, com um grupo de amigos, lançou-se à aventura (e ventura) do Grupo Sul, a esgrimir modernidade cultural contra os arcaicos intelectuais provincianos. Só por isso, Salim mereceria todas as nossas homenagens. Mas ele foi muito mais longe.

"Onze de Biguaçu Mais Um" é uma obra moderna, com o estilo que carac-

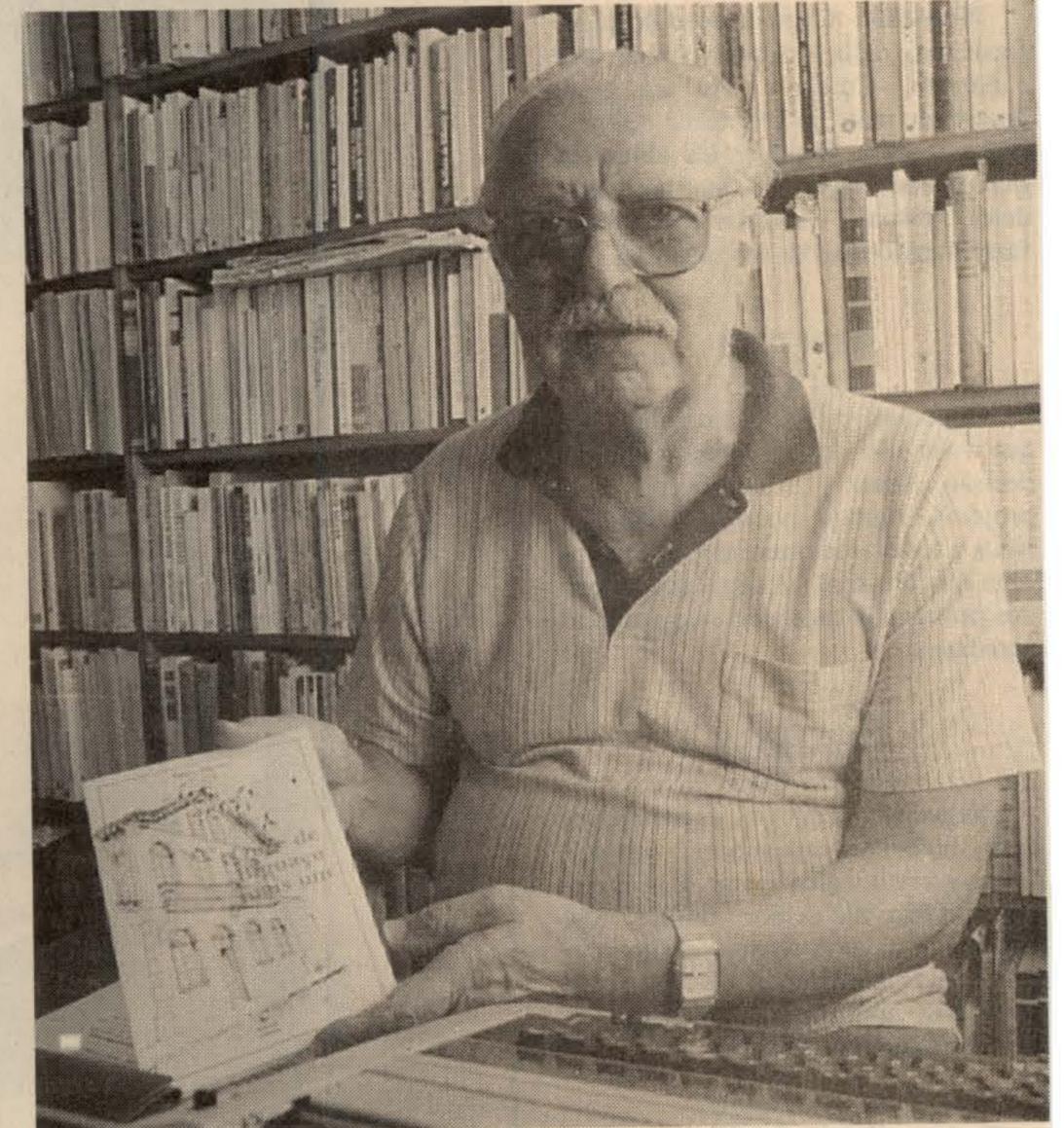
terizou toda a trajetória de seu autor, ao longo desses 50 anos – talvez mais – de dedicação à literatura. Ao denominar a obra de "ficções", Salim não quis reduzi-la a conto, novela ou romance. São histórias aparentemente independentes, mas que se interpenetram, pela memorialística, viajando pelo passado dos libaneses, filhos de Yussef e Tamina, que chegaram a Biguaçu na segunda década do século e ajudaram a construir a cidade litorânea catarinense.

É isso que as novas gerações têm que conhecer. A força da história-real, da história-ficção, da poesia inesgotável

que o autor transmite em sua obra.

Biografia – Salim Miguel é jornalista e escritor, argumentista e roteirista de cinema. Nasceu em 1924 no Líbano e criou-se em Biguaçu. Transferiu-se com a família para Florianópolis em 1943, onde criou com amigos o Grupo Sul, que introduziu, com 25 anos de atraso, o modernismo em Santa Catarina. Preso em 1964, teve que se transferir para o Rio de Janeiro com a mulher – Eglê Malheiros – e filhos. Voltou a Florianópolis em 1979.

"Onze de Biguaçu Mais Um" é o seu 15º livro.



Salim: aventura literária que começou há cinquenta anos e segue firme

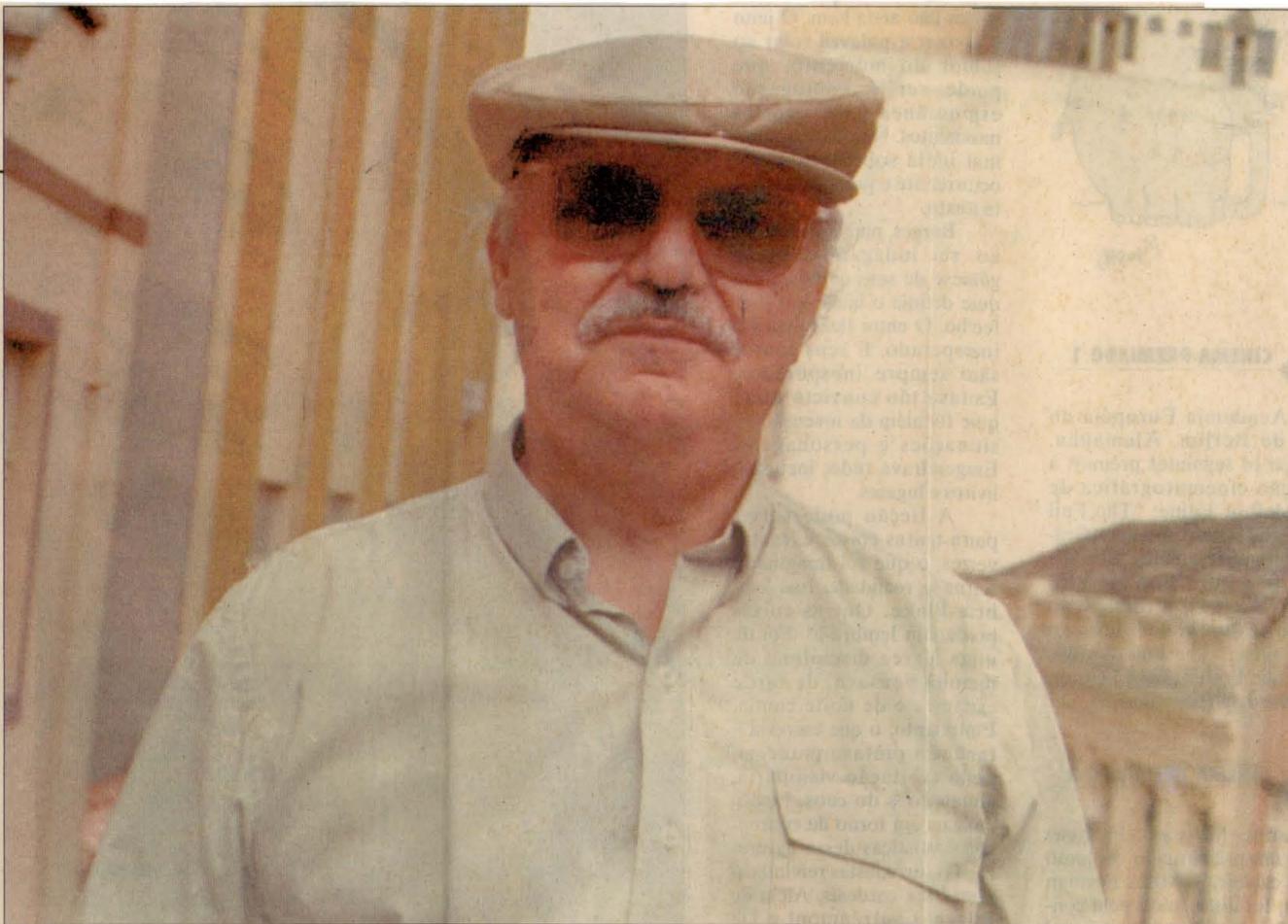


Biguaçu de Salim

O escritor e jornalista Salim Miguel lança no próximo dia 9, às 20 horas, no Auditório da Embratel, praça Pereira Oliveira, *Onze de Biguaçu mais um*, livro publicado pela Editora Insular.

Informações pelo fone
223-3428.

ROMANCE DE
FORMAÇÃO
livro de Salim
Miguel é para
ternuras, revelações,
espantos,
descobertas,
grandes e pequenas
satisfações



JOEL GEHLEN
EDITOR DO ANEXO

Biguaçu de Salim

Escritor catarinense
lança o 15º livro hoje
em Florianópolis



Joinville — Salim Miguel lança hoje, na sede da Embratel, em Florianópolis, seu 15º livro, "Onze de Biguaçu mais um". Trata-se de uma novela de formação, com narrativas até a juventude. É parte de um livro maior, "Semente de um Ciclo de Vida", que está sendo examinado por três editoras do eixo Rio-São Paulo, e deve sair ano que vem. Salim, como ele próprio se auto-define, é um escritor por teimosia. "Gostaria de ser ensaísta, texto nenhum meu sai sem a quinta, sexta versão. Neste sentido, Salim faz valer uma velha máxima do poeta argentino Jorge Luiz Borges, para quem os escritores só publicam seus livros para livrar-se deles. Caso contrário, passaria o resto da vida a revisá-los.

"Onze de Biguaçu mais um" é um livro para ternuras, revelações, espantos, descobertas, grandes e pequenas satisfações. Salim escreve sem sotaque ou, por outro lado, com sotaque fortíssimo, sem amarras, âncoras e, ao mesmo tempo, profundamente enraizado no humos de uma memória quase coletiva, embora seja tão particularmente sua. Escreve com um regionalismo, talvez mais, um parquialismo, mas ao mesmo tempo, com uma universalidade, difícil de atingir.

O livro traz onze histórias pequenas — mais um conto — que se passam em Biguaçu, município hoje soterrado pelo termo Grande Florianópolis, que a tudo abarca e iguala naquele cantão da Capital. Sua narrativa pega o leitor pela mão e o carrega pelas ruas da cidadezinha num tempo em que entre Biguaçu e Florianópolis havia uma viagem. Um tempo que só pode ser encontrado naquele recôndito da lembrança, oficina em que os episódios são limados com o sal da ficção. São 11 memórias que compõem uma trajetória da infância à adolescência. O que era para ser apenas o retrato de um imigrante libanês quando jovem, de uma época, de uma localidade, ganha nova abrangência na pena de Salim. São

casos marcantes da vida de um garoto ou adolescente, aqui ou na Conchinchina.

Os acontecimentos, como um formão rústico, talham memórias indelévels. Tão absolutamente pessoais, mas ao mesmo tempo tão compartilháveis com o leitor. É tudo tão generosamente escrito que nos flagramos como que lembrando e não lendo num livro. A primeira das onze lembranças de Biguaçu é de uma mudança, em que a cadela Taira é deixada para trás.

O episódio é pretexto para dizer quem são os Miguel: dona Tamina, seu Zé e os filhos. Se estabelecem em São Miguel. Pequenos comerciantes ocupam uma bodega-loja-venda-armazém-bar, onde pode-se encontrar de gêneros alimentícios, a cortes de fazenda, pinga, papos e notícias que vinham pelo rádio. As histórias são todas dele, do filho de seu Zé, do Zé Turco, do Zé Gringo, do Seu Zé da venda.

A dicção de Salim é apurada como doce em tacho de cobre. Fervida em fogo brando, com ingredientes os mais simples, chega-se à apuração do melão, ao tempero ideal, o ponto de equilíbrio onde não sobressai o que seja memória, ficção, narrativa ou puro delírio estilístico. Ao mesmo tempo, é o comezinho, a faina miúda saída do inesgotável baú de uma vida. Um acontecimento bruto é abrigado para sempre no limbo da memória, como um grão de areia, aí o autor vai agastando-se em cãs e dando à pedra liames até chegar à pérola inescrutável.

Sua escrita chega a uma misteriosa simbiose entre lembrança e ficção, entre monólogo interior e descrição exterior, em que o menino e o ancião (atrás da pena) e o leitor se inter-relacionam e trocam impressões. As passagens de primeira para terceira pessoa são orquestradas, medidas, exatas para reverter em multiplicidade de interpretações. Como quando o menino tem uma alucinação ao correr pela rua para apanhar uma moeda. Conforme passa em frente das casas, padaria, ferraria, farmácia, alfaiataria, barbearia e livraria, a praça enxerga atrás das fachadas as pessoas, suas

vidas, particularidades, como se tudo lhe passasse pelas ventas, num turbilhão. Em poucas linhas, num momento de angústia do menino, o autor consegue dar uma panorama de como é o centro de Biguaçu e quem são as gentes que ocupam cada casa.

Esta multiplicidade de intenções e de resultados pode-se perceber em todo o livro, daí que há muitas noções, muitas informações, sentimentos, sotaques, sons, imagens, um muito de tudo, em cada linha, frase. Não é apenas aquela linearidade. Sua engenhosidade utiliza cada silêncio, cada palavra com uma múltipla significação. Talvez por isso o livro seja tão fininho, 102 páginas apenas, e nele caiba tanta vida. Vida apenas, prenhe de possibilidades.

RETATO DE ÉPOCA

No comércio miúdo de seu Zé, um retrato de época de Santa Catarina, mas poderia ser qualquer lugar — Pará, Espírito Santo, Minas Gerais. Uma viagem de mais de uma semana, com a carrocinha de um cavalo só pelo caminho de Lages, para além de Bom Retiro. Leva produtos industrializados que troca por feijão, milho verde, batatinha, maçã, pêssego, marmelo, laranja-umbigo, vergamota, melancia... Tudo é trocado no mercado público de Florianópolis, por outros mantimentos necessitados na vendinha em São Miguel. E nesse ir e vir, há todo um modo de comerciar. Como de uma arcada, a partir dele pode-se desvelar uma época inteira de muitas gerações.

E há nestas onze historietas a constituição do retrato do artista, do futuro escritor, seu pendor pelos livros. E tem uma passagem que poderia ser um livro inteiro, onde o filho do Zé Gringo passa horas lendo em voz alta na livraria de João Mendes, poeta e livreiro cego: "Ambos, o poeta cego e o rapazola, numa ânsia insaciável de saber". Tímido e arredio, ele "vinga-se de si mesmo e dos demais estudando, fazendo-se saber mais".

O "...mais um" do título é o conto "Ponto de Balsa". No qual Salim exercita sua prosa

feita de muitos liames, entrelaçados como sisal. Nele, o balseiro Amélio narra, de memória e loucura, o ocorrido, uma tragédia, um sibilar inesquecível. É um balseiro calejado de tanto tourear o rio Uruguai, levando madeira de Chapecó a São Borja, no Rio Grande do Sul, aproveitando a vazante das cheias, sobre as águas barrentas indomáveis do rio.

No botequim, enquanto espera que o rio atinja o ponto de balsa, que suba o bastante para que possam navegá-lo, bebe e fala com o jornalista Biguaçu (Salim?), sobre a vida desbragada, sagas, bandidagem, coragem, grilagem, lendas (para que o rio suba é preciso que haja uma morte por afogamento, muitas provocadas).

Enquanto espera, a vida corre desbragada em botecos, puteiros, crimes. Então o rio cresce monstruoso, bojudo, indomável. Quando inunda tudo, traz pavor para muitos, mas eles, os balseiros se animam, "aprontando-se para cavalgar as águas no dorso das balsas". Viagem de incontáveis perigos. Com excepcional narrativa, consegue em um conto, a densidade dos épicos, das tragédias, trabalhando a linguagem a construção de tempos, vozes, sotaques, e esta fatalidade que se encontra, por exemplo, nos vaqueiros de Guimarães Rosa.

O lançamento deste "Onze de Biguaçu mais um" é apenas o primeiro de uma série. Salim tem um no prelo para sair ainda este ano, pela Universidade de São Carlos, "Variações Sobre o Livro", com textos sobre o poeta Cruz e Sousa. Em abril do ano que vem, sai "As Confissões Prematuras", pela Letras Contemporâneas, de Florianópolis; além do "Semente de um Ciclo de Vida", ainda data não definida. A noite de autógrafos na Embratel tem um motivo especial, seu diretor, Danilo Cunha, quer implantar na sede da empresa um espaço cultural, bem no coração de Florianópolis.

◆ Lançamento: "Onze de Biguaçu Mais Um", de Salim Miguel. Onde: Embratel, praça Pereira e Oliveira, centro, Florianópolis. Quando: Hoje, às 20 horas. Quanto: R\$ 12,00. Informação: (048) 223-3428\

◆ 15º

Escritor Salim Miguel, nos idos dos seus 70 e poucos anos, chega ao seu décimo quinto livro entusiasmando os leitores. Por isso estará hoje, no espaço cultural da Embratel, autografando a obra “Onze Biguaçu Mais Um”, editado pela Insular e escrito na tranqüilidade da praia da Cachoeira do Bom Jesus, onde descansa o “velho guerreiro” com a sempre Eglê Malheiros.

033 - WOSGRAUS, Juliana. Noite de autógrafos. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 09 dez. de 1997. Variedades. p. 7.

Noite de autógrafos

□ O lançamento do livro de Salim Miguel, *Onze de Biguaçu Mais Um* (ed. Insular), não foi ontem como a coluna publicou. Mas será hoje, às 20 horas, no auditório da Embratel, na Praça Pereira Oliveira.

□ Além dos 15 livros que completa com esse agora, Salim é uma pessoa que, ao longo das últimas cinco décadas, está presente diretamente na cultura de Santa Catarina.

□ Um dos fundadores do Grupo Sul, o libanês-biguaçuense é sempre incansável quando se trata de batalhar pelos assuntos da cultura.

034 - HOMENAGEM literária: Onze de Biguaçu mais um de Salim Miguel. O Globo. Rio de Janeiro, 20 dez. de 1997. Prosa & Verso. p. 2

**Onze de Biguaçu
mais um** *de Salim
Miguel*. • Editora
Insular, 102
páginas • R\$12



Homenagem literária

• Jornalista, escritor, argumentista e roteirista de cinema, Salim Miguel presta, neste seu 15^o livro, uma homenagem à cidade de Biguaçu, perto de Florianópolis, para onde o menino nascido no Líbano em 1924 se mudou, acompanhando a família. É uma reunião de 11 contos, que apresentam um forte componente biográfico — um lugar transformado pela lembrança e pela memória permeia todos os textos — e podem ser lidos como uma novela, onde se acompanha a trajetória de um jovem, da infância à adolescência. Entretanto, os contos também apresentam autonomia, exibindo tramas que se fecham em si mesmas, independentes, não se ligando sequer pelo nome do jovem personagem, que jamais é citado.

DO LEITOR

Reminiscências

Assim podemos classificar o livro do escritor e jornalista Salim Miguel, lançado na Câmara de Vereadores, em Biguaçu, dia 3 do corrente, às 20 horas, publicado pela Editora Insular. Com o título "Onze de Biguaçu mais um", o escritor descreve numa linguagem clara e rica, com detalhes, passagens de sua infância e adolescência, através de 12 contos. A verdade é que tamanha é a identificação de Salim Miguel com o povo de Biguaçu, que ele tão bem conhece, que fez questão de colocar o nome da cidade na capa do seu livro. Filho de imigrantes libaneses, desde muito cedo o escritor já revelava o gosto pela leitura. Ele mantém uma linha de pensamento que dá aos seus contos uma dimensão universal, projetando ainda mais Biguaçu. Por isso, devemos saudar com entusiasmo este primoroso lançamento "Onze de Biguaçu mais um". Parabéns ao escritor, como conterrâneo e também filha de imigrantes libaneses me sinto duplamente gratificada, com o seu sucesso e peço a Deus que o ilumine para que tenha disposição e que em breve possa editar mais e mais bons livros como este.

Norma Amorim
(Biguaçu)

ONZE DE BIGUAÇU MAIS UM

Há muitos anos Salim Miguel devia a Biguaçu um livro que tivesse o nome do município no título. Paga-se, agora, a dívida com este Onze de Biguaçu, mais um. Aliás, direta ou indiretamente, toda a sua produção literária centra-se e remete a uma Biguaçu mítica e real.

Nas ficções deste livro o mesmo fenômeno, uma localidade transfigurada pela lembrança e pela memória, ocorre - e ocorre de forma ainda visível. Perpassa, inclusive, um componente autobiográfico

a permear os textos. Estes podem ser lidos, também, compondo uma novela de formação, ao acompanhar a trajetória do crescimento e a tomada de consciência no mundo de um jovem, da infância até a adolescência, cujo nome próprio jamais é citado. Mas os textos podem, por igual, ser lidos como autônomos. Cada trama se fecha em si mesma, num todo independente. Sendo assim, processa-se a leitura por qualquer dos capítulos. Daí a denominação genérica de ficções - que a epígrafe de Borges convalida. (...)

Reencontro com o contista

Antônio Hohlfeldt

Os editores anteciparam algumas informações. Imaginemos outras: "Onze de Biguaçu mais um", de Salim Miguel, reúne uma dúzia de contos, alguns mais, outros menos curtos, todos absolutamente dotados daquela densidade emocional e daquele clima que só um escritor com a experiência de Salim Miguel sabe criar. Uma dúzia é uma quantidade completa. Dispensa ser ampliada, da mesma forma que não aceita ser dividida. Assim, os onze contos iniciais, a que se junta mais um, longe de parecerem uma unidade imperfeita, acabam constituindo uma equilibrada obra de criação, aproximando a figura do escritor à do Criador maior, nada a tirar, nada a negar, muito menos nada a acrescentar.

Há muitos motivos para que o leitor se alegre com a publicação desse livro. Antes de mais nada, o retorno de Salim Miguel a ficção curta. Efetivamente, há mais de uma década o escritor vinha se dedicando à narrativa de maior fôlego. E se as invenções do narrador sempre encontravam novas maneiras de prender a atenção, nem por isso deixavam de provocar uma certa nostalgia no leitor mais fiel de Salim Miguel, leitor de livros como "Velhice e outros contos".

Embora jamais se tivesse afastado de seu principal elemento de criação, a memória, na verdade, nos últimos tempos, Salim Miguel, quem sabe cedendo à provocação da idade, dedicara-se a explorar com maior explicitude esta velha e sempre renovável matéria-prima. Basta lembrar um de seus mais recentes trabalhos, o objetivamente

memorável (sem qualquer pretensão de trocadilho) "Primeiro de Abril - narrativas da cadeia", em que o escritor retomava o episódio de 1964 de que foi uma das tantas vítimas.

Com "Onze de Biguaçu mais um" retoma-se aquela perspectiva que tornou o escritor reconhecido nacionalmente: o mítico universo de Biguaçu, a narrativa numa terceira onisciente pessoa que, se tudo sabe, também tudo compreende, numa empatia contagiante pelas personagens, o reencontro com aquelas figuras que desfilaram ao longo de décadas pelas páginas dos livros mais diversos, bastando lembrar Ti Adão... neste sentido, este novo livro é um verdadeiro inventário dos livros anteriores. Mais que isso, ele funciona como uma espécie de gênese às avessas da criação literária de Salim Miguel e, ainda mais por isso, é um livro mítico. Mítico porque fala dessas origens, mítico porque se situa no *umbigo do mundo*, como diria Mircéa Eliade, para explicar o modo pelo qual se deu a criação e a maneira pela qual ela é permanentemente reinventada, reencenada, redramatizada e, portanto, reanimada.

Pelos doze textos de Salim Miguel desfilam as situações que, como se antecipa através da epígrafe tirada de Jorge Luis Borges, em sendo a memória de um - o narrador - se completam no reencontro com a memória dos outros - os leitores - concretizando na prática aquela perspectiva revelada por Walter Benjamin em seu conhecido ensaio "O Narrador": o narrador é aquele capaz de, permanecendo sempre ao lado dos seus, alcança revelar-lhes

aquilo que, tendo acontecido em meio a eles, por eles não havia sido percebido.

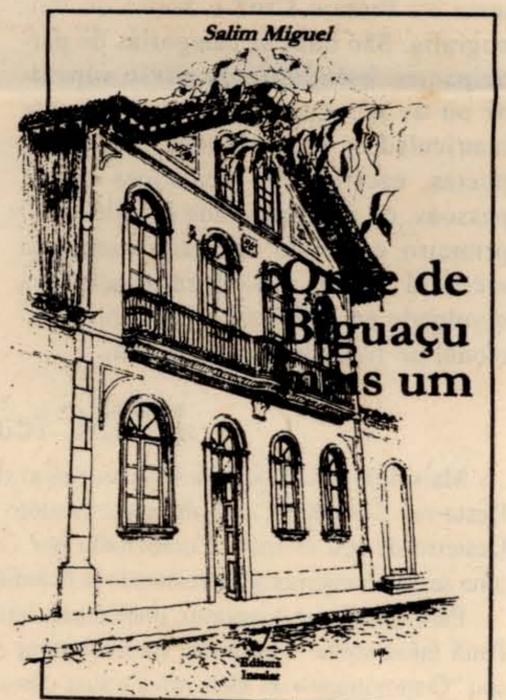
Essa função de *vate*, como na clássica épica grega, é extraordinariamente bem desenvolvida por Salim Miguel: da memória particular do narrador/emissor cuja imagem ele assume, a eficácia da obra se realiza na medida em que se transforma na memória coletiva dos leitores/receptores, de tal maneira confundidos na personalidade do narrador que não distinguem mais se aqueles fatos, efetivamente, aconteceram com aquele que narra ou com aqueles que lêem/escutam.

Essa fantástica sedução, tão típica do narrador oriental que encontramos já na tradução da jovem Sherazade das "1001 Noites", é o que, uma vez mais, a magia de Salim Miguel nos entrega neste livro. Viajamos em busca dos donos (e do lar) perdidos, na pele da cachorra Taira, no conto do mesmo nome, e que abre o volume, animal-personificado com a mesma força da Baleia de Graciliano; frustramo-nos com a decepção do menino de "A Lição" que, de certo modo, ecoa a mensagem daquele outro magnífico conto chamado "Trezentas onças" de Simões Lopes Neto, onde a lição ética se coloca na prática e não apenas na teoria; resistimos com denodo ao desafio da "Câimbra", um dos grandes momentos desta série de narrativas, para nos perdermos definitivamente nas sombras iluminadas da fantasia de "A Cigana" ou viajarmos nas luzes escurecidas da impossível visão auditiva de "Sexo".

Em todos os textos, a mesma lição

de paciência, de tecitura cuidadosa, lenta, sutil e paciente que já fôra a descoberta de Penélope à espera de Ulisses: o bom narrador, assim como o bom viajante, não é aquele que segue direto ao ponto de chegada, mas sim o que, ao contrário, espairose, perde-se, deixa-se levar, parecendo que adere mas sem se deixar perder de rumo, enriquecendo-se, referindo coisas que não parecem ter nada a ver com o principal, mas que, quando, enfim, chegamos ao porto, ao ponto, ao horizonte, ao objetivo estabelecido, revelam-se, enfim, chegamos ao porto, ao ponto, ao horizonte, ao objetivo estabelecido, revelam-se, enfim, como a astúcia escondida - agora descoberta - do narrador viajante: em cada conto, Salim Miguel não apenas aumenta um ponto, mas desdobra muitos outros tantos pontos, compondo a teia, ampliando a malha, tecendo a velha e sempre nova coberta que nos aquece e, simultaneamente, nos destapa, levando-nos a nos revelar, reconhecendo-nos. A arte do conto de Salim Miguel é feita desta inteligência da meia palavra, do jogo, da aparência, tudo destinado a chegar até a essência, ao miolo, ao que somos efetivamente: a terceira margem.

ANTÔNIO HOHLFELDT - Escritor com vasta obra na área da crítica literária e da literatura infantil e infanto-juvenil. Vereador em Porto Alegre e autor da trilogia sobre "A literatura catarinense em busca de identidade" dedicados ao conto (1985), ao romance (1994) e à poesia (1997).



O menino é o pai do homem

"Onze de Biguaçu mais Um", obra mais recente de Salim Miguel, revisita a família e a infância no pequeno universo interiorano da grande Florianópolis

CARLOS APPEL
ESPECIAL PARA O ANEXO

A última história de "Onze de Biguaçu mais um" (Editora Insular, Florianópolis, 1997) de Salim Miguel, remete a uma dupla idéia: a da vida como travessia e como *nêmesis*, a vida como memória e esquecimento, a vida como mito e realidade.

As onze histórias que compõem o livro, e mais uma com o título de "Ponto de balsa", até certo ponto ampliação de "A novidade", conformam a vida de um jovem no seu restrito e pequeno universo interiorano. No espaço informe entre o mito e a razão, Salim Miguel reconstrói e reinventa sua infância, os valores, as situações reveladoras das pessoas que, envoltas em costumes, anseios e crenças ancestrais, conseguem firmar sua trajetória e tomar consciência das suas possibilidades.

A vida aparece condicionada não pelo sertão, mas pelas águas, com suas inúmeras veredas e seus insuspeitados "ressorgos". Que cidade, senão Biguaçu, poderia

ter um livreiro poeta e cego, "sativista implacável"?

Nunca foi tão real, como nessas histórias de "Onze de Biguaçu mais um", aquela metáfora freudiana de que o menino é o pai do homem. Todos os sinais importantes para a formação do futuro homem já estão presentes no universo infantil: o amor da mãe (Taira) e seu aconchego; a confiança e a noção dos limites que lembram o pai, e a ultrapassagem da porta da casa em busca da escola (a segunda casa da criança) em "É turco"; já "Lição" lembra, ainda que de modo distante, "Conto de escola" de Machado de Assis, com as primeiras noções dos valores humanos, no limiar do caminho que vai da dignidade à corrupção.

O alongamento do mundo familiar, sua lenta e inexorável transgressão e a sensação de que o mundo está dentro e fora de nós ao mesmo tempo, de que ele é feito de algo mais do que nossos pequenos anseios e perspectivas, vai tomando corpo em "Estréia", "Um susto", "Câimbra", um dos momentos em que emerge a

noção dos limites humanos, "A cigana", "Sexo", "A novidade", "O gol" e em "Na ganja, não". "Ponto de balsa" constitui o ponto de ruptura desse universo infante-juvenil, os sinais transformados em dura realidade, como a dizer que nada é por acaso e que o homem é fruto do menino que um dia ele foi.

DO LÍBANO A BIGUAÇU

As histórias desse novo livro de Salim Miguel são interdependentes. O ficcionista revisita a família e sua infância e, do Líbano a Biguaçu, do pequeno universo interiorano ao grande mundo de Florianópolis, se constrói e se projeta, de modo surpreendente, a vida de uma família com seus percalços, lutas, limites e possibilidades; se delinea uma geração, se recompõe uma época. O menino que tudo vê, observa e sente, está pronto para decifrar a esfinge da vida.

Mais dois aspectos chamam a atenção do leitor. O primeiro deles é o processo utilizado pelo autor quanto ao enfoque, pois, no correr da história, deslizamos do escritor

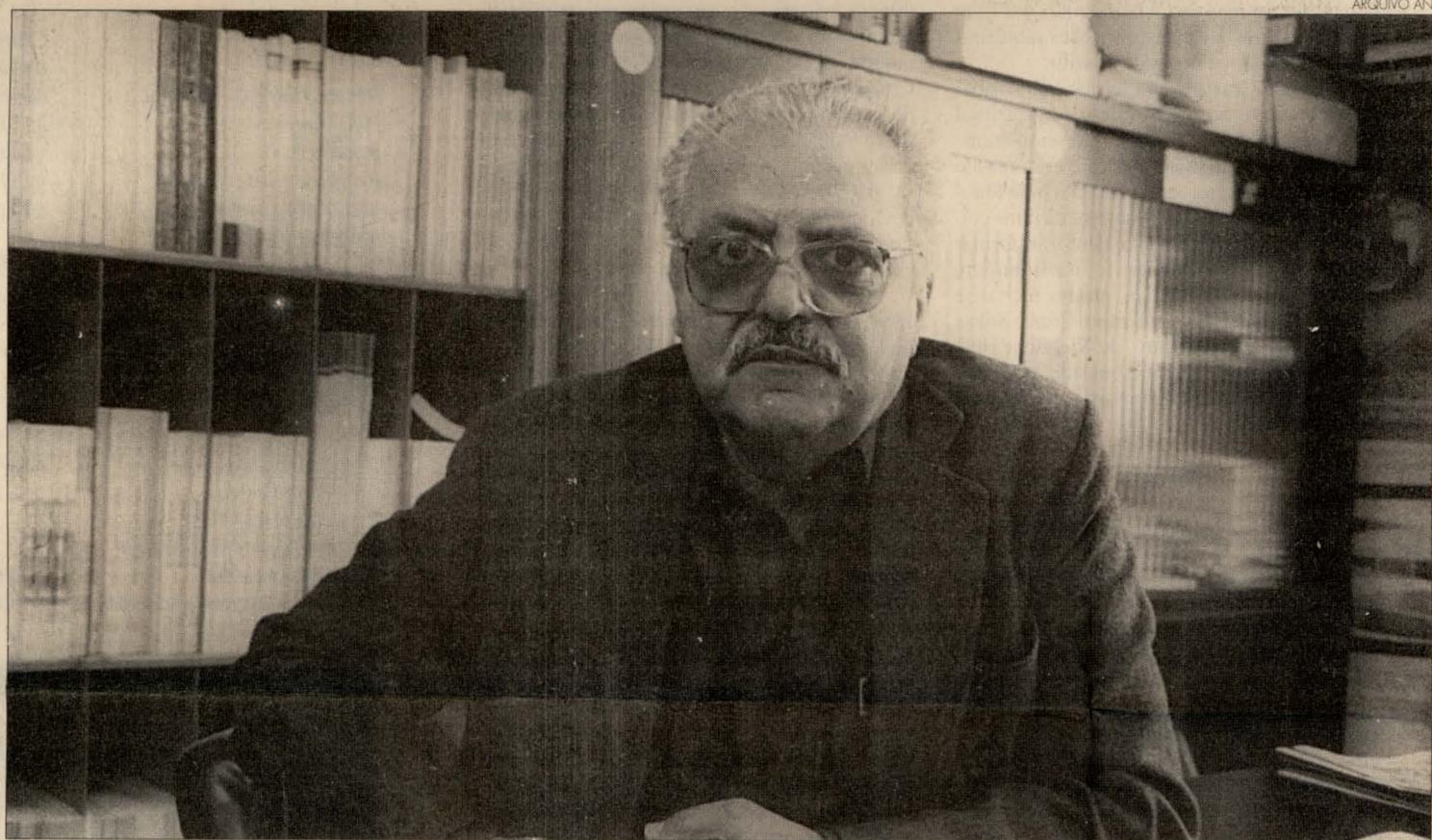
onisciente para a personagem criança sem que esta, objetivamente, assumo o comando da teleobjetiva, ou seja, da narração. O enfoque, de acordo com as circunstâncias, se torna uno e múltiplo ao mesmo tempo, a personagem é uma e todas as personagens, em vários estágios e situações.

O segundo aspecto nos leva a uma conhecida observação de Marguerite Yourcenar a respeito de um dos erros mais graves que um escritor pode cometer, o de não resistir a se repetir e, imitando a si mesmo, perpetuar uma forma que deu certo uma vez.

Está claro que Salim Miguel supera esse entrave. Ele entende que, para começar uma nova obra, terá de ver nascer sob seus dedos, como um oleiro a girar seu torno, uma forma inteiramente nova e que ele só poderá usar uma vez. Foi o que fez com *Onze de Biguaçu mais um*.

Mais do que um achado, eis uma obra madura, a navegar entre o sonho e a realidade, entre a intenção e a razão, guiada por um astronauta seguro do seu rumo.

ARQUIVO AN



Indicações/Lançamentos



MENINA A CAMINHO — de Raduan Nassar, editora Cia das Letras (Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 72 - 04532-002, São Paulo, SP). 83 págs. R\$ 13,00.

"Menina a Caminho" reúne cinco narrativas curtas de Raduan Nassar, autor brasileiro bissexto conhecido pelo romance "Lavoura Arcaica" e pela novela "Um Copo de Cólera". Do texto homônimo escrito nos anos 60 ao recente conto "Mãozinhas de Seda" (1996), o livro não alcança os cumes de linguagem e inventividade de suas outras obras, mas revela facetas de um Nassar ainda a caminho de seu excepcional estilo.



ANA CRISTINA CÉSAR — de Ítalo Moriconi, coleção Perfis do Rio, editora Relume Dumará (Rua Barata Ribeiro, 17 - sala 202 - CEP 22.011-000 - Rio de Janeiro/RJ). 150 págs. Ensaio biográfico

em tom confessional, "Ana Cristina César" aborda os últimos dez anos de vida da poeta carioca que se suicidou em 1983. A militância no jornalismo cultural, a vida acadêmica, angústias e amores são abordados de forma simples por um observador privilegiado, o professor de Literatura da Uerj, Ítalo Moriconi. Tendo convivido com Ana nos anos "pós-desbunde", traça um vívido retrato "marginal" dos 70's.

Nascido em Kfarsouroun, no Líbano, mas catarinense por adoção, Salim Miguel é jornalista e escritor, tendo sido o criador do movimento modernista Sul, em fins da década de 40 e co-roteirista, com Eglê Malheiros, do primeiro longa-metragem catarinense: "O Preço da Ilusão" (1957)

A obra-prima de Salim Miguel

HAMILTON ALVES • ESCRITOR

Salim Miguel vem de lançar seu 15º livro — “Onze de Biguaçu mais um” — título até certo ponto meio estrambótico, mas é, a meu ver, o melhor dele (título) envolvendo todos os outros.

Não li a obra toda de Salim. Li dele um ou outro livro: “As Desquitadas de Florianópolis”, que contém um conto antológico, “Buck Jones. Aliás Célio (uma biografia)” e outros. Este último, lançado há pouco, peguei-o no dia do lançamento e o devorei, começando pela narrativa sobre a cachorra Taira, que perseguia a família por onde andasse, conquistando o coração de todos, até a derradeira, “Ponto de Balsa”, que é a mais longa e, para o meu gosto, a mais bem trabalhada.

Todo o artista é admirável pela singela razão de ser artista num tempo em que nada estimula a arte. O escritor vive neste país soterrado pela indiferença e pela burrice galopantes. Não esqueçamos que o Brasil não tem mais que oitocentas livrarias, com 8,5 milhões de quilômetros quadrados. Não me esqueço o dia em que fui numa banca de jornais e descobri uma edição da Abril de “Esperando Godot”. Ainda estava a obra de Samuel Beckett em papel celofane, mas a traça já havia praticamente consumido esse papel envoltório. Percebiam-se nódoas de bolor em torno da capa e contracapa, na lombada, etc.

Peguei o livro. O dono da banca ou quem ali fazia suas vezes perguntou-me se gostara do livro.

— Sim, gostei; queria levá-lo; quanto é?

— Não é nada; tá jogado às traças; não o devolvemos à editora; leve-o de brinde.

Ora, isso é uma denúncia contundente a toda uma sociedade, que deve primar pelo cultivo de todas as frivolidades, menos de cultura.

Borges já relatava essa indiferença num prefácio à novela de Melville, “Bartleby, o escrivão”. O crescimento desmesurado das cidades, a massificação, etc., tudo isso leva as pessoas de alguma maneira a voltarem as costas a uma obra-prima. Em outras palavras, era mais ou menos isso que dizia o *brujo* argentino sobre a novela incomparável de Melville (que foi também em seu País esquecido, só reabilitado trinta anos após sua morte).

Haverá tempo em que descobriremos tardiamente essa geração de artistas catarienses, que quando menos deixou sua marca indelével nestes tempos. Tudo se acabará: os grandes lances históricos, os líderes passageiros, os fatos que hoje se alçam à notoriedade, as paixões dos homens. Mas o registro que fica nas páginas de um livro, numa obra de arte, será um marco à posteridade, ainda que hoje o artista não conte praticamente para nada. Ou para muito pouco.

Cruz e Sousa é o exemplo maior do que acabo de dizer. Quem pode medir a importância dele no cenário da história deste Estado? Bem raros ou quase ninguém.

Mas voltando ao Salim, da nobreza biguaçuense, admiro-o de velha data. Desde quando ainda muito jovem, voltado já às

lides da imprensa local, mas em outra área, não participante ainda do movimento literário mais significativo daquela época, o grupo Sul, que teve ressonância nacional, já o lia em suas crônicas, contos, artigos publicados na imprensa.

E entre estes há um trabalho que guardo na memória: a crônica sobre o Pereba no jornal “O Estado”.

Pereba era um garoto que trazia na expressão ou numa bronquite crônica os sinais evidentes de uma morte anunciada. Vendia jornais, engraxava sapatos, era vivo, simpático, estimado por todos e principalmente chegado aos intelectuais, que o apreciavam e o queriam bem.

Não tinha ainda por esse tempo nenhuma ligação com o Salim. Começamos a nos aproximar a partir de quando freqüentamos o mesmo jornal. Pela primeira vez me viu batucando uma máquina de escrever, a jato, como é meu hábito, a ponto de o Salim, admirado, perguntar ao Ciro Marques Nunes, que era diretor de redação: “O negócio é assim?”

O jornal era o “Opinião Pública”.

No dia do lançamento do livro do Salim, débito irremovível dele com a cidade que serviu de seu segundo berço e a que ele (como revela no livro) está indissolúvelmente ligado, disse a amigos:

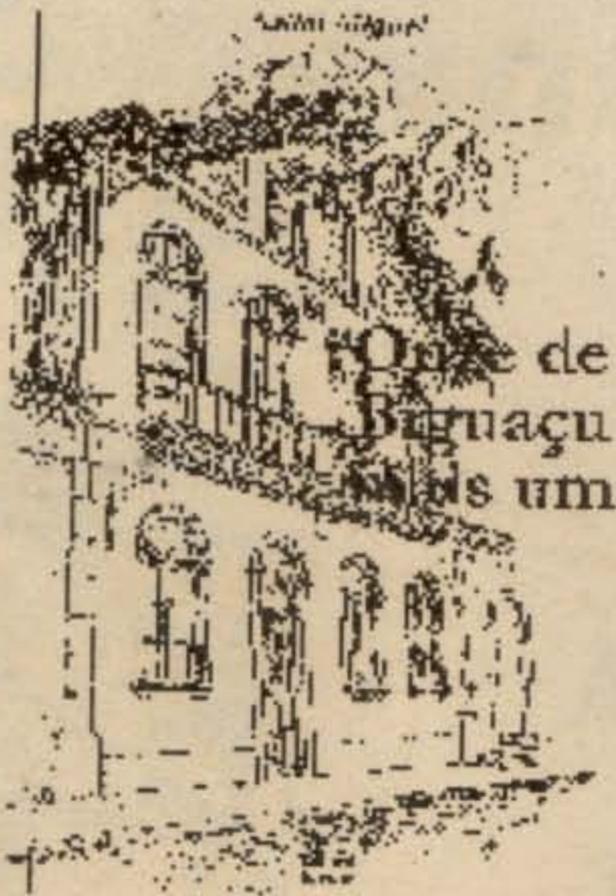
— A maior obra do Salim é a crônica que escreveu sobre o Pereba.

Risos gerais.

Vamos descobrir um dia que devemos muito a esse escritor líbano-biguaçuense.

Os *Onze de Biguaçu Mais Um*, de Salim Miguel. (Editora Insular, 102 páginas, R\$10). Novela - Seguindo os moldes de seu livro anterior, *Primeiro de Abril - narrativas da cadeia*, Salim Miguel aborda aqui também a memória autobiográfica. O personagem sem nome desta novela, na sua trajetória da infância à adolescência, toma conhecimento de um mundo real e ao mesmo tempo mágico, centrado na cidadezinha de Biguaçu, em Santa Catarina, terra do autor. Como num jogo com o leitor, cada um dos capítulos pode ser lido como um conto, ou fora de sua cronologia.





Contos
Editora Insular
Santa Catarina-FL
1997

Autor de uma obra já bastante vasta, que passa pelo romance, o conto, o ensaio, o jornalismo, o cinema, etc., o escritor Salim Miguel, catarinense de Biguaçu, presta uma homenagem à cidade natal em “Onze de Biguaçu mais um”, coletânea de contos que resgatam o cotidiano de uma pequena cidade situada nas proximidades de Florianópolis. A lição de sexo que um adolescente recebe numa pensão, a chegada de Carlos Galhardo à cidade, o garoto que é surpreendido ao montar um amável cavalo, estão entre as narrativas desse “Onze de Biguaçu mais um”, de Salim Miguel.